

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

LÍLIACABRAL

DESCOBRINDO LÍLIA  
ANALÚCIA RIBEIRO

Imprensa Oficial

**Lília Cabral**

**Descobrimo Lília Cabral**



**Lília Cabral**

**Descobrimo Lília Cabral**

Analu Ribeiro

**| imprensaoficial**

São Paulo, 2007



Governador José Serra

**imprensaoficial**

**Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Diretor-presidente

Hubert Alquéres

Diretor Vice-presidente

Paulo Moreira Leite

Diretor Industrial

Teiji Tomioka

Diretor Financeiro

Clodoaldo Pelissioni

Diretora de Gestão Corporativa

Lucia Maria Dal Medico

Chefe de Gabinete

Vera Lúcia Wey

### **Coleção Aplauso Série Perfil**

Coordenador Geral

Rubens Ewald Filho

Coordenador Operacional  
e Pesquisa Iconográfica

Marcelo Pestana

Projeto Gráfico

Carlos Cirne

Editoração

Aline Navarro

Assistente Operacional

Felipe Goulart

Tratamento de Imagens

José Carlos da Silva

Revisão

Amancio do Vale

Dante Pascoal Corradini

Sarvio Nogueira Holanda

## Apresentação

*“O que lembro, tenho.”*

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se

tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries: *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o

primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O caso dos irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa

documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres  
Diretor-presidente da  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Para Paula, Teté e Dênis,  
companheiros de aventura.*

**Analu Ribeiro**



## De olhos bem vermelhos

Lilia Cabral entrou na minha vida com a peça *Feliz Ano Velho*, que virou uma obsessão maluca que durou praticamente toda a (longa e incrível) carreira do espetáculo. Eu e meus grandes amigos daquela época (1983 em diante), a Paula e o Dênis, além da minha irmã, Teté, transformamos o *Feliz Ano Velho*, seus atores e os teatros em que eles se apresentavam (primeiro o Centro Cultural São Paulo, depois o Auditório Augusta, hoje Teatro Augusta, o João Caetano e o Sérgio Cardoso, só para citar alguns), no nosso ponto de encontro. Tanto a gente vivia por ali que até uma banquinha que vendia os produtos da peça (programa, camiseta, o livro do Marcelo Paiva) eu toquei. Logo eu, que sou absolutamente analfabeta em matemática!

Mas é que, contanto que estivéssemos por perto, valia tudo. Foi uma loucura adolescente que nos divertiu, nos ensinou, gerou várias brigas familiares, mas não causou nenhum dano permanente.

Muito pelo contrário. Foi um prazer gigante acompanhar aqueles jovens atores em seu primeiro grande sucesso e vê-los se transformar em nomes importantes da dramaturgia nacional.

A Lilia foi um dos que nunca mais voltou da temporada da peça no Rio de Janeiro. Ali mesmo a Globo a capturou para sempre. Logo ela que era a mais divertida, carinhosa e generosa no trato com os *cativas*, como a gente era chamado - porque tínhamos cadeira cativa na platéia. Ela nos levava pra lá e pra cá, nos apresentava seus amigos, nos incentivava a ir ao teatro e nos deu passe livre também para o infantil que ela fazia, *O Gato Malhado* e *a Andorinha Sinhá*, que era uma fofura de espetáculo. Depois do Rio, tivemos de nos contentar em acompanhar a carreira dela pela televisão. E em tocar a nossa vida.

14

Nunca deixamos de ser amigos e as lembranças do *Feliz Ano Velho* até hoje fazem parte das nossas conversas. Então, no dia 22 de setembro de 2005 - mais de 20 anos depois, porém - a Lilia nos deu de presente a noite mais emocionante da nossa vida de tiete.

Era a estréia em São Paulo do espetáculo *Divã*, no Teatro Faap. Alguém fez chegar a mim quatro ingressos para a primeira fila, e é claro que nós comparecemos excitadíssimos. A peça correu bem, já indicando o sucesso da temporada paulistana do *Divã*, até o final. Na hora dos aplausos, Lilia começou a chorar compulsivamente. Às vezes parecia que ia parar, ela tentava dizer alguma coisa e abria o *buê* de novo. A platéia aplaudia

mais. Nós quatro, que não a víamos há muitos e muitos anos, tentávamos encontrar explicação: *Acho que ela está chorando porque a mãe dela morreu*, eu pensei, lembrando de ter lido essa notícia em algum lugar. *Acho que está emocionada por estar de volta a São Paulo*, apostou a Teté. O impasse durou longos minutos até que ela finalmente fechou a torneira e veio com essa: *Me desculpem, eu quase não consegui fazer o espetáculo esta noite. É que quando eu fazia Feliz Ano Velho, lá no começo da minha carreira, tinha quatro adolescentes que iam ao teatro todas as noites. Hoje eu quase tive um treco quando vi as carinhas deles aqui na primeira fila.*

Bem, é claro que aí foi a nossa vez de abrir o berreiro. Quando nos encontramos no coquetel depois, estávamos todos de olhos bem vermelhos. Temos essa foto para lembrar para sempre daquela noite. Não que fosse possível esquecê-la.

Obrigada, Lilia.

**Analu Ribeiro**



*Na estréia de Divã, com Teté, Paula, Denis e Analu*

*Para Iwan, que introduziu a palavra  
família na minha vida.*

*Para Giulia, que aos 9 anos não sabe se quer  
ser atriz ou jogadora de vôlei. Eu só quero que  
ela seja feliz!*

**Lilia Cabral**



## De olhinhos bem arregalados

A Ana entrou na minha vida com os olhinhos bem arregalados e um sorriso permanente. Logo atrás dela estavam seus amigos Dênis e Paula, e mais atrás ainda, uma menina linda, mais nova do que eles, chamada Teté, irmã da Ana.

Eram todos adolescentes, felizes e gostavam de teatro. Ainda não sei se fui eu a responsável por isso... Mas o *Feliz Ano Velho* eu tenho certeza que foi.

Me lembro de chegar ao Centro Cultural Vergueiro atrasada, para variar, e lá estavam os quatro de sorriso aberto. Eu olhava, cumprimentava, e eles diziam: *Hoje é a terceira vez que nós assistimos ao espetáculo*. No dia seguinte, lá vinha eu correndo de novo, e a mesma cena se repetia: *Hoje é a quinta vez que nós assistimos...*, *Hoje é a oitava vez que nós assistimos*. Bem, naquela época fazíamos duas sessões no sábado e no domingo, e os *cativas* se faziam presentes em todas.

Até que um dia eu falei para o Paulo Betti, o diretor: *Paulo, essa garotada vem todo dia, eles não podem pagar mais, deixa eles entrarem sem pagar o ingresso!*

Eles sabiam todo o texto, as músicas, e se divertiam a cada sessão como se estivessem assistindo pela primeira vez. Quero dizer que assistiam sempre na primeira fila, ou no chão, ao lado da primeira fila. Eu ficava impressionada com a educação deles. Eram respeitosos, nunca invasivos, estavam lá para se divertir.

A Ana foi a primeira que se aproximou para dizer que tinha virado minha fã, logo no embalo vieram o Dênis, a Paula e a Teté. Eu era muito jovem para ter a dimensão do que é ter um fã, mas posso dizer, com muito carinho, que eu não podia ter começado melhor o meu fã clube!

20

Os anos passam, a vida da gente muda, muda para outra cidade, inclusive, mas isso não significa que esquecemos do que é eterno. Esses adolescentes cresceram. A Ana, a Paula e a Teté são jornalistas, e o Dênis é ator. E eu tenho tanto orgulho desses meus meninos!

Depois da estréia do *Divã* em São Paulo, a Ana me convidou para eu fazer parte da *Coleção Aplauso*. A primeira pergunta que eu fiz para ela foi: *Ana, será que eu tenho história para contar?* Ela me convenceu e depois do nosso primeiro encontro cheguei à conclusão de que nós duas é que temos uma história muito bonita para

contar, muito simples, mas linda. E aqui estamos nós contando!

Se você procurar no dicionário o que significa a palavra *fã*, vai encontrar assim: *que tem admiração por certo artista; admirador*. Mas eu acrescentaria ainda mais um detalhe: tem os olhinhos arregalados e um sorriso permanente. Obrigada, Ana.

**Lilia Cabral**

P.S. – E eu, além de atriz, comecei a exercitar um carinho muito especial por esses adolescentes que se tornaram meus amigos.



## Capítulo I

### O reencontro

Quando minha filha nasceu eu tinha 38 anos e no terceiro mês já estava na Bahia fazendo a novela *Dona Flor*. Isso era 1997. Quando me chamaram, era para fazer uma participação de apenas 11 capítulos e eu falei: *Tá, eu vou*. Depois, lá na Bahia, os capítulos foram se estendendo e eu ficava pensando na Giulia, o meu bebê: *Porque eu aceitei?* Mas adorei fazer, foi ótimo. Trabalhei ao lado do Marco Nanini e da Miriam Muniz, que foi minha professora na Escola de Arte Dramática. Me lembro bem das aulas dela, da maluquice dela, do humor dela e de como para ela tudo era sexo. Ela me dizia que, quando entrasse em algum lugar, tinha que entrar com a vagina. Então eu entrava na escola sempre assim, com a perna aberta e uma cara de quem sabe onde vai. Agora eu dou risada, mas eu entrava de verdade.

23

Contracenar com ela na novela depois de tantos anos foi uma maravilha.

Ela fumava muito, a toda hora falava pro bombeiro assim: *Ó, preciso fumar*. O bombeiro dizia que ela não podia fumar ali dentro do estúdio, então ela explicava: *Mas não é cigarro normal!* Imagina aquela senhora, que fazia um personagem na

cadeira de rodas! Eu entrava no camarim e ela estava fumando de pé em cima da privada, jogando a fumaça para fora da janela para o alarme de incêndio não apitar. Eu falava: *Miriam, você vai cair daí*, e ela: *Não, deixa, estou acabando este toquinho*, e descia.

24

Quando a gente estava no estúdio ela virava para mim e pro Nanini e perguntava: *Mas me fala, vocês ficam aqui o dia inteiro? Ninguém vem avisar nada, a que hora começa, é assim mesmo?* O Nanini respondia: *É assim mesmo*. E ela: *Mas escuta, cadê o diretor?* Qualquer um que passava, ela perguntava: *Ei, você sabe onde está o diretor?* A gravação no estúdio, que tinha que começar à uma da tarde, começava às três. Ela não se conformava, toda hora que passava alguém ela perguntava: *Mas o diretor não vem, ninguém sabe onde ele está?* Depois das três da tarde chegava o diretor e ela cobrava: *Mas você estava onde?*

A gente tinha que gravar uma cena no hospital às oito horas da manhã. Ela descia para tomar café com aquela bata que ia até o pé, fumando um cigarro (normal), e dizia: *Oito horas da manhã. Que coisa, né, é sempre cedo assim? Eu não me conformo, marcaram oito horas, p. q. p., daqui a pouco vai dar meio-dia, só dão café pra gente beber, não sei como vocês agüentam.*

Ela era uma figura, foi um barato ter reencontrado ela, um barato mesmo. Fiquei 20 dias na Bahia e a gente tomava café juntas toda manhã. Ela conversava comigo e se lembrava muito bem de mim na escola, dos meus exercícios. Se lembrou do meu último exame na EAD, em que eu fazia uma bêbada, um personagem que bebia muito. Só que eu fiz o inverso, eu enchia o copo e não bebia, só derramava a bebida quando eu gesticulava. Toda hora eu enchia o copo e quanto mais caía o líquido da caneca, mais bêbada eu ficava, sem beber absolutamente nada. Ela se lembrava dessa cena. E falou uma coisa para mim: *Quando você fizer qualquer coisa que você sabe que é engraçado, não comenta, não chame atenção do público para o que você está fazendo. Faça, vá fazendo, sem comentar. O público vai ficar seu cúmplice sem você precisar da aprovação dele.*

25

Ela faleceu logo que o *Divã* estreou, em janeiro de 2005. Morreu dormindo, e eu pensei na Miriam, no Armando Bogus e no Guarnieri, que também já morreram, e em tantos atores que eu admiro, Aracy, Fernanda, Paulo Autran, Irene, Walderez, Cleyde, uma geração de gente tão talentosa que eu não sei se se juntar todo mundo que está por aí agora vai haver talento parecido. Eles são de uma época em que a televisão não existia tanto,

que o público ia atrás dos espetáculos, era possível manter um espetáculo em cartaz durante um ano com meia casa. Hoje em dia, se não for sucesso, em um mês, dois, já acabou.

## Capítulo II

### Primo rico, primo pobre

Passei minha infância no bairro da Lapa, morava numa vila formada por diversas casinhas geminadas, um esquema bem italianinho na Rua Monteiro de Mello. Depois da entrada da vila tinha um matagal, meu pai brigava sempre com o dono das casas porque aquele mato crescia e ninguém cortava, e no fundo ficavam as casas. Todas iguais: dois quartos, um banheiro para a família, uma sala grande, uma cozinha, o quintal e um banheirinho para a empregada, uma coisa muito simples. Um dos meus vizinhos era marceneiro e fez uma casinha de madeira para mim no meio do matagal. Eu brincava muito ali com as minhas coisas, eu era a única criança dessa vila. Atrás da vila passava um córrego e tinha uma espécie de cortiço.

A Rua Monteiro de Mello era muito movimentada, de casas e comércio, mas uma parte do bairro reunia grupos de imigrantes que lutavam para sobreviver, então havia casas que serviam de habitação coletiva. Uma única casa era ocupada por três, quatro famílias, e aquilo virava um cortiço, uma pequena comunidade de famílias que dividia o espaço com outras famílias que não

tinham dinheiro suficiente para sobreviver com dignidade. A maioria dessas pessoas vieram da Itália na época da Segunda Guerra, fugidas da guerra ou logo depois do fim da guerra, quando não tinha trabalho por lá. Todos imigraram esperando encontrar um futuro aqui, e meu pai era um deles.

28

Seu nome era Bertolli Gino, ele era italiano, de Lucca. Era torneiro mecânico e trabalhava em uma empresa que ofereceu a perspectiva de ele vir trabalhar no Brasil e fazer o seu pé-de-meia. Nessa época a Itália passava por muita dificuldade. Além do cenário de guerra, o comunismo estava se tornando muito agressivo na Europa, as pessoas começavam a ter muito medo da total falta de liberdade. Então muitos italianos vieram pra cá.

Ele chegou aqui em setembro de 1948, sei o ano exato porque tenho guardado comigo o passaporte do meu pai. Recentemente tirei o meu passaporte italiano e agora estou tirando o da minha filha, Giulia. Quando meu pai chegou aqui, não era nada daquilo que tinham prometido. Acho que essa decepção acontece com todos os imigrantes, veja essas pessoas que vão do Brasil para o Japão, para a China, e ao chegar lá percebem que serão praticamente escravizados. Meu pai e os primos que vieram com ele foram se virar, cada

um com seu trabalho. Ele foi trabalhar em outra empresa, era um bom torneiro mecânico e aqui a mão de obra estava sendo valorizada.

Um dos primos do meu pai enriqueceu no Brasil, depois de patentear uma peça que formava a dianteira de carros como Aero Willis e Impala. Ele logo construiu uma metalúrgica e essa metalúrgica cresceu, cresceu, cresceu, ele se transformou num mega-empresário.

Meu pai não tinha tanta coragem, não tinha o brilhantismo e a ousadia do primo dele.

Ele era um pouco arraigado, um pouco bronco. Sabe uma pessoa cabeça dura, para quem você tenta explicar as coisas, mostrar vários caminhos a seguir, mas o fato de ele permanecer com aquela idéia fixa o faz ficar completamente cego a todas as possibilidades? O que aconteceu foi que ele cresceu limitado, chegou a ter uma pequena metalúrgica, com no máximo 200 funcionários, que depois diminuiu para 100 e mais tarde, na época do governo Sarney (1985-1990), quando as pequenas empresas que não conseguiram se fortalecer foram massacradas pelas grandes, ele, para não ir à falência, vendeu sua empresa e montou uma firma de esquadrias de alumínio para manter a sua vidinha.



*Os pais de Lília*

Os clientes do meu pai eram grandes, como a White Martins. O produto dele era a rosca sem fim, a peça mais necessária para fazer determinadas máquinas se movimentarem. Para fazer cimento, por exemplo, você tem que ter uma rosca sem fim que gira aquela estrutura até não poder mais. E a qualidade da peça que o meu pai fazia era muito boa, mas, como indústria pequena, ele foi perdendo espaço, porque ele era muito cauteloso com novos investimentos. Com isso, os dois primos que chegaram juntos ao Brasil logo se dividiram em duas categorias: o primo rico e o primo pobre.

  
 REPÚBLICA PORTUGUESA  
 RÉPUBLIQUE PORTUGAISE  
**PASSAPORTE DE EMIGRANTE**  
 PASSEPORT DE EMIGRANT

N.º 288  
 L.º 17  
 Fl.º 80

Governo Civil de Santa da Luz  
 Passaporte válido por um ano

Concede passaporte a Almedina Sofia de Medeiros Cabral  
Concessionaire du passaport à

estado casado profissão domestica

natural de Andorinha concelho de Nordeste  
et de

filho de Manuel Raposo Cabral  
da de

e de Rosalie Sofia de Medeiros  
se de

residente na Andorinha concelho de Nordeste  
em

que se destina a Castelhas Unidas do Brazil

acompanhado das pessoas de familia no verso designadas.  
avec les personnes de famille d'avec designees

Altura 1.48 Observações:  
Taille

Idade 17 anos  
Age

Cabelos castos  
Cheveux

Sobrancelhas idas  
Cilios

Olhos verdes  
Yeux

Nariz regular  
Boca

Boca bom  
Dentes

Cor branca  
Complexion

Rogo ás autoridades administrativas e a todas aquellas a quem pertencer  
On prie toutes les autorités administratives de ne pas faire de réclamation  
 seu conhecimento não pinham embaraço algum ao portador.

Dado em Santa da Luz [aos] 2 de [maio]  
le

O Governador Civil,  
[Assinatura]  
 O Chefe da Repartição,  
[Assinatura]

Assinatura do portador,  
Signature du porteur,  
Almedina Sofia de Medeiros Cabral

Custo total 151567  
à la suite

O passaporte português de D. Almedina, mãe de Lília

## Capítulo III

### Portuguesa com certeza

Almedina Sofia de Medeiros Cabral era de origem portuguesa. Também chegou ao Brasil como imigrante, depois que a guerra, a febre, as doenças, mataram meu avô e seis dos 13 filhos de minha avó, que morreram de pneumonia, tuberculose, peste, gripe espanhola. As crianças mal nasciam e acabavam contraindo alguma doença fatal.

Meu avô tinha uma loja de quinquilharias e era alfaiate. Nasceu no arquipélago dos Açores, era praticamente dono da Ilha de São Miguel. Com a morte do meu avô, minha avó ficou com as casas e as terras. Para sobreviver, deu os bens na mão de um agiota, porque ela tinha de cuidar de sete filhos. Quando veio para o Brasil, trouxe minha mãe, minha madrinha, a tia Rosália, tia Evangelina, tio Antonio e tio Artur. Dois ficaram em Portugal, com a promessa de que também viriam, mas não vieram, que eram meu tio João e minha tia Maricas.

Minha avó chegou aqui com cinco filhos, uma mão na frente e outra atrás, só com dinheiro suficiente para se estabelecer. Minha mãe e minhas tias foram trabalhar nas empresas Matarazzo, tio Artur foi trabalhar na companhia de trem, e

tio Antonio foi contratado pelas empresas Gasparian, onde foi crescendo até se tornar diretor-presidente. Quer dizer, veja só, meu tio era muito parecido com meu avô. Minha mãe também tinha esse aspecto empreendedor, logo estava se formando, já era secretária bilíngüe, tinha feito curso de contadora, era uma pessoa extremamente inteligente, mas aí conheceu meu pai, deixou de ser contadora, deixou de ser secretária bilíngüe, deixou de fazer tudo que sabia para ser esposa, e foi trabalhar na empresa dele. E nesse trabalho certamente não foi tão feliz quanto poderia ter sido num trabalho independente.

34

Minha avó, portuguesa, também se estabeleceu na Lapa, um bairro que acatava os imigrantes, sobretudo os italianos, assim como a Liberdade recebia os japoneses, e a zona sul, os alemães; é engraçado que São Paulo tem muito isso.

Na Lapa você vê famílias italianas para onde você olha, assim como a Vila Romana, onde fui morar depois, na Rua Caio Graco. Nem sei se foi por isso mesmo, pela proximidade com os nomes italianos do bairro, que os imigrantes acabaram ficando por ali mesmo.

Director do Departamento  
*J. Portante*

Registo Geral n.º *16178*  
 Nome *Almedina Sofia de Mendonça*  
 Pais *Manuel Barbosa Cabral*  
 Idade *quase quatro* nascido a *18*  
 Nacionalidade *Portuguesa*  
 Estado civil: *solteira* S.º: *feminino*

Caracteres chromaticos  
 Cuts *branca* Cabellos *cast esc.*  
 Barba *—* Bigodes *—*

Pollegar direito

Assinatura do Portador  
*Almedina S.M. Cabral*

SERIE V - 3835  
 Seção X - V - 2.2.22

S. Paulo (Brasil)  
 M. de *Agosto* de 1931  
 Categoria *Op. 4.ª S.ª. Guarn.*  
*babral.*  
 de *Agosto* de *1916*  
 Natural de *Porto Alegre*  
 Profissão *Escritora de livros*

56 é valida a carteira que tiver o sinal em relevo.

O Chefe da Seção de Propagandas e Colocações  
*Severino de V. 97*

A CARTEIRA PROFISSIONAL

Por menos que pareça e por mais trabalho que dá interessado, a carteira profissional é um documento indispensável à proteção do trabalhador.

Elemento de qualificação civil e de habilitação profissional, a carteira representa também título originário para a colocação, para a inscrição sindical e, ainda, um instrumento prático do contrato individual de trabalho.

A carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a esmembrar, logo verá se o portador é um temperamento esqueitado ou verátil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica, como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escada profissional. Pode ser um padrão de honra. Pode ser uma advertência.

(s.) *Alexandre Marcondes Filho.*

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
 DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO  
 SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Carteira Profissional

Série *76*  
 Número *87531*

Assinatura do portador  
*Manelli S. S. S.*

Carteiras profissionais dos pais de Lília



*Lília em 1958*

## Capítulo IV

### Casinha de boneca

Meu pai conheceu minha mãe na Lapa, nos bailes que tinha no bairro, eles se casaram na Lapa, eu nasci na maternidade Pró-Matre, perto da Av. Paulista, no dia 13 de julho de 1957, mas vivi minha vida toda na Lapa.

Me lembro muito bem do vizinho marceneiro que fez minha casinha para mim, eu não saía de dentro dela. Tinha um menino, sobrinho do marceneiro, que se chamava Heitor e era meu amiguinho. Ele também vivia dentro da casinha comigo, e topava todas as minhas brincadeiras de menina. Eu era o tipo de menina que adorava brincar de boneca, até lá pelos nove anos. Daí deixei de brincar de boneca para me dedicar ao esporte.

Não lembro da minha infância com muita alegria porque eu era muito podada. Podada na minha liberdade de pensar, tudo o que eu pensava guardava para mim, fazia parte da minha individualidade.

Ficava quieta no meu canto, tinha muito pouco espaço para me exprimir, para expressar as coisas que eu sentia de verdade. Hoje eu noto a

diferença que há em relação à minha filha, que tem só nove anos de idade. Eu a vejo falando sobre tudo, logo que acorda já me conta um sonho que ela teve, ou alguma coisa que ela pensou ou que discutiu no SOE, o Serviço de Orientação Educacional, uma aula que ela tem na escola onde são discutidos todos os assuntos da atualidade, da amizade à violência, e até sobre política, e vejo quanto eu fui podada nesse sentido.

38

Meus pais me olhavam como antigamente se olhava para uma criança, como se nós não tivéssemos capacidade. A capacidade estava neles, eles é que sabiam me educar, eles é que sabiam o que era bom, eles é que determinavam. Eu peguei essa geração. A minha mãe, quando eu nasci, tinha 40 anos. O meu pai era bem mais novo que a minha mãe, tinha sete, oito anos menos que ela. Minha avó materna, coitada, teve um derrame quando eu era bem pequena e foi ficando cada vez pior.

Eu tinha cinco anos e ela já estava na cama. Então eu não tive uma avó que me levasse para passear, que me pegasse no colo, que me levasse para tomar sorvete. Minha avó precisava de cuidados e minhas tias passavam a vida enfurnadas na casa dela, junto com a minha mãe. Mas minha avó sempre deixava espinafre pra eu comer. Acho que na cabeça dela o espinafre tinha vitamina, dava

força, fazia crescer, então eu tinha sempre que comer o espinafre. Eu ia visitá-la e o espinafre já estava separado para mim. Essa era a forma do meu pai, da minha mãe e de toda a minha família demonstrar preocupação comigo. Não era falar, não era me segurar, me dar carinho, me apoiar, sorrir. Era me alimentar e se certificar de que eu estava crescendo forte e sadia.



*A família de Lília na Itália*

## Capítulo V

### O broche e o anel

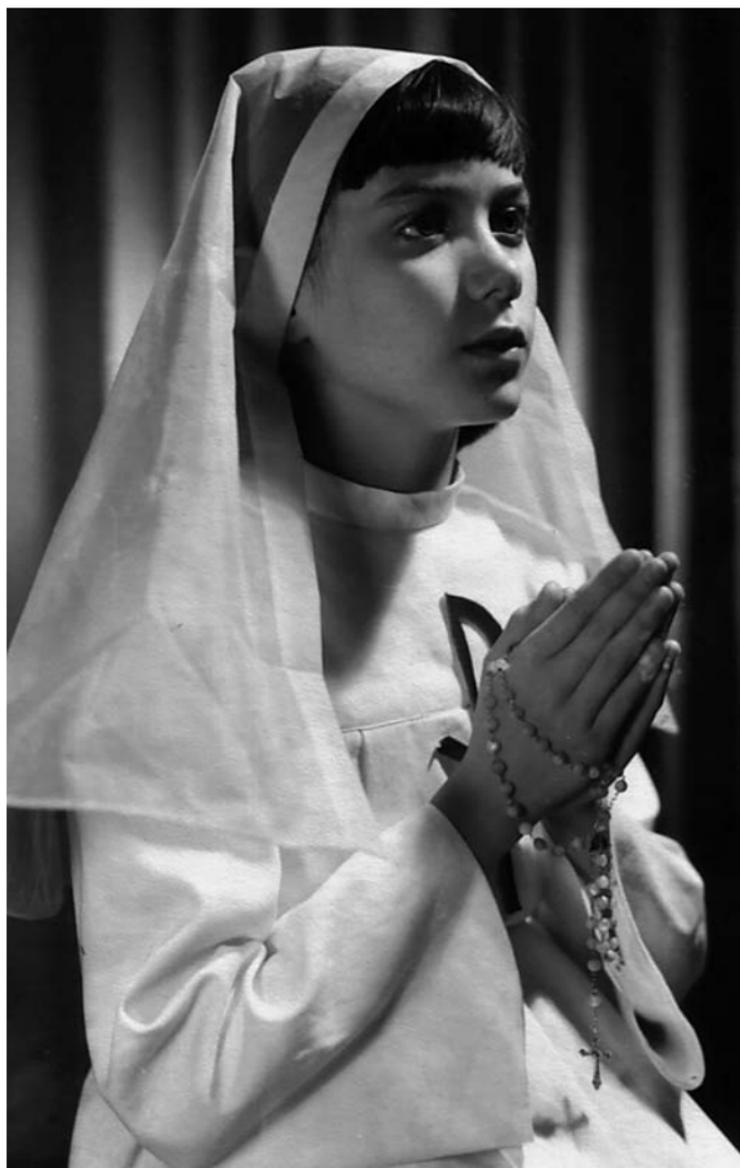
A família direta do meu pai ficou toda na Itália. Vicente, o irmão que veio com ele para o Brasil, não se deu bem por aqui e voltou pra casa. Meu pai ficou, mas também não foi tão bem-sucedido, não posso dizer que ele foi uma pessoa que nasceu, viveu e morreu realizada. As dificuldades eram sempre muitas. Não foi exatamente massacrado no sentido financeiro, porque não almejava ter muita coisa, e o que pensava ter ele até tinha, mas era aquilo, o básico sempre. Mesmo assim, nunca deixava de me proporcionar o que eu precisava. Sempre estudei em boas escolas, apesar de que na época que eu morava em São Paulo, a boa escola era a escola pública. Eu freqüentei uma ótima escola experimental, Dr. Edmundo de Carvalho, que me ajudou a recuperar parte da minha infância. Eu não me lembro de sorrir na minha infância, engraçado, né? Teve um Natal, por exemplo, em que meus pais me deram um broche, lindo, um broche de ouro com duas esmeraldas, eu odiei.

Peguei o broche e meus olhos se encheram de água, porque eu pensei: *O que eu vou fazer com esse broche?* Eu tinha doze anos. Eu não precisava

de um broche para nada, mesmo que fosse de ouro com esmeraldas, eu não queria. Quando fiz 18 anos, ganhei um anel de brilhantes, um solitário. Quando eu ganhei o anel eu entendi o que o broche significava, cada um era uma cerimônia de passagem. Mas eu tive de entender por conta própria, com muita dificuldade. Meus pais não eram carinhosos, era uma relação distante, quase fria. Então, mesmo quando eles tinham uma atitude bonita como essa de me dar um broche, depois um anel, cada um a seu tempo, era uma atitude que eu não conseguia enxergar exatamente.

42

O carinho da minha mãe comigo era bordar todas as blusas que eu ganhava ou herdava. E não era um bordadinho qualquer, era um bordado de primeira linha, então quando eu vestia aquela blusa todinha bordada, a barra da saia bordada, tudo bordado, aquilo era uma expressão do seu amor, de cuidado, de carinho, de dedicação. Mas ela nunca dizia assim: *Ai, Lília, como você ficou linda com esse vestido!*



*Lília, aos 9 anos, em sua primeira comunhão*



## Capítulo VI

### O pecado mora ao lado

Meu pai traiu a minha mãe até com a vizinha. Ele não dirigia e tinha um motorista que, de vez em quando, via o meu pai chegar de tarde e se aboletar na casa da vizinha da frente. Ele traía sempre a minha mãe, mas nunca a abandonou, nunca saiu do lado dela. Tanto que eles ficaram 30 anos casados. E ele esperou ela morrer para concluir que a amava. Ele nunca deve ter dito isso pra ela, o quanto ele a amou, o quanto ele gostou dela de verdade, porque ela já tinha morrido quando ele se sentou ao lado dela na cama e me falou assim: *Trinta anos juntos. Acho que é amor. Só pode ser amor.* Imagina!

45

Da mesma forma, quando ele brigava comigo, dizia: *É porque eu gosto tanto de você que eu tenho tanto ciúme, não quero que nada te aconteça.* E eu me aborrecia: *Você não quer que nada me aconteça, mas não adianta também me enclausurar!* Ele me dava bronca, mas nunca dizia do amor que ele sentia, do prazer da família, isso não existia. A gente não se comunicava direito. Uma vez apanhei do meu pai aos 16 anos porque tivemos uma discussão e ele interpretou mal uma coisa que eu falei, por isso me deu uma surra. Eu

fiquei chocada, já tinha 16 anos... Quando era criança, eu apanhava por tudo. Se eu caía, apanhava em cima porque tinha caído. Se derrubava um copo, apanhava porque era estabanada. Era um inferno.

Eu era uma criança muito introspectiva, fechada mesmo. Não era nem um pouco vaidosa, só ganhava roupa nova no aniversário, no Natal e no Dia da Criança, não tinha como alimentar a vaidade. Se isso pesou na minha vida? Pesou.

## Capítulo VII

### Cura pela arte

Com todas as dificuldades que se vivia naquela época, eu passava férias em Campos do Jordão, tinha sempre comida boa, ganhava as tais roupas novas no Natal, no aniversário e no Dia da Criança, eram três roupas e três sapatos por ano, e era isso. Mesmo de férias, eu não me lembro de fazer farra nas viagens a Campos do Jordão, de brincar com outras crianças. O que me lembro é da minha mãe sempre dizendo: *Não pode, não vai fazer isso, não é assim.*

Eu adorava cavalos. Um dia, aos nove anos de idade, o moço que alugava cavalos viu que eu sabia montar direitinho e foi passear comigo pela cidade, era de tarde, minha mãe estava dormindo, eu achei que não tinha problema nenhum. Quando voltei, ela ficou tão brava que me deixou dois dias fechada dentro do quarto no meio das férias. Lógico, eu tinha saído, não tinha falado com ela, mas também não era uma coisa do outro mundo.

O dono do cavalo não ia sumir comigo, porque o cara trabalhava ali todo dia, todo mundo o conhecia em Campos do Jordão. Ela ficou brava e não tinha conversa, ela não tinha outra forma

de encarar um problema, de mostrar quais eram os benefícios e os riscos que eu estava correndo, além de me deixar de castigo. Não pode e acabou.

Então, quando fui para a Escola Experimental Dr. Edmundo de Carvalho, tive chance de ser uma outra pessoa. Primeiro porque a escola tinha a prática de analisar o aluno e ver o que ele podia fazer de bom para a escola e para a sociedade, e quando você é tratado assim, passa a ter uma certa importância. Sua auto-estima, sem você perceber, está sendo alimentada, porque cada um desenvolvia sua aptidão para fazer alguma coisa. Segundo porque no meu caso específico começaram a me dar tarefas todas artísticas.

48

No início meus pais eram sempre chamados na escola porque eu era uma criança violenta. Acho que eu nunca tinha tido chance de extravasar minha violência. Eu era inteligente, ia muito bem na escola, mas era agressiva, não chegava a bater nas outras crianças, mas tinha uma atitude agressiva. Então eles chamavam meus pais pra saber se alguma coisa estava acontecendo em casa, tentavam sugerir que algo estava errado, mas não tinham coragem de confrontar meus pais. Quando perceberam o tipo de relação que eu tinha com meu pai e minha mãe, passaram a me dar funções artísticas. Era o jornal da escola,

o festival da escola, o teatro da escola, se tinha alguma exposição era eu que coordenava, a feira de ciências. O que aconteceu é que fui melhorando, perdendo esse lado agressivo, fui conquistando uma série de amigos. Eu tinha responsabilidade, era sempre chamada para fazer alguma coisa, e isso foi despertando meu dom para o comando. Eu tinha o dom da palavra, gostava de chegar e dominar.

A escola me encaminhou e descobriu minha aptidão para delegar e distribuir funções. Isso era o finalzinho da década de 60, começo dos anos 70, eu tinha 12 anos, foi muito importante esse processo.

49

Tive um anjo da guarda ali, e a sorte de estar num ambiente onde eu podia de fato soltar toda a minha vontade de viver. Nessa época descobri o esporte também, comecei a jogar basquete. A escola tinha essa preocupação de situar as crianças, de encontrar função para cada uma de acordo com sua personalidade, os mais tímidos eram agrupados em turmas de cinco ou seis para fazer um trabalho comunitário, e assim todos trabalhavam.



## Capítulo VIII

### Educação experimental

A Escola Experimental Dr. Edmundo de Carvalho aplicava um método de ensino moderno, que não estava preocupado em te ensinar matemática, e sim em inserir a matemática na sua vida. A Giulia estuda na Escola Parque, no Rio, que também é assim, só que bem mais avançada, afinal faz tantos anos que eu fui para a escola!

Mas eu noto que ela tem questionamentos, sabe defender uma idéia, mesmo que seja com duas frases, ela não está distante da realidade, e isso é muito importante, a criança cresce sabendo ponderar o que é certo e o que é errado. Na minha infância eu nunca me lembro de ter sido assim, pelo contrário. Sob influência da religião católica, a gente rezava, pedia, fazia novena, era um tal de rezar, rezar, rezar, minha tia e minha madrinha agradeciam o tempo todo. Eu ia para a igreja todo domingo e não entendia nada do que o padre falava, era tudo muito distante, eu estava com a cabeça em outro lugar.

Nunca me lembro de agradecer e pensar assim: *Poxa, eu tenho uma mãe, um pai, eles fazem tudo por mim...* Nunca registrei isso na minha cabeça. Fui perceber muitos anos depois que, apesar de

eles terem sido como foram, eles me deram o que podiam dar.

Outro dia minha filha chegou em casa revoltada porque tinha levado um soco na cabeça de um garoto na van. Porque ela não tem motorista, vai de van, volta de van, tudo de van. Mesmo assim, por causa dessa história de televisão, o menino falou que ela era rica e lavou a alma em cima dela com todas as frustrações dele. Então eu conversei com ela: *Se alguém te perguntar, você diz que é rica de saúde, rica de alegria, você tem família, você tem condições de estudar numa escola que você gosta, você tem amigos, mas nós não somos ricos. Eu sou rica? Eu tenho que trabalhar tanto, imagina, seu pai também trabalha tanto! A gente tem o que tem e sabe aproveitar.*

52

Sou uma mãe presente, estou sempre por perto. No mesmo dia fui falar com esse menino.

Mal cheguei na van e ele já foi dizendo: *Foi mal, já pedi desculpas.* Então eu disse: *João Manuel, é o seguinte, a Giulia gosta tanto de você, vocês já são amigos desde o ano passado, mas se você bater nela, ela vai ficar meio arrasada, não sei se ela vai gostar mais tanto de você.* Quando posso eu vou buscá-la na escola e a gente volta conversando no carro, sobre as coisas que ela discutiu na aula. Até sobre (os governadores do



*Giulia aos 5 anos*

Rio) Rosinha e Garotinho eles falam, da maneira deles, mas falam. E outro dia ela disse: *Eu sou tão feliz! Tenho uma família, tenho um pai, tenho uma mãe, tenho minha casa, que eu gosto tanto, é tão bacana!*

Ela chegou sozinha a essas conclusões, não tive de ficar falando que ela tinha de dar valor ao que tem. Imagina se na minha época de criança, ou até mesmo entrando na faculdade, algum dia eu parei pra pensar ou agradecer as poucas coisas que eu tive! Era só culpa, uma reza louca para conseguir as coisas, todo um sentimento atrelado dentro de mim, sem poder me expandir, sem fazer uma análise de todas as dificuldades e todos os pontos positivos de cada situação.

54

Minha infância foi totalmente diferente da dela. Se eu proporcionasse alguma alegria, a resposta deles era quase nada. Então até hoje eu fico insegura e estou sempre preocupada: *Será que está bom? Será que estou fazendo o espetáculo direito? Será que é isso mesmo?*

## Capítulo IX

### Querido diário

Tenho guardados os diários que escrevia na época, vários diários, e é tão legal lê-los hoje e ver que o meu raciocínio não mudou desde aquela época. Está mais aprimorado, é claro, eu tenho mais conhecimento, mais cultura, mas o entendimento da vida, do que eu queria para a vida, e do que eu entendia das pessoas, é da minha índole e vem me acompanhando pela vida. Outro dia estava lendo uns pedaços e pensei que se tivesse de reescrever tudo aquilo eu talvez escrevesse de uma forma mais adulta, mais criativa, mas o sentimento puro não mudou, eu continuo sentindo daquela mesma forma. Aquela surra que meu pai me deu aos 16 anos, quando eu estava terminando o colegial, porque com 17 eu já estava na faculdade, está registrada nos meus diários e o registro daquela surra me traz de volta a mesma sensação daquele momento.

Tenho todos os meus diários na gaveta, mas hoje não escrevo mais. Eu escrevia por necessidade, era como se precisasse de um analista, ou então de um irmão, que eu não tinha, ou de uma amiga maravilhosa que pudesse me entender. Quando acabei o colégio, tinha algumas opções, e uma

delas era ser jornalista, porque eu escrevia, e só por isso, falei assim: *Então vou ser jornalista*, mas na verdade eu queria ser atriz.



*Em cena de Corpo a Corpo*

Deus pegou o amor e nois mundo,  
o odio. Talvez para pois as minhas  
lágrimas sejam o suor de mais um  
dia. Mas pelo menos, dentro de mim  
ainda existe um pouco de sentimento,  
dividido por um cara que me ama  
de verdade.

fronteira o que acutear, nunca faça  
com que eu desanime, cada fôlego  
que eu tirar, sempre me dá mais  
força para que eu releve mais depen-  
sa para poder enfrentar o que se  
aproxima. Sempre me dá bastante dis-  
mimo, para todos os meus obstáculos  
sejam eles impositivos ou não. Ajude-me  
a dizer sempre a verdade nada mais  
que a verdade e nunca aguarde os  
outros e pare de chorar!

Lilia, só tua força, seja por mim,  
levar as máis para o céu agradeça a  
Deus, seja uma oração e seja eu feliz,  
e nunca se esqueça que é a sua própria con-  
sciência que lhe diz isto:

ps: Deus, ilumine os meus inimigos pois

## Capítulo X

### Uma menina cheia de idéias na cabeça

*Mesmo o cavalheiro sapo, que não era de muita conversa. Às vezes, a sua mamãe perguntava por quê ela conversava tanto sozinha. E ela respondia: 'Ah, mamãe, eu estava conversando com o sol, pedindo alguns conselhos a ele'. 'Mas minha filha, sol não fala!' 'Fala sim, mamãe, ele pode não conversar com gente grande, mas com gente pequenininha ele conversa'. E ia pro seu quarto emburrada. 'Não adianta, gente grande não entende mesmo.' Ela não tinha amigos, pois a sua timidez não deixava que ela conseguisse penetrar em uma rodinha de meninas que sempre brincavam de boneca. Por isso, vivia em um reino de fantasias que ela mesma criava, e vivia muito feliz, pois no seu reino não havia maldade, e ela gostava muito dos palhaços que todo dia a faziam sorrir. Ela amava todos igualmente, e sempre procurava ajudar, sempre, no que fosse possível. Esse é um trecho de uma das historinhas que escrevi no meu diário, ela é muito grande, tem páginas e páginas.*

Esse era o tipo de coisa que povoava a minha cabeça, não é bonitinho? Eu era sozinha, então escrevia, e criava na minha imaginação as situações

que eu não conseguia viver na vida. Tinha as músicas que eu gostava, tinha *Trampolim*:

*Sem olhar, sem respirar, sem pensar,  
sem falar, só se tiver algum lugar  
Qualquer piscina ou mar de amarelinha  
Que o amor não é mais do que  
o fato de a gente ficar, no ar  
Antes de mergulhar*

E eu gostava também daquela:

*Se alguém quer me matar de amor,  
que me mate no Estácio, ou  
Que destino, a maldição, essa era ótima.*

## Capítulo XI

### É melhor ser alegre que ser triste

Assisti outro dia o documentário *Vinícius*, sobre a vida do Vinícius de Moraes, e me lembrei da minha adolescência, da minha própria fase Toquinho e Vinícius. Tudo aquilo que acontecia na casa do Vinícius, os violões, aquela reunião, aquela gente toda tocando, me fizeram lembrar da minha adolescência, da minha escola. Qualquer lugar que a gente ia eu tocava violão, ou alguém tocava violão bem melhor do que eu, eu não tinha muita habilidade com o violão. Mas amava as músicas, os poemas, fui conhecendo Vinícius e a Bossa Nova, todas as músicas dele me influenciaram muito. As músicas me traziam um sentimento que eu não tinha na minha família, e apesar de ele falar sempre da perda da mulher amada, daquele amor que foi embora para nunca mais voltar, o sentimento estava ali, era muito bom para me preencher. Como eu nunca me envolvi com droga, nem com bebida, a música do Vinícius alimentou meus sentimentos, serviu como o meu subterfúgio. Quando eu tive o meu primeiro amor eu não pude falar para a minha mãe, então meus confidentes eram o Chico Buarque e o Vinícius, mais o Vinícius.

O adolescente sempre sofre, tem sempre um que brigou com o namorado, outra que traiu a melhor amiga, sempre tem um questionamento, uma saia-justa. Então a gente cantava *É melhor ser alegre que ser triste*, para aliviar as tensões.

## Capítulo XII

### Atriz disfarçada

Acho que já sabia que queria ser atriz desde a escola experimental, porque as funções que eu mais gostava de executar eram sempre artísticas, adorava ser a comunicadora. Qualquer tipo de comunicação, nem que fosse para dizer assim: *Amanhã não vai ter aula porque a diretora não está passando muito bem, eu espero que vocês entendam*, qualquer coisa, eu me sentia muito bem. Foi ali que isso começou a latejar. Meus pais eram muito amigos dos pais do (diretor teatral) Celso Nunes, sua mãe chamava dona Afra Nunes e era muito amiga da minha mãe.

63

Passei a adolescência assistindo às peças que o Celso fazia, a (atriz) Regina Braga era namorada dele, e eu sentia vontade de estar mais junto com eles, porque eu queria conhecer aquele universo. Eu falava pra todo mundo que era prima dos dois, tanto da Regina quanto do Celso, porque eles eram lindos, deslumbrantes, e eu queria ser aquilo ali, vestir aquelas roupas que a Regina usava, chegar de madrugada em casa, queria andar por aí com aquele monte de texto, ficar até de madrugada lendo, discutindo, eu queria isso, ficava sonhando com isso já na adolescência.

Além do Celso e da Regina, eu tinha dois vizinhos, o Hilton Have e a Nair Cristina, que eram primos e se tornaram atores. Então eu também convivi com eles, mas nunca tive coragem de dizer que queria ser atriz, eu tentava demonstrar a intenção de ser atriz, mas minha vontade nunca foi acatada com carinho ou respeito.

64

Não haveria a menor possibilidade de um dia eu chegar e dizer: *Eu quero ser atriz*, então quando acabei o colégio fui tentar jornalismo. Não fiz nem cursinho e com os pontos que fiz no vestibular da USP não consegui entrar. Entrei em jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, só que no horário noturno, meu pai não me deixou estudar à noite e eu tranquei a matrícula. Minha pontuação na USP era suficiente para cursar a faculdade de música, que era minha segunda opção. Na faculdade de música você faz um primeiro período de Educação Artística, e obtém uma licenciatura para depois fazer música, artes plásticas ou teatro. Durante essa licenciatura curta, de dois anos, eu comecei a conviver com o pessoal de teatro, meus professores eram o Umberto Magnani, a Bri Fiocca, que viram que eu tinha capacidade e me incentivaram a procurar a Escola de Arte Dramática.

Meu pai estava satisfeito, achando que assim que eu fizesse 20 anos eu poderia começar a trabalhar

e ao mesmo tempo cursar a faculdade de jornalismo. Ele queria que eu trabalhasse como administradora da empresa dele, assim como a minha mãe tinha sido. Era uma coisa que eu abominava, imagina ficar dentro de um escritório, abrindo e fechando gaveta, atendendo telefone, resolvendo problemas de empregados, não tinha nada a ver comigo. Ele nunca me incentivou a fazer qualquer outra coisa, nunca conversou comigo sobre o que eu gostaria de ser, de jeito nenhum, não havia esse tipo de coisa. Minha vontade não era levada em consideração.

Quando terminou o período do curso de Educação Artística e consegui minha licenciatura, falei pro meu pai que ia começar a trabalhar. Avisei que ia dar aulas de arte, queria ganhar o meu dinheiro, e ia fazer a Faculdade Cásper Líbero à noite. Eu já tinha 19 anos e podia decidir a minha vida, mas era mentira. Eu fui trabalhar, de fato, fui dar aulas de arte numa escola infantil, mas entrei na Escola de Arte Dramática. Durante três anos, ele me via sair e entrar em casa com um monte de livros na mão e pensava que eu estava fazendo jornalismo. Para se ter idéia de quanto ele era ausente. Eu ficava decorando no quarto, fiz *Marat-Sade*, que tem texto pra caramba, e *Divinas Palavras*, em que eu ficava nua. Tudo isso sem meu pai saber.



## Capítulo XIII

### A menina indomável

Antes de entrar na EAD eu nunca tinha feito nada de teatro, a não ser dentro do próprio curso de Educação Artística, nos trabalhos que a gente fazia para completar as matérias. Não tinha feito nem teatro amador, era movida por pura intuição. Gostava de ver teatro, adorava. Lembro de ter visto *A Viagem, Ponto de Partida*, com Gianfrancesco Guarnieri, *O Balcão*, coisas lindas. Quando fui fazer o exame da EAD, eram 20 vagas só e 400 candidatos, e a minha amiga Nair Cristina, que estudava lá, me ajudou a me preparar, junto com um colega de turma dela, o Renato Kramer. Quem me indicou o texto para fazer o teste foi o Umberto Magnani, que sugeriu *A Megera Domada*. Eu não sabia falar, não sabia onde punha a mão, não sabia fazer nada. A Nair me olhava sem acreditar.

Fui conhecer Shakespeare com *A Megera Domada*, e me lembro perfeitamente da cara da Nair olhando para mim como quem diz: *Como vou dar um jeito dessa menina fazer alguma coisa naquele palquinho?* Eu mesma duvidava se tinha capacidade mesmo, será que eu tinha condição? Pegava o texto sozinha e ficava tentando

entender, tentando absorver as palavras e tentando me ouvir. De que forma eu poderia dizer aquilo da maneira mais convincente? Eu sempre fui muito noveleira e ficava lembrando das novelas boas da minha adolescência, de *Selva de Pedra*, *Fogo Sobre Terra*, de cenas do Juca de Oliveira e da Dina Sfat. Como que é que eles conseguiam passar aquilo, como é que eu faço para ler esse texto? Como é que eu transformo isso numa verdade onde todo mundo acredite que eu sou uma mulher indomável? Logo eu, completamente frágil, uma menina que nunca tinha feito nada?

## Capítulo XIV

### A cara e a coragem

A Nair e o Renato corrigiam muito minha entoação, a melodia certa para reproduzir as falas. Eu tinha um tom monocórdio, não era exímia em trabalhar um texto. Então eles me corrigiam pedaço por pedaço. Eu tenho musicalidade e entendia as instruções, no segundo encontro já estava desenhando melhor o texto. Depois que corrigimos toda essa musicalidade, eu já desenhava bem cada parte do texto, o que cada coisa quer dizer, de que forma tem de ser falada. Aí veio o ímpeto daquela mulher selvagem, que domina, que não se deixa dominar. Esse ímpeto veio à tona na postura da personagem, no jeito austero. Fomos trabalhando isso, que era um esboço. Quem viu meu exame não viu um personagem, viu uma tentativa, um esboço indo pro lado correto, mas não o personagem final.

Não me lembro direito da cena, era uma briga com Petrucchio, um impasse entre os dois.

A cada dia que eu lia o texto, ia entendendo uma coisinha diferente, era uma descoberta mesmo. Foi passo a passo. Também me lembro que a Nair notava a minha evolução e ficava mais contente a cada dia que eu ia ensaiar, estava claro no

semblante dela. Ainda não estava bom, estava péssimo, mas só o fato de enxergar a reação dela cada vez melhor me dava mais disposição, eu pensava assim: *Agora tenho que conquistar mais um pouco*. Eu estava apavorada, é lógico, mas tinha coragem. Tudo para mim era novo, eu tinha zero de experiência, mas ao mesmo tempo acho que os professores viam que eu não tinha ranço, não tinha feito teatro amador, não tinha vício nenhum. Acho que eles tiveram entendimento de que eu estava me propondo a fazer tudo de maneira muito transparente, muito franca, e acreditaram que eu podia ser uma boa atriz. As outras pessoas eram mais camufladas, mais armadas, mais cheias de uma certa postura porque já vinham de outras experiências. Eu não, eu estava ali com a cara e a coragem. Sei que fiz a cena, e fiz muito bem, fiz muito certinho, e passei.

Eram duas semanas de exames. Primeiro tinha um teste de português e depois um teste prático, que selecionava 40 alunos dos 400 iniciais, e então tinha mais uma semana em que você ficava tendo aulas com os professores, e dos 40 que sobraram eles selecionavam os 20 que fariam o curso. O último teste é o teste de criatividade, em que os professores te dão uma frase e você tem de inventar alguma coisa em cima daquilo em cinco minutos. Quando me botaram na jaula com

40 pessoas, eu tinha que me defender sozinha. Fui atrás dos meus diários, da minha vida, para eu poder me encher de certezas, como se eu tivesse que ler um livro para fazer uma prova de história e ser muito conhecedora de todo o processo do descobrimento do Brasil.

Fui atrás dos meus diários de infância para recorrer à minha própria história, para não ter de ficar me esforçando para chorar, ou para mostrar que eu estava sendo dramática, queria que isso fosse a minha leitura mesmo, que viesse naturalmente, da minha cabeça, sem eu forçar a barra de nada.



## Capítulo XV

### A saída da Margarida

Me lembro da cara dos professores assistindo meus exames, era interessante ver a reação deles. Para o exame de improvisação me deram uma frase maldita, para ver o que eu faria com ela, para ver o meu grau de criatividade em cima de uma situação qualquer. A minha era assim: *Ir de mão em mão até chegar à mão do irmão*. Quando li aquilo, tive vontade de me matar. Eu tinha cinco minutos para pensar no que fazer, e sabia que não podia fazer nada que tivesse relação com solidariedade, que seria evidente. Entrei na sala de espelho e pensei assim: *Eu não posso ser óbvia, não posso ser óbvia*.

73

Olhei pela janela e na USP tinha umas florzinhas, uma espécie de margaridinhas, lá longe. Eu olhei e comecei a pensar, *E se eu me transformasse numa margarida? Isso aí pode acarretar alguma discussão sem ninguém imaginar que quem está falando é a flor e não a pessoa...*

Tinha que ser rápido, então era isso, eu era a margarida, e contava a história de um casal, a história da menina e a história do menino, que começavam a brigar. Um puxava uma pétala da flor e dizia: *Não quero mais você, eu não te*

*quero, você não é meu bem-me-quer, então o outro respondia: Você que não é meu bem-me-quer, e eles iam me rasgando, eu caía no chão sem nenhuma pétala, vinha um jardineiro, me plantava de novo, e eu renascia. Esse foi o meu exame. Me lembro tão bem que, quando acabou, a banca inteira estava assim, com um sorriso. Tinha todos os professores, Mylene Pacheco, Yolanda Amadei, o Décio de Almeida Prado, pessoas extremamente importantes... Eles nunca sorriam, nunca demonstravam nada, e nunca vou me esquecer que, quando saí, pensei assim: *Entre na escola.**

74

Esse exame é muito difícil, muito desafiador, muito temido. Mas eu estava realmente iluminada e vi ali que queria mesmo ser atriz, que isso não era uma coisa que eu estava querendo por capricho, *Ah, eu quero porque eu quero ser atriz.* Minha cabeça estava concentrada nesse projeto. Saí do teste com a certeza de que tinha acertado. O resultado saía às quatro da manhã, eu voltei pra minha casa como se nada tivesse acontecido. Às quatro horas da manhã liga a Lucinha Segall, que era bem maluquinha, e me disse: *Você passou, Lília!* Eu perguntei: *E você, Lucinha?. Eu também passei!* A Lucinha era uma querida.

ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



LILIA CABRAL BERTOLLI

3<sup>ª</sup> 1982

*Lilia C. Bertolli*

Assinatura do Portador

01.013.04

Carteira escolar da EAD



## Capítulo XVI

### Os cinco sobreviventes

Na minha turma tinha o Lolô Prudêncio, o Olair Cohan, o Darcy Figueiredo e a Bel, que era mais velha do que eu, a intelectual da classe, sabia muito sobre tudo, não me lembro do seu sobrenome. Minha amigona de fato era a Jandira de Souza.

Na primeira aula de história do teatro, o professor Paulo Mendonça falou que dos 20 alunos da turma, só cinco iam resistir, então todo mundo se revoltou, levantamos da sala e fomos embora falando: *Imagina*. De fato só sobraram cinco, menos até, porque estamos eu, o Lolô, o Olair, o Darcy e mais ninguém trabalha como ator. É difícil entrar na escola, mas mais difícil ainda é sair da escola e enfrentar o mercado. É a melhor escola de teatro do Brasil e o que me facilitou muito a vida foi que, principalmente naquela época, tudo girava em torno da escola. O *Pessoal do Victor* se formou ali, que era o Adilson Barros, o Paulo Betti, a Eliane Giardini. Esse grupo se manteve por uns anos e eles sempre estavam na escola. Mesmo depois de sair da escola, mesmo fazendo *Feliz Ano Velho*, eu sempre voltava para a escola, ia assistir os espetáculos da escola, a

gente tinha vontade e curiosidade de ver quem eram os novos atores que estavam surgindo. Por exemplo, eu vi a Marisa Orth participar de uma montagem incrível, que era seu exame de final de curso, eu fiquei encantada com ela, com sua tremenda força dramática, jamais imaginei que fosse se voltar para o lado cômico, que ela faz divinamente bem também. Mas era maravilhoso esse espetáculo que ela fez na escola, eu saí de lá pensando: *Quem é essa mulher?*

## Capítulo XVII

### Clandestina na EAD

Quando entrei na Escola de Arte Dramática, com 19 anos, eu ainda era virgem. Não contava pra ninguém, imagina, eu fingia que não era, minha postura era como se eu fosse a maior piranha da escola. Todo mundo já tinha transado com 15, 16 anos, e eu era completamente virgem, mas todas achavam que eu também tinha transado com deus e o mundo. Era tudo fingimento, eu ficava com vergonha de declarar minha virgindade e de ser discriminada pelas minhas amigas. Por isso eu me recolhia, e o diário, a escrita, era uma forma de eu discutir tudo aquilo que eu gostaria que acontecesse comigo, de planejar o meu futuro, de debater qual caminho seguir.

79

Engraçado como muitas vezes eu acompanhava a seqüência do que eu tinha escrito e minha vida indo por um caminho completamente oposto daquele que eu tinha planejado, mas muito melhor, ou então indo exatamente pelo caminho que eu tinha planejado e me dando muito mal.

Depois que passa o tempo você vê quanto equívoco cometeu, quanta bobajada.

Eu entrei na escola em 1978 e saí em 1981. No primeiro ano só tinha exames de banca, então

eu escolhia um texto e escolhia minha banca examinadora, que foi a fantástica Berta Zemel. Você fazia o primeiro semestre e o segundo semestre assim. No segundo ano tinha exames mesmo, com todas as pessoas fazendo espetáculos. Na primeira metade do segundo ano fizemos *Marat-Sade*, do Peter Weiss, com direção de Luis Damasceno e Raquel Queirós.

Depois fiz *Estado de Sítio*, do Camus, era texto que não acabava mais, com direção de Odavlas Petti. Na primeira metade do terceiro ano fiz *Divinas Palavras*, de Ramón del Valle-Inclán, com Yacov Hillel, e no último semestre foi *O Bordel*, do Brendan Behan, que quem dirigiu de novo foi o Luis Damasceno.

80

Meu pai nem sonhou que eu estava em cena nesses quatro espetáculos, num palco, num teatro.

O primeiro foi o Masp. Depois nós fizemos no Tuca, e saía chamada da peça no jornal, o tijolinho com a nossa foto, matérias, críticas, e ele nunca soube. Completamente ausente. Depois nos apresentamos no João Caetano e a última montagem foi no Estúdio São Pedro. Eu tinha um anjo da guarda me protegendo mesmo de todos os problemas maiores.

A Escola era o centro da minha vida.



*Lília em cena de Marat-Sade*



*Lília em cena de Marat-Sade*

## Capítulo XVIII

### Maconheira de araque

A EAD foi meu encontro como mulher, como ser humano. Pela primeira vez me senti livre, uma coisa que eu estava pleiteando há um tempão. Eu, que nunca tinha tido liberdade para falar o que pensava, na Escola eu tinha. Eu poderia ser até criticada, mas não interessa, eu tinha direito à minha opinião. Isso foi muito importante. Cheguei na Escola completamente alienada, bem bobinha, não sabia nada da vida. Meu relacionamento com droga era muito distante, eu não sabia nem o que era. Para ser sincera, só fui saber o que era cocaína, aquele pozinho que todo mundo cheirava, no final do primeiro ano.

Nunca gostei de beber, porque meu padrinho era alcoólatra. Um homem muito especial, que eu adorava e que vi beber muito, beber até cair, e isso mexia tanto comigo que peguei aversão à bebida. Meu pai também, quando bebia um pouco além da conta, virava uma pessoa agressiva, que me desestimulava qualquer vontade de tomar um chopinho, tanto que até hoje não tomo nada, não tenho prazer, nem vinho, nada, nada. Qualquer coisa que eu tome já me dá um sono, uma canseira, viro uma pessoa imprestável, me atrapalho, deixo de aproveitar a conversa.

Meu padrinho se chamava Jaime Minitti, casado com a tia Rosália, irmã da minha mãe. Eles não tinham filhos e me levavam para todo lado, como se eu fosse a filha deles. Me adoravam, mostravam respeito por mim, conversavam comigo, me ouviam, tinham compreensão quando eu reclamava de alguma coisa.

84

Meu padrinho foi um pai que eu não tive. Por coincidência, ele era tio do Walter Avancini, que dirigia na TV Excelsior, e por isso eu conheci vários atores da geração dele: Francisco Cuoco, Hebe Camargo, Regina Duarte. A ação do álcool sobre o meu padrinho me afastou da bebida para sempre, porque eu o conhecia, sabia do potencial que ele tinha e via como ele perdia tudo em cinco minutos. Porque ele não se alterava, ele logo cambaleava. Acompanhei essa situação desde criança, dos cinco anos de idade até os 18, 19, que foi quando ele parou de beber e logo em seguida morreu de câncer no pulmão.

A EAD foi a minha grande liberdade em todos os sentidos, o auge da minha descoberta do mundo, de conhecer a vida tal como ela é. No começo dos anos 80, quando as primeiras pessoas apareceram doentes, com Aids, eu também nem imaginava o que era isso. As festas não tinham hora pra começar ou pra acabar e rolava de tudo, todo mundo cheirava, rolava heroína, muita maconha, e eu

lá, quieta. Na maioria das vezes, eu fingia que fumava maconha. Eu tinha um medo desgraçado de chegar em casa com algum cheiro estranho, o que eu ia dizer?

Então, para não ficar completamente por fora, eu fingia que fumava maconha e ficava com os olhinhos assim apertados, como eu via que as pessoas ficavam... Esses anos foram um grande laboratório para mim. Eu era atriz o tempo todo, dentro e fora da classe.

Me lembro que uma vez entrei no vestiário feminino e, sem querer, encontrei dois amigos, que eu jamais imaginei que fossem gays, se atracando no vestiário. Eu fingi de nada, mas pensei assim: *Nossa, eu achava que isso era uma coisa que acontecia muito intimamente, não pensei que as pessoas se beijassem na escola ou no corredor!* Ao mesmo tempo eu também me divertia muito, porque eu era boa atriz na hora de fingir, então as pessoas todas por um bom tempo acharam que eu era uma doida. Eu fingia, elocubrava e chegava a inventar histórias inteiras, e todo mundo acreditava. Mas não era nada daquilo, era só uma necessidade de me inserir naquele contexto, porque senão todo mundo ia me achar a *bocó*, e eu não ia ter amigo nenhum. Eu tinha que ser safa, não podia ficar naquele mundinho fechadinho só pensando em mim, fazendo as

minhas coisinhas. Eu tinha necessidade de aprender coisas, me relacionar com as pessoas, eu sabia que o meu comportamento precisava mudar. E não bastava só ler, eu tinha que vivenciar muita coisa pra entender o que estava se passando e poder defender uma idéia. Eu sei que, com isso, fui fazendo muitos amigos, daqueles que embora eu não conviva todos os dias, nem telefone todos os meses, quando eu encontro o olhar é aquele, exato, aquele olhar de gratidão, de amizade, é um barato, tem coisas que a gente não esquece.

86

Os professores me adoravam também, acho que por conta dessa minha autenticidade, eu não tinha problema de dizer o que pensava. Só fui aprender a ser mais política depois que saí da escola, porque vi que realmente, muitas vezes, você tem que ser política. Mas ali a gente podia errar, a gente estava ali exatamente para errar e consertar, errar e consertar. Eu era tão inocente, estava assim tão aberta, escancarada, que qualquer professor ia gostar mesmo de mim, eu estava totalmente pronta para receber todos os ensinamentos que chegavam a mim. Eu era ávida para aprender, e fui conquistando espaço, amigos que são meus amigos até hoje, que vão ver todos os meus espetáculos.

## Capítulo XIX

### Educação sexual

A minha vaidade demorou para se revelar. Mesmo durante o curso de educação artística eu tinha umas roupas bem *hippongas*, mas *hippongas chiques*, que a gente tomava banho, né? Só na EAD minha vaidade foi despertada mesmo, quando as pessoas que iam assistir nossos exames, ou nossos trabalhos particulares, começaram a dizer, para me elogiar, que eu era muito bonita em cena, que eu era isso, que era aquilo, que eu era uma pessoa especial. Foi aí que comecei a me preocupar com isso, mas aí eu já tinha 20 anos, até ali não tive vaidade nenhuma. Joguei muito tempo basquete e não é como agora, que quem joga basquete e vôlei vira ídolo. Lá a gente vivia de *All Star* fudido, meia rasgada, joelho ralado, era outra história.

87

Tive um primeiro namorado aos 12 anos, foi a primeira vez que eu beijei, e odiei. Detestei tanto ter beijado que só fui namorar de novo aos 14, quando fui fazer curso de jovens na Paróquia da Água Branca. Lá, além das palestras que eu dava, pregando sobre Jesus, aproveitei para namorar bastante, pois meu pai pensava que eu estava na igreja, e eu estava de fato, só que namorando

bastante. Depois tive vários namorados, e eu não deixava fazer nada, o namoro não progredia, mas eles eram todos muito bobos também. Na faculdade eu tive um namorado que durou um ano, mas o cara era um bolha. Ele ia seguir a carreira militar e eu estava com a cabeça toda voltada pro mundo das artes, eu não tinha muita vontade de namorar. Aí, quando entrei na escola, chegou uma hora que eu tive que abrir as pernas, né? Mas demorou um pouco.

88

Era difícil porque eu não tinha absolutamente nenhum apoio familiar. A primeira vez que eu transei, consegui um médico por indicação da prima de uma amiga e peguei minha malinha, cheguei ao consultório e falei: *Olha, eu quero que você me fale tudo, como se você estivesse contando para a sua filha. Quero que você me ensine tudo, absolutamente tudo, porque eu não sei nada.* Pedi para ele me explicar tudo sobre sexo, me dar livros para ler. *Me explica como é que tem que ser, o que é, o que não é, a história do orgasmo, o que eu tenho que sentir para ser uma pessoa realizada.* Ele me ensinou, foi muito legal comigo, ele foi meu médico durante muito tempo. Ele me ajudou muito e eu nunca falei sobre isso com a minha mãe nem com o meu pai, nunca. Falava um pouco com as minhas amigas, mas elas namoravam homens que não eram do

meio artístico, eram muito machistas, então era completamente distante do que eu achava que devia ser o encontro entre um homem e uma mulher. Elas sofriam com isso, os caras maltratavam elas, subjugavam a inteligência delas, não as tratavam direito. Eu falava pra elas que elas deviam ir ao médico.



*Carteira da USP*



SINDICATO DOS ARTISTAS E TÉCNICOS  
EM ESPETÁCULOS DE DIVERSÕES  
NO ESTADO DE SÃO PAULO

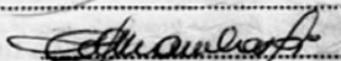
SEDE PRÓPRIA: Av. São João, 1086 - 6.º Andar - Conj. 611 - CEP. 01036  
Tela.: 220-5985 - 222-6068 S. Paulo - S.P.



Sócio N.º 3317 Em 14/02/80

Pseudônimo: LILIA CABRAL

Função ATRIZ

  
PRESIDENTE

Carteira do sindicato

## Capítulo XX

### 100% EAD

Acordava todo dia às seis e meia da manhã para dar aula de arte para as crianças da Escola Renascença, em Higienópolis, onde eu era assistente e substituta. Era um colégio judeu, todo mundo achava que eu era judia, e as mães vinham conversar comigo em iídiche. Eu não entendia nada e respondia em português: *Não se preocupe, o seu filho está bem, Não, está tudo ótimo.*

Entrava torta na classe, então todo dia eu propunha uma brincadeira de yoga, de bicho-preguiça, de tudo... Bicho preguiça tinha muito: *Vamos espreguiçar bastaaaante*, até eu ir acordando e entender o que estava acontecendo comigo. Eu estava exausta. Chegava em casa da EAD pra lá de meia-noite, cheia de informação, com 500 textos pra ler, dever de casa, se eu tivesse um exercício no dia seguinte, mesmo que fosse de improvisação, tinha que ter cabeça para resolver. Precisava apresentar uma história com começo, meio e fim.

E tinha obrigação de dar credibilidade àquilo, a credibilidade ficava a cargo de cada aluno. Nessa hora a gente sentia nitidamente quem ia vencer na profissão e quem não ia, era engraçado.

Éramos todos *jovenzíssimos*, sem entender de nada, mas no primeiro ano da Escola de Arte Dramática já se sabia quem entendia da profissão, quem tinha alma, quem tinha realmente vocação e quem não. Por um simples exercício de improvisação com começo, meio e fim. Eu estava completamente envolvida com o meu dia a dia na Escola.

92

Depois, no último ano da EAD, comecei a dar aula de tarde, virei professora de artes na escola católica Rainha da Paz, perto da Praça Panamericana. Meus alunos eram crianças dos quatro aos oito anos. A partir do momento em que eu não tinha de acordar mais tão cedo, muitas vezes saía depois das aulas. Teve uma época que a USP entrou em greve e ficou quase dois meses, e eu aproveitei para ver os espetáculos em cartaz.

Foi aí que assisti a Fernanda Montenegro em *É*, vi umas três ou quatro vezes, sentada no chão. A gente ia com a carteirinha da Escola e falava assim: *Olha, nós somos da EAD, será que dá pra gente assistir, no chão mesmo, o espetáculo?*. Então, eu vi tudo do Antunes, tudo que tinha em São Paulo eu assisti, quando eu gostava eu repetia, ia ver de novo, repetia, ia ver de novo. O ingresso era caro, a gente não podia pagar, mas eles deixavam a gente entrar como alunos da Escola. Foi muito bom, muito interessante isso,

a gente conseguiu reverter a situação da greve aprendendo no teatro. Me alimentei de comédia vendo várias vezes a *Revista do Henfil*, nossa! Várias vezes assisti aqueles atores fazendo tudo tão bem, a Sônia Mamede era uma excelente comediante, eu me matava de rir com ela e tenho certeza de que isso fica no seu inconsciente.



*Carteira do Experimental*

## Capítulo XXI

### O outro lado da moeda

Com todas as dificuldades que os meus pais sempre passaram, eu era a mais rica da EAD. Enquanto a maioria dos alunos morava fora, em cidades do interior, eu morava com meus pais na Vila Romana e trabalhava, tinha meu salário só pra mim. Os outros tinham que vir para a capital, trabalhar, pagar aluguel e ainda comer. Meu salário dava para eu ir de táxi para a USP até a metade do mês, a corrida durava cinco ou dez minutos. A outra metade do mês eu ia de ônibus, tinha que ir até a Consolação, descer toda a Rebouças, pegar a Cidade Jardim, demorava mais de uma hora. Às vezes, eu ia de ônibus só para chegar à Escola com dinheiro no bolso e pagar um lanche para algum amigo que precisasse comer. A gente dividia pão com carne moída ou então eu levava alguma coisa de casa, mas geralmente eu dividia um lanche com eles, um misto quente, um hambúrguer. O hambúrguer não era nenhum McDonald's, era desse tamanho, todo engordurado, bem ruim.

Minhas amigas da faculdade de artes, com quem eu me relaciono até hoje, a Evelyn, Ema, Carmem Shultz, Carmem Silvia e Keila, se lembram dessas

histórias. A Evelyn, que depois se casou com um homem *poderosíssimo*, ficou riquíssima, andava só de *Dolce & Gabbana* e tudo mais que você possa imaginar, me encontra e diz: *Tá vendo? Lembra quando a gente dividia pão com carne?* Quando eu ia de ônibus para a EAD, encontrava o Edson Celulari. Ele estava no segundo ano, eu no primeiro. Eu pegava o ônibus com ele, sentava e segurava as pastas, os papéis, todo o nosso material.

96

Chegávamos juntos à Escola e íamos pro bandeirão comer alguma coisa antes das aulas começarem. Às nove horas da noite dava o intervalo, e como é que faz? Batia aquela fome de novo, depois de trabalhar, pular, você tinha que comer. Eu ajudava quem não tinha dinheiro pra pagar. Tinha a maior responsabilidade sobre isso, porque não podia ignorar a dificuldade das pessoas, que era real, era visível.

Era bom eu me sentir assim, porque eu estava acostumada a ser sempre a mais pobre. Na faculdade todas tinham carro, eu não tinha. Quando fazia colégio, meu pai tinha um motorista que me levava para a escola de picape. Eu sempre pedia para ele me deixar na esquina, porque eu morria de vergonha de descer da picape na frente da escola. Todo mundo tinha *Variant, Brasília*, e eu naquela picape.

No ginásio era a mesma coisa, eu sempre fui a mais *pobrinha*. Quando me vi na Escola de Arte Dramática, onde todos ralavam pra caramba, não tinham dinheiro pra nada, e eu tinha o meu dinheirinho e podia fazer tudo, ah, meu Deus, eu me sentia o máximo. No final do segundo ano Edson saiu da escola para fazer um filme e logo depois foi chamado pra fazer uma novela na Tupi.



## Capítulo XXII

### Hugo Della Santa

Eu estava ainda no primeiro ano da EAD quando o Hugo Della Santa me convidou para fazer um espetáculo sobre Arrabal, eu fui assistir e não entendi nada. E ainda por cima a menina ficava nua... Além de não entender nada, de ter a questão da nudez, eu ainda pensava assim: *Meu pai não sabe que eu sou atriz, imagina se por acaso esse espetáculo vai para a cidade e aparece... Me lembro do Hugo entrar no vestiário feminino para me procurar, eu estava saindo, ainda me vestindo, e ele: Eu vi um exercício seu e acho que você podia fazer esse personagem. Sempre tinha pessoas assistindo nossos exercícios, lá todo mundo participava de tudo, a faculdade de comunicação era do lado, quem estudava direção de cinema também usava algumas salas da EAD, tudo acontecia ao mesmo tempo. Eu disse para ele que não tinha a menor condição de fazer o personagem, que eu não tinha entendido nada e ainda por cima tinha que ficar nua. Eu não podia tirar a roupa!*

Não falei nada do meu pai, mas disse que não queria ficar nua. Então ele disse tá bom, tudo bem. Quando ele saiu, eu pensei que tinha

perdido a oportunidade de conhecer melhor esse homem lindo, lindo, e ainda por cima ele provavelmente nunca mais iria me chamar pra fazer parte do grupo dele. Era uma ótima oportunidade, eu estava no primeiro ano da Escola. Mas mesmo assim, logo depois ele me chamou para entrar no grupo dele, porque ele continuou me vendo nos exercícios e nós começamos a trabalhar com um texto infantil que a Lica Neaime escreveu, depois o Hugo adaptou: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, o único texto infantil do Jorge Amado, e nós trabalhamos juntos nesse texto. Cada um quebrava a cabeça para desenvolver a cena. Eu fazia a andorinha, então muitas vezes tinha que resolver o que a andorinha fazia. Apesar do Hugo ter adaptado o texto, a gente também colaborava muito, foi um aprendizado que já vinha da escola.



Com Hugo Della Santa em *O Gato Malhado* e a *Andorinha Sinhá*



## Capítulo XXIII

### Amostra grátis

A primeira montagem da nossa turma, na metade do segundo ano, foi *Marat-Sade*. A hora da divisão dos papéis era de matar. Lembro que o Marat ficou com um menino chamado Marcos e o Sade, que era o personagem principal, com o Olair Cohan. Todas as mulheres queriam fazer a Charlotte Corday, todos os homens queriam fazer o Sade, então na escola começaram os nossos primeiros confrontos da profissão do ator, os primeiros passos para a gente entender o que ia ser dali por diante, porque a vida inteira o ator passa por isso.

103

Às vezes você entra numa novela e pensa que ficaria tão melhor naquele outro papel... Mas não te deram aquele, te deram esse, que você tem de fazer bem, mas você gosta do outro, essas coisas acontecem. As montagens da escola eram um *briefing* do que a gente ia passar a nossa vida inteira.

A sorte é que pegamos diretores brilhantes, como o Luis Damasceno e a Raquel Queirós, que fizeram uma direção para o *Marat-Sade* onde todo mundo brilhava ou ninguém brilhava, era uma espécie de jogo de que todos os atores

participavam sem interromper, sem atrapalhar a cena de ninguém. Tanto que quando saiu a nota, vimos que era uma nota conjunta, o que não costumava acontecer na EAD. Ganhamos um 9, eu acho. Para mim particularmente foi um aprendizado, porque me ajudou a entender que um espetáculo não se faz sozinho, não adianta você querer...

## Capítulo XXIV

### A briga por um papel

Tínhamos que escolher textos muito grandes porque éramos 20 alunos na classe da EAD, e precisava ter personagem pra todo mundo, né? Por isso mesmo o texto que nós escolhemos para a primeira montagem, que equivalia ao exame da primeira metade do segundo ano, foi *Marat-Sade*. Definir os papéis era uma guerra. Imagina os 20 alunos, todos querendo mostrar serviço, todos querendo pegar o papel principal. E só tem um papel principal feminino, um masculino, tem os bons coadjuvantes e tem o resto. O diretor tinha que ter a sabedoria de pegar um texto e fazer com que o principal fosse o espetáculo, onde todos pudessem brilhar, mesmo que uns personagens fossem menores que os outros. Algumas matérias nos preparavam para chegar ao personagem que queríamos fazer, para passar por um teste com o diretor que tínhamos escolhido para aquela montagem. Você tinha, por exemplo, 20 minutos para fazer uma peça condensada, com começo, meio e fim.

Vamos supor que eu escolhesse a Blanche DuBois, de *Um Bonde Chamado Desejo*: eu tinha de pegar a Blanche, condensar a história dela

e contá-la em 20 minutos. Tinha de fazer isso tudo sozinha, o que foi me dando cancha para descobrir a essência dos personagens. Eu tinha receio de escolher personagens óbvios porque eu era a mais novinha da classe, olho verde, pele branquinha, cabelo comprido, franjinha, toda bonitinha, aquela *hippinha chique*, então eu não queria nunca ser a heroína. Achava todos os papéis chatos, detestava a Julieta, detestava. Então os meus testes se encaminhavam para eu pegar um papel alternativo, eu nunca achava que o melhor papel era o óbvio.

106 Quando decidimos montar *Marat-Sade* – nem sei porquê, já que falava sobre a Revolução Francesa, tinha toda uma argumentação política, crítica, da qual eu não entendia absolutamente nada e acredito que todos que estavam lá também não entendiam - eu quis fazer a Charlotte Corday. Era um personagem catatônico, que dormia o tempo inteiro, e tinham de acordá-la para falar o texto. Eu achava esse personagem lindo, maravilhoso. Para o meu teste de seleção de elenco decidi fazer uma velha, porque pensei assim: se eles verem que sou capaz de fazer uma velha, verão que sou capaz de fazer uma moça. Se eu fizer uma moça e ficar ruim, eles não vão me dar a moça. Usei um texto que a Cleyde Yaconis tinha montado, chamava *A Rainha do Rádio*; se não me

engano ela foi dirigida pelo Antunes Filho. Era uma mulher velha, uma antiga locutora de um programa de rádio que, com o avanço da tecnologia e a mudança dos tempos, ficou completamente defasada. Todos os dias ela começava o programa igual: *Meus queridos ouvintes*, e não conseguia mais despertar o interesse de ninguém. As pessoas querendo ouvir músicas modernas e ela fazendo aquele programa didático e chato. Até que a atração é cancelada e ela está arrasada no dia do último programa. Tudo começa normalmente e ela vai se revoltando, começa a detonar todas as famílias importantes da cidade, diz que a farmácia Zoroastro só vende remédios falsificados e por aí vai. Com esse texto eu acabei ganhando a Charlotte Corday.



## Capítulo XXV

### De fracassos, sucessos e intrigas

O primeiro engano do *Estado de Sítio* foi a escolha do próprio texto. Ninguém entendia nada, eu e a torcida do Flamengo não entendíamos nada do contexto daquele espetáculo. Tinha na turma talvez duas pessoas conscientes da luta armada, e só. O segundo erro foi a escolha do diretor. O Odavlas Petti era um alto-astrol, gostava de musical, e nós perdemos a oportunidade de fazer um belíssimo de um musical, uma belíssima de uma comédia, de se matar de dar risada, com uma pessoa que entendia tudo, tudo, e ainda por cima tinha bom gosto. *Estado de Sítio* não foi o charme que foi o *Marat-Sade*, que era fila no Masp, e vivemos no Tuca um fracasso total, foi o nosso primeiro fracasso. Também aí se aprende. Você tem de saber escolher o trabalho certo, e o diretor certo pro trabalho certo, e claro que, para aquele texto, o Odavlas não era o ideal. Ele fez o trabalho, e não que não tivesse feito bem, mas ele mesmo falava assim: *Será que a gente tem de fazer essa peça?*

Eu via todo mundo discutindo e só pensava assim: *Bem, eu quero fazer a secretária*. Ele me deu a secretária, e eu fazia bem a secretária, todos

nós fazíamos bem o papel, mas não tinha a menor necessidade da gente fazer aquele negócio naquele momento.

No segundo ano conhecemos o Yacov Hillel, que já estava dando aula na escola, foi nosso orientador e acabou dirigindo *Divinas Palavras*, texto incrível do Ramón Del Valle-Inclán. Era encantador, tinha um ritmo espanhol, ali comecei a entender mais o significado total da coisa, o espírito do conjunto, a me envolver mais com o texto. Não era só defender a minha parte de maneira totalmente alienada, não era só encontrar a forma, não era um autor querendo defender um ponto de vista, e sim um grupo contando uma história. No caso, a história de uma mulher que trai o marido e é condenada pela cidade inteira, por esses personagens, um pior do que o outro, eles eram todos deformados, isso era muito interessante como espetáculo.

E o Yacov nos dirigiu brilhantemente bem. Engraçado que, mesmo sendo tão juvenzinhos, já tínhamos maturidade para entrar em cena, mesmo que não conseguíssemos ainda entender a deformidade do ser humano, não termos vivência suficiente para entender aquela situação, não sabíamos da vida a metade. Mas o raio da intuição é muito mais importante do que a razão, chego a essa conclusão cada vez que páro

pra pensar naquele espetáculo. Ele foi montado depois, mais adiante, com atores de peso, com idade mais próxima dos personagens, e eles não passavam essa transgressão do ser humano, esse lado rasteiro, pequeno, sujo, imundo. Nós, na nossa inexperiência, conseguimos contar a história e fazer o entendimento do texto que o autor gostaria que se fizesse.

*Divinas Palavras* foi um acontecimento no Teatro João Caetano. As pessoas procuraram assistir o espetáculo para ver essa montagem que era difícil, todo mundo sabia, e foi aí que os atores paulistas passaram a me conhecer. Umberto Magnani, por exemplo, quando foi me assistir, veio conversar comigo. *Pôxa, Lília, esse é um daqueles casos em que a aluna supera o professor*, falou brincando, porque eu devo a ele o fato de ter entrado na Escola de Arte Dramática, ele sempre me incentivou. Ele dava aula de teatro na faculdade de artes e dizia: *Você tem que largar tudo e fazer teatro; tenho certeza de que você vai se dar bem*. Passados uns três anos ele foi me ver, justamente nesse trabalho, onde, de certa maneira, todos brilhavam muito.

Aqui conheci outra situação, problemas como ciúmeira, brigalhada, uma disputa sem fim. *O espaço é meu, Isso aqui sou eu que falo, Não quero dar chance pra ninguém*, todo mundo

brigava, todo mundo tinha ciúme. Eu fazia o personagem mais sedutor, que era a Marigaila, as mulheres queriam me matar, eu queria matar as mulheres também, porque elas me enchiam a paciência. Desde o começo eu quis fazer a Marigaila e nunca disse que para mim qualquer personagem estava bom.

Aliás, nunca me lembro de um professor me perguntar o que eu queria fazer e eu responder: *Qualquer um está bom*. Muitos faziam isso, sabe aquela coisa: *O mais importante é trabalhar com você, o personagem não importa?* Eu não; eu falava assim: *Eu quero fazer a Marigaila, eu quero fazer a secretária, eu quero fazer este daqui*. Porque os outros, que tinham dito que qualquer um estava bom, ganhavam um personagem qualquer e ficavam loucos da vida. Então ficava aquela história: *A Lília não tem condições de fazer essa mulher gostosa*, porque outras alunas eram mais gostosas do que eu, mais encorpadas do que eu. Então fiz uma mulher muito sedutora e na crítica do espetáculo, na *Folha de S. Paulo*, eu fui a única elogiada. Daí foi uma briga horrorosa.

No final do terceiro ano, dividiu-se a classe. Uns foram trabalhar com o Luis Damasceno de novo e outros foram trabalhar com o Yacov, o que foi péssimo. Não porque tenha sido ruim trabalhar com o Luis Damasceno outra vez, eu adoro ele,

mas essa separação não foi bacana, essa briga-lhada toda, essa vaidade ingênua, mas também provocativa, também maldosa, foi uma perda de tempo. Não estou tirando o meu da reta, não, eu também entrei na dança. E depois vi que isso também fazia parte de um aprendizado para a nossa vida, porque, quando você sai da escola, vê que os momentos mais importantes, mais felizes, estavam na escola.

A partir do momento em que você fecha a porta, você está no seu mundo normal, você tem que se virar. E o que ficou da escola é a sua biblioteca pessoal, são os seus arquivos, fica tudo lá, arquivadinho. Então, se você passar de novo por essa situação, vai consultar seus arquivos e ver como resolver os problemas. Por isso foi muito chato ter dividido a classe, porque a divisão não resolveu essas intrigas pequenas, não nos ensinou a respeitar o outro, e o que não soubemos superar tivemos de aprender fora da escola. Quando saiu minha nota, eu tinha tirado 8,5 e algumas atrizes que competiam comigo tiraram 10. Isso mexeu com meus brios. Teria ficado mais abalada se eu estivesse fora de cena, ou se em cena eu não soubesse que estava valendo 10. Mas tudo isso somou para estabelecer a distância. Não sei também se não houve, por parte da direção, um puxão de orelha nessa nota, para acabar com essa

bobajada toda e nos mostrar que a vida é outra coisa, que a disputa é sadia, que o enfrentamento é importante, porque isso existe mesmo para o resto da vida.

Na montagem de *O Bordel*, fiquei na turma do Luis Damasceno, com o Lolô, Olair, a Bel, a Gláucia, a Zuleika. Tivemos que chamar alguns atores da escola pra completar o elenco.

## Capítulo XXVI

### O dia em que eu contei para o meu pai

O tempo todo que eu fiz EAD minha mãe sabia, meu pai não. Ela sabia e sofria, com medo de um dia as coisas virem à tona. Só quando me formei, em 1981, cheguei um dia em casa e contei tudo para ele.

Porque eu já estava gravando a novela *Os Imigrantes*, na TV Bandeirantes, e uma hora ele ia ligar a televisão e dar de cara comigo. Fora os comerciais que eu fazia o tempo todo. Então criei coragem e contei, sem muita enrolação. Nessa altura eu já tinha 22 anos, já trabalhava, ganhava o meu dinheiro, não dependia da autorização dele para nada. Acho que ele percebeu que, se ficasse contra a minha decisão, eu iria embora. Ele teve medo de me perder e aceitou. Depois ainda seguiu a novela, onde eu fazia uma italiana, descendente de italianos que tinham vindo para São Paulo tentar uma vida melhor, então eu estava na verdade contando a história dele.

Acho que ele até gostou, mas não virou meu fã nem nada disso. Ainda demorou para ele assistir um espetáculo meu no teatro, o que só aconteceu na última apresentação do *Feliz Ano Velho* em São Paulo, no Teatro João Caetano, quando a

gente se despediu da temporada paulistana. Ali ele sentiu o que eu era no palco, o teatro cheio, as pessoas todas vibrando, todo mundo sendo aplaudido em cena aberta, então ele entendeu que eu não estava brincando.

## Capítulo XXVII

### Lá e cá

A EAD mudou muito. Outro dia o Yacov Hillel me levou pra ver a Escola, e está totalmente diferente. Na minha época não tinha teatro, tinha uma sala preta que a gente transformava de diversas formas e acabou. Agora tem dois teatros, um com 150 lugares, outro com não sei o quê, as salas são imensas, você tem sala pra tudo, é uma realidade que eu não tive.

Mas a escola já era excelente, a qualidade das pessoas também, fiz trabalhos incríveis lá. Hoje ela proporciona para os alunos essa estrutura de que a gente não desfrutou, um teatro para desenvolver toda uma montagem; não tem coisa melhor. O envolvimento total dos alunos com a escola continua o mesmo. Assisti *A Cozinha*, um espetáculo produzido na escola que era deslumbrante. Fizeram também, mas eu não vi, *A Ópera do Malandro*, que também era lindo.

Você chega lá a qualquer hora do dia e os alunos estão enfurnados ali, discutindo com professores muito capacitados, tem muita gente boa dando aula lá.

A diferença é que antigamente tinha o Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi, verdadeiras autoridades em teatro, gente que tinha o domínio do teatro, isso não existe mais. Você não tem mais um Antunes Filho. Digam o que disserem, que ele é um homem chato, mas não se pode negar a qualidade do trabalho dele, ele é genial. Nunca mais vi alguém fazer o que o Antunes fez com *Macunaíma*. Ou com *Eterno Retorno*, do Nelson Rodrigues. Nunca mais assisti nada parecido. A gente vê trabalhos de qualidade de diretores que estão despontando, que de fato são louváveis, mas aquilo ainda é um marco. O diretor da Escola na minha época era o Lúcio Galvão.

118

A Escola continua sendo uma das melhores da América Latina. Todo livro que fala sobre teatro na América Latina, que louva a produção teatral da América do Sul, cita a Escola de Arte Dramática. Ela tem influência nesse resultado, não vejo outra escola fazendo o que a EAD faz. No Rio de Janeiro há boas escolas, mas elas são muito voltadas para a televisão, que tem um apelo forte demais. Quem está no Rio de Janeiro vai pensar em fazer teatro? Claro que não.



*Em cena de Pedra Sobre Pedra*



Unha e Carne, com Denise Del Vecchio

## Capítulo XXVIII

### Para não deixar a peteca cair

Quando você faz um trabalho que não é sucesso, seja uma peça ou uma novela, os diretores e as pessoas todas que estão envolvidas no trabalho ficam te observando para ver o seu comportamento. O que você vai fazer? Vai ficar reclamando, vai ficar chateando as pessoas, vai ficar minando o ambiente? É importante você manter sua calma, não deixar a peteca cair, é muito importante isso, mesmo se o público não comparecer.

Em 2002, quando eu fiz *Unha e Carne* no Rio, com a Denise Del Vecchio, não era um fracasso, de ter dez pessoas na platéia, mas a gente não passava de 120, isso era o nosso máximo. No sábado, se tivesse 150 pessoas, a gente já ia pra casa feliz. Mas 150 pessoas num teatro de 400 lugares é muito pouco, ainda mais dentro de um shopping. Mas a gente não deixava a peteca cair, nem eu, nem ela. Quando nós viajamos deu para ver a dimensão da peça, a carreira dela foi muito melhor viajando do que no Rio de Janeiro.

Ela tinha gás, tinha possibilidades de crescimento, tinha como ser bem melhor do que foi, mas não foi.

Não sei de onde a gente tira esse fôlego para não desanimar, mas para começar eu não fico do lado de gente que reclama, que é muito chato. Mesmo que o resultado não seja o esperado, eu estou lá fazendo o meu trabalho. Na novela, eu estou defendendo uma posição, tem um autor que escreveu aquilo pra mim, pode ser bom, pode ser ruim, mas ele escreveu, e minha preocupação é dar um jeito de ficar bom. Eu crio alguns estímulos pra que esse material que eu estudei para a semana não fique desperdiçado. A única coisa que eu detesto, que me tira do sério, é quando cortam as minhas cenas já gravadas. Você está acompanhando a novela e de repente percebe que sua cena foi cortada. Geralmente é para beneficiar a história principal, mas às vezes a história principal não tem a mínima graça e a sua história pode ser bem melhor que a principal.

Na minha vida toda, mesmo em pequenos trabalhos, alguém me notou. Por exemplo, quando o Hugo Della Santa me chamou para fazer parte do grupo dele, foi depois de me assistir num exame, num examezinho de 1º ano, e lá fui eu para a *Companhia Dramática Piedade, Terror e Anarquia*. Eu estava na escola ainda quando nós fizemos um infantil, *De Como o Dia Virou Noite*, e demos supercerto. Nós éramos seis:

Hugo, Fernando Neves, meu amigo inseparável, Henrique Alberto, Lica Neiname, Antoninho do Valle e eu.

O Paulo Betti, que assistia todas as montagens da EAD, me viu em *Divinas Palavras* e ficou comigo na cabeça. O Adilson Barros já tinha me conhecido antes. Aí, coincidiu de eu sair da escola e ir fazer uma peça com o Clodovil Hernandez, que fazia um sucesso absurdo na televisão, no TV



Com Fernando Neves, em Peruíbe, 1979

*Mulher*. A peça era da Leilah Assumpção, *Seda Pura e Alfinetadas*. Não tinha papel pra mim nem nada, mas o diretor, Odavlas Petti, criou um manequim que não falava, que até a metade da peça passava por um manequim mesmo, imóvel. O Odavlas achava que tinha de ter uma figura linda, e eu que fazia essa bobagem.

Eu passava a peça inteira muda, só tinha um texto no final, em que eu falava sobre a beleza e mais nada. Mas isso me deu a chance de ser vista e de fazer uma novela na TV Bandeirantes, *Os Imigrantes*. Eu acho que tudo é um passo adiante, não adianta falar assim: *Ai que droga essa novela, Ai que droga essa peça*. Se você estiver criando, as coisas podem acontecer de um simples olhar, alguma coisa pode vingar no futuro.

124

Quando fiz a novela *Os Imigrantes*, que o Paulo Betti também fazia, ele me contou que estava fazendo um trabalho de grupo e queria me convidar. Fiquei super contente, imagina sair da escola e ir para um grupo que já tinha um nome. O *Pessoal do Victor* tinha tido uma ruptura interna e o Paulo ficou com o Adilson Barros, chamou a Denise Del Vecchio e a Cristiane Rando, que eu conhecia da escola também.

Depois de nove meses de sucesso, eu decidi sair de *Seda Pura*, ninguém acreditava. Eu estava

ganhando dinheiro e todo mundo achou estranho eu estar saindo para fazer um infantil. Era um espetáculo produzido pelo J.C. Serroni, *Cinderela, Cinderela*; eu fiz e foi um barato, ganhei o meu primeiro prêmio, um prêmio Mambembe de atriz de teatro infantil. Aí eu já estava com o grupo do Hugo e nós resolvemos montar *O Gato Malhado* e *a Andorinha Sinhá*.

Estava ensaiando *O Gato Malhado* quando o Paulo Betti me chamou pra fazer *Feliz Ano Velho*.



*Intervalo de gravação de Os Imigrantes*

Foi uma fase louca, de muito trabalho. Eu fazia *Feliz Ano Velho* de quarta a domingo, sendo que sábado e domingo tinha duas sessões. O infantil tinha sessões aos sábados às quatro da tarde e domingo às onze da manhã e às quatro da tarde. Saía correndo de um teatro para o outro e chegava sempre em cima da hora. Era assim a minha vida. Ficamos um ano e meio com o infantil; enquanto estive em cartaz com o *Feliz Ano Velho*, em São Paulo, eu fazia o infantil também.

Era um espetáculo lindo, lindo, lindo, nós ganhamos ao todo 14 prêmios, inclusive eu, que ganhei o Mambembe de melhor atriz novamente.



*Em cena de Pátria Minha*



*O elenco de Feliz Ano Velho: Adilson Barros, Denise Del Vecchio, Lília, Cristiane Rando, Marcos Frota, Marcos Kaloy e o diretor Paulo Betti*

## Capítulo XXIX

### O Rio de Janeiro e a televisão

Quando levamos o *Feliz Ano Velho* para o Rio de Janeiro, em julho de 1984, depois de um ano de sucesso, consagração e prêmios em São Paulo, fomos todos na expectativa de ser convidados para fazer uma novela. O Marcos Frota já fazia, o Paulo Betti já fazia há um tempo, mas tanto eu quanto a Denise Del Vecchio, a Cristiane Rando, o Adilson Barros e o Marcos Kaloi estávamos esperando que nosso convite chegasse também.

Estreamos no Teatro Ipanema e tínhamos esse sucesso na mão. Eu queria fazer televisão, e nunca disse que não queria, mas não estava a fim de fazer teste. Queria que alguém fosse me assistir, visse o meu trabalho e me convidasse sem eu ter de fazer teste. Porque eu já tinha feito tanto teste para comercial na minha vida, na verdade os testes tinham sido meu modo de vida durante um período. Naquela época tinha cachê para fazer o teste, vamos supor que fossem 500 reais, então se eu fizesse três testes em um mês, tinha um dinheirinho para o mês inteiro, já que morava na casa dos meus pais. Eu passava em quase todos, era muito divertido, mas naquele momento, no Rio de Janeiro, eu ia me sentir mais

respeitada se alguém simplesmente me visse no teatro e fizesse um convite.

Minha vontade de ficar no Rio tinha a ver com a televisão, mas tinha, principalmente, a ver com a cidade. Na minha relação com São Paulo eu estava me sentindo um bloco, compactado, e parecia que ia explodir se não me expandisse e colocasse a minha criatividade para fora. Então o Rio de Janeiro, que eu conheci quando tinha 17 ou 18 anos, era tudo o que eu queria, era o meu movimento contra essa estagnação. Eu via que era uma cidade do dia, e eu precisava disso. Claro que demorei para me acostumar quando cheguei, porque todo mundo acordava cedo enquanto eu dormia, mas eu precisava disso. O fato de a TV Globo estar lá contava pontos a favor do Rio, é claro. Você desde criança assiste às novelas e tem admiração pelos atores que ainda estão lá, e são os atores com quem eu trabalho hoje em dia, esse era um sonho distante que eu ousava alimentar na minha cabeça, era um movimento latente que existia lá dentro, e se eu continuasse em São Paulo esse sonho ia morrer. A minha opção era a vida ou a morte. Eu podia continuar fazendo teatro, mas não seria a mesma coisa. Eu precisava mudar de ambiente. Chegando ao Rio, eu logo gostei do horizonte que se abriu para mim na cidade.

A peça era um sucesso e os diretores globais todos foram assistir: Daniel Filho assistiu, Gilberto Braga, Paulo Ubiratan, Denis Carvalho, todo mundo que você possa imaginar da televisão foi nos ver. E eu, que pensava que os convites fossem aparecer para os outros, fui chamada pelo Denis Carvalho para fazer uma novela do Gilberto Braga, *Corpo a Corpo*.

E foi do jeito que eu queria, já tinha um papel para mim na novela. Era uma mulher histérica, que tinha duas filhas histéricas, e eu resolvi copiar a voz estridente da atriz que fazia minha filha na novela. O Hugo Carvana e a Glória Menezes



*Em cena de Feliz Ano Velho*



*Em Feliz Ano Velho com Marcos Frota*

eram os protagonistas e eu era casada com Marcelo Picchi, filho do Carvana; eu era nora do Hugo Carvana. O filho dele não servia pra nada, vivia na casa do pai com a nora e aquelas filhas insuportáveis, porque eram crianças chatas, mimadas, e a nora só cutucava o marido pra ver se ele conseguia cada vez tirar mais dinheiro deles. Era muito divertido.

Cheguei na Rede Globo e fiquei comparando as condições da emissora com a minha experiência prévia em novelas, que tinha sido na TV Bandeirantes. A Bandeirantes tinha duas câmeras, enquanto a Globo tinha cinco. Fora a iluminação! Na Bandeirantes era tudo pendurado com umas varas de madeira, eles usavam uns pedaços de ferro para afinar a luz, e o estúdio da Globo era todo automatizado, e aquilo tudo fazia *tóóóó*, as tochas de luz desciam e subiam. Eu tinha prazer e sentia muita responsabilidade de estar trabalhando ali, de começar uma vida nova no Rio, com atores que eu nunca tinha visto pessoalmente, só conhecia pela televisão, com outras pessoas importantes que estavam começando, que também vinham de trabalhos no teatro no Rio de Janeiro. Foi uma experiência ótima, o Denis Carvalho foi extremamente carinhoso comigo, eu sentia que ele tinha respeito por mim, que ele tinha me chamado porque tinha gostado



*Com Marcelo Picchi e "suas filhas" em Corpo a Corpo*



Corpo a Corpo



*Com Marcelo Picchi em Corpo a Corpo*

do meu trabalho, mas que, antes de mais nada, estava lá uma atriz. Ele procurava se certificar de que eu fizesse bem, que tivesse condições de fazer bem o meu trabalho, eu me senti muito protegida. Com todas as dificuldades de começar uma novela, eu fui muito respeitada lá dentro, e foi muito, muito bacana.

A dificuldade era chegar ao teatro. Lá eu sofri as conseqüências de estar fazendo novela, foi uma ciúmeira muito grande, foi muito difícil. A peça estreou em julho e fui chamada pela Globo em setembro, então eu fiquei setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro fazendo novela e fazendo a peça ao mesmo tempo. Fui muito bem recebida na Globo, apesar do salário. Eu ganhava mais ou menos 8 mil dólares no *Feliz Ano Velho* e ganhava mil dólares para fazer a novela. Meu primeiro contrato era isso, as pessoas falavam assim: *Você está começando....* Por um bom tempo eu ouvi isso, *Você está começando*, e eu pensava: *Bom, quando é que eu vou parar de começar?*



## Capítulo XXX

### O desastre e a felicidade

Eu aluguei um apartamento na Lagoa e comecei a descobrir o Rio de Janeiro. Nessa época namorei o (ator) Ricardo Petraglia, que tinha uma loucura muito interessante, um lado irreverente que contrastava com a minha inocência, eu não conhecia nada do Rio de Janeiro e fui conhecer, de cara, o pior lado do Rio de Janeiro, pra depois futuramente conhecer o melhor lado da cidade. Ele não me mostrou o Rio da forma romântica que eu inocentemente imaginava ser apresentada ao Rio, mas de qualquer maneira foi uma experiência, eu tenho carinho por ele. O grande encontro que eu tive foi com o Cláudio Petraglia e com a Helena Petraglia, que eram tios dele, pessoas incríveis, muito cultos. O Cláudio era diretor da Rede Bandeirantes no Rio, toda vez que eu ia à casa deles eu ficava de antena ligada. Eu estava seca pra aprender, aprender, aprender, então pra mim foi muito bom o convívio com eles naquele momento.

O Ricardo e eu tínhamos as nossas diferenças, porque eu sou o oposto dele. Eu sou a pessoa mais careta do mundo, eu e ele não éramos nem a água e o vinho, éramos o desastre e a felicidade.

Mesmo assim fiquei com o Ricardo um ano e pouco e amei o Rio, eu sabia que ia ficar, tinha certeza de que ia morar lá. Eu guardava tudo o que era dinheiro que pintava para poder me sustentar no Rio. Quando acabou a novela, fiquei só com o *Feliz Ano Velho*, a gente continuou viajando com o espetáculo. Era época do Sarney, de aplicações a juros de 80% ao mês. Eu vivi de agosto até dezembro aplicando o dinheiro que eu tinha guardado, que dava para pagar aluguel, viver, e para comprar uma camisetinha se eu quisesse. E só. Era isso, até eu ser chamada para um espetáculo chamado *Miss Banana*.



*Em N.Y. com Feliz Ano Velho*



*Com Regina Duarte em Miss Banana*

## Capítulo XXXI

### 60% empatia, 40% transpiração

*Miss Banana* era um musical, um teatro de revista, tinha umas 30 pessoas em cena, dirigido pelo Wolf Maya e estrelado pela Regina Duarte, mas a expectativa foi maior do que o resultado. A Regina tinha acabado de fazer um sucesso enorme com a *Viúva Porcina*, e eles quiseram unir o útil ao agradável, só que o espetáculo não deu certo de jeito nenhum. Eu me dei muito bem, eu fazia quatro personagens e tinha muito prazer em fazer. Eu nunca tinha feito nada parecido. Eu tinha que ter comunicabilidade com o público e foi aí que comecei a ver o que é empatia. Quando o público tem empatia por você, 60% do seu trabalho já está feito. Você já conquistou seu espaço e só faltam os outros 40%, falta pouco. Foi um espetáculo muito importante na minha vida por esse aspecto.

Mas era uma revista, muitos figurinos, muita dança, a chuva caía, mas nada dava certo, o sinal não entrava, a chuva caía pra baixo.

Tive oportunidade de participar de um super elenco, muita gente, todo mundo tendo que sobreviver, fiz muitas amizades importantes na minha vida e ficamos em cartaz uns seis ou sete meses.



*Em cena de Miss Banana*

Nessa altura eu já estava quase me separando do Ricardo e precisando muito de dinheiro, porque o esquema do *money market* começou a cair, eu estava só com o dinheiro do *Miss Banana*, e precisava ter outra fonte de renda para sobreviver. Aí eu pedi para o Alcides Nogueira, autor da novela *De Quina pra Lua*, escrever um personagem para eu fazer. Ele me deu uma empregada chamada Marieta. Não foi uma novela muito feliz na Rede Globo, era com a Elizabeth Savalla e o Agildo Ribeiro. Eu pensei assim: *Vou encarar a empregada, eu preciso trabalhar e é isso que tenho no momento. Não posso nem reclamar, graças a Deus que estou fazendo a empregada.* A Marieta acabou sendo divertida, e depois de *Miss Banana* o Wolf Maya ia dirigir uma novela chamada *Hipertensão*, da Ivani Ribeiro.

145

Ele me chamou depois de me ver atuando na peça e na novela, então é o que eu sempre digo, não tem papel pequeno. Fui fazer *Hipertensão*, que também não era um sucesso, a novela talvez fosse um pouco inocente demais pro horário das sete, mas era muito bonitinha. Os protagonistas eram o Ary Fontoura, o Paulo Gracindo e o Cláudio Corrêa e Castro, três velhinhos que disputavam uma mesma filha, que seria de algum deles, mas ninguém sabia de qual, então os três viviam em

função de agradar essa filha. Era muito bonitinha a história, muito mesmo. E foi aí, depois dessa novela, que consegui o meu primeiro contrato longo com a Globo, em 1986.

## Capítulo XXXII

### Cláudio Corrêa e Castro



Ele foi o ator com quem eu mais contracenei em novelas. Fiz muitas novelas e ele também, em tudo o que é novela você via o Cláudio Corrêa e Castro. Fizemos *Corpo a Corpo*, *Vale Tudo*, *Tieta*, *Anjo Mau*, uma por-

rada. Pois nos reencontramos em *Hipertensão*. Em determinado momento, íamos fazer parte de um teatro mambembe e o Wolf Maya me pediu para escolher uma cena, de no máximo três minutos, para apresentar. Eu decidi pela mesma cena de *A Megera Domada* que fiz no exame da EAD, para contracenar com o Antônio Calloni. Até aí eu não tinha intimidade com o Cláudio Corrêa e Castro. Por respeito, era cerimoniosa com ele, com o Paulo Gracindo e com o Ary Fontoura. Quando terminei de fazer a cena, ele veio falar comigo, dizer que tinha gostado muito da minha performance.

Eu adorei, foi a manifestação de um bom observador, que valeu muito para mim. Isso não é nada comum entre os atores, receber elogios por uma cena é a exceção da regra. Às vezes a gente faz

uma cena tão bacana e no dia seguinte chega louco para saber o que as pessoas acharam e ninguém fala nada.

Alguns atores são muito generosos, ligam para a sua casa para comentar uma cena que foi ao ar, isso te incentiva quando você está num processo de trabalho. O Tony Ramos uma vez me ligou, e ele nem tinha tanta proximidade comigo. Outra vez eu fiz uma cena com o José de Abreu, eram nove páginas de texto, e nós fizemos direto, sem parar uma única vez. O telefone tocou e quando eu atendi era o Mário Lago.

148

O Cláudio Corrêa e Castro, além de um grande colega, acabou se tornando meio um professor. Ele contava as histórias todas de teatro, as experiências que ele teve, era uma aula diária.

*Chocolate com Pimenta* foi a última novela dele.

O autor era o Walcyr Carrasco, era uma novela de época. Um dos prazeres que eu tinha em *Chocolate* era assistir o Jorge Fernando dirigindo o Cláudio Corrêa e Castro. O Jorginho é o tipo do diretor que, quando pega um bom ator, ele vibra, dirige com os olhos brilhando. É um grande mestre de cerimônia, tem uma criatividade imediata. Em cinco segundos ele inventava alguma coisa e o Cláudio correspondia, e ainda fazia mais, o



*Lília em Chocolate com Pimenta*

Jorge se incendiava. O Cláudio era uma aula. Ele merecia ter tido um livro da *Coleção Aplauso*, merecia ter ganhado vários prêmios na televisão. Tenho a sensação de que ele foi meio injustiçado pela vida. Talvez por uma questão do temperamento dele, pessimista, negativo, ele próprio tenha se colocado numa posição que afastava o reconhecimento. Mas quem o conhecia direito sabia que ele era um mestre. Engraçado que nunca me passou pela cabeça que, menos de um ano depois de *Chocolate com Pimenta*, o Cláudio estaria morto, porque ele não tinha uma saúde de ferro, mas também não dava demonstração de que estava desistindo da vida.

150

A escolha do elenco dessa novela foi muito acertada, havia grande química entre os atores, o texto era interessante, uma comédia dirigida pelo Jorginho, que sabe fazer comédia com verdade e categoria, e o sucesso aconteceu. Meu papel era a Bárbara, a mulher do prefeito, um verdadeiro tirano. Ela fazia muitas maldades com a protagonista, a Mariana Ximenes, até que um dia ela se cansa dessa vida e foge com o dono do circo que aparece na cidade, que era o Marcos Frota. Eu fujo com ele, só que o circo pega fogo e eu perco todos os meus cabelos. As pessoas pensam que eu morri e eu volto para a cidade careca. Isso foi meio chato, onde já se viu

um autor deixar a atriz careca? É para derrubar qualquer um. Mas eu segurei a peteca, levei na esportiva, encarei o desafio da careca e fiquei linda, se você quer saber.



## Capítulo XXXIII

### A doença de minha mãe

Quando descobrimos que minha mãe estava com câncer, ouvimos falar de uma vacina que tinha curado muita gente. Sei que era preciso ficar horas na fila pra conseguir aquela porcaria daquela vacina, e lá íamos eu, as minhas tias, quem pudesse ficar na fila pra pegar a vacina. Como eu já estava fazendo televisão, às vezes conseguia algumas regalias, porque eu dizia que era impossível ir do Rio de Janeiro até São Paulo para ficar na fila e acabava dando certo. Que fosse ao menos para passar as dores, mas para a minha mãe a vacina não funcionou em absolutamente nada. Era um câncer no pâncreas, difícilíssimo de combater. Depois que ataca aquele órgão, a doença se espalha rapidamente para o corpo inteiro.

153

Me deu muita pena dela, uma mulher que sempre foi muito resignada, sempre com a cabeça baixa, nunca lutou por nada. Comigo não tinha conversa, não tinha um entendimento entre o que meu pai e minha mãe me mandavam fazer e o que eu queria fazer, ninguém elaborava. Tento fazer diferente com minha filha. Não estou dizendo que eu sei educar, a cada dia aprendo

um pouco e já errei muito com a Giulia, vivo errando. Mas às vezes eu mesma falo assim: *Olha, dessa vez quem errou fui eu*, para mostrar que eu também tenho os meus deslizes, que todo mundo tem, não é só ela que erra. Na educação autoritária que eu recebi, isso não existia, a culpa era sempre minha. Por isso eu me sentia tão sozinha.

154 Minha vida ia bem quando começamos a combater a doença da minha mãe. Eu estava com um contrato longo com a Globo, o que é uma tranquilidade pessoal e profissional, então eu pude ajudar a minha mãe a sobreviver, e também tranquilizá-la, porque a única preocupação que ela tinha é que eu tivesse um teto, porque a casa deles ia ficar pro meu pai. Minha mãe sabia como ele era, e sabia que ele não ia dar nada pra mim, tanto que ele morreu e não me deixou nada mesmo. Eu, sendo filha única, nunca herdei um tostão, nunca soube o que ele teve, o que não teve, o que ele fez com o dinheiro, que não era nada de excepcional, mas o pouquinho que fosse eu também não tive, e também nunca reivindiquei. Sei que ele vendeu a casa e comprou um sítio em Pouso Alegre, mas não sei que fim levou o sítio.

O fato é que minha mãe, doente, ainda ficava preocupada comigo, o que ia ser da filha dela

e tal. Então eu expliquei para ela que a Rede Globo tinha me contratado com um contrato longo, que isso era uma coisa muito importante na carreira de uma atriz, porque não são todas as pessoas que são contratadas. Que isso era uma garantia, eu não precisaria ficar correndo atrás de trabalho, não precisaria ficar naquele desconforto de pensar: *Esse trabalho acabou, e agora? O que eu vou fazer?* Eu nunca parei de trabalhar, estava sempre fazendo alguma coisa, mas tinha a garantia de não enfrentar essa insegurança. Minha mãe morreu em 1987, logo depois dessa conversa, parece que só estava esperando isso para ir embora, saber que eu estava segura de alguma forma, e aí ela faleceu.

155

E eu fiquei mal. Apesar da forma de a minha mãe ser, tão submissa, tão pouco presente como mãe, quando ela morreu eu comecei a perceber nas entrelinhas tudo o que ela tinha feito por mim, todos os vestidos bordados, a colcha de piquê inteirinha bordada, o xale que ela fez, a colcha que ela bordou e trouxe não sei de onde, o jogo de chá que deixou separado pra mim quando ela morreu... Foi nas entrelinhas que eu senti o amor dela por mim, então quando ela foi eu fiquei muito desestabilizada, perdi uma referência. Que do meu pai não vinha quase nenhuma.



## Capítulo XXXIV

### A Semente do Monólogo

O que eu falo em cena não é um reflexo do que eu estou pensando, mas acaba sendo, inconscientemente. Em 1992 eu fiz o *Baile de Máscaras*, do Mauro Rasi, um espetáculo muito interessante, só que não era popular. A história girava em torno de oito pessoas dentro de uma casa, passando o Carnaval entre quatro paredes, só assistindo filmes e ouvindo óperas, e falando sobre isso. Uma elite se identificava profundamente e se divertia muito, mas o apelo popular realmente não existia. Era um espetáculo extremamente crítico, o Mauro Rasi era muito inteligente, mas ele não vingou, não aconteceu. Quem dividia camarim comigo eram a Cleyde Yaconis e a Telma Reston. A experiência com o Rasi foi interessante, ele era um bom diretor, um pouco tirano com o texto dele, que a gente não podia mudar uma vírgula, mas era uma pessoa adorável, muito legal.

Na época estava tendo um *boom* de monólogos, todas as pessoas faziam monólogo: o Diogo Vilela, a Renata Sorrah, a Regina Casé, o Miguel Falabella, a Cláudia Jimenez. Ali me deu vontade de procurar um texto para fazer um monólogo, que eu não tinha feito ainda. Queria tentar até



*Com Cleyde Yaconis em Baile de Máscaras*

mesmo para ver se eu curtia, porque já que na escola eu fui tão boa aluna e tinha que me virar sozinha em relação a tudo que era proposto, e eu me dava muito bem, em cada trabalho particular eu procurava desenvolver uma temática diferente, não deixava o personagem sem um conflito interno, sem dramaticidade, eu tinha esse interesse, e era por pura intuição. Porque eu não tinha profundo conhecimento literário, não era aquela raposa de biblioteca, era tudo intui-



*Com Cleyde no camarim de Solteira, Casada, Viúva, Divorciada*

ção. Com isso fui gostando de ficar sempre atenta a cada vez que criasse um personagem, criasse uma história, e desenvolvesse essa história, essa estrutura dramática. Nos três anos de escola eu fui me aperfeiçoando nisso, fui ficando cada vez melhor, então queria colocar isso em prática.

**AGENDA CULTURAL**  
*Centro Cultural São Paulo*

**LILIA CABRAL em:**



Foto: Sérgio Menezes

**SOLTEIRA, CASADA, VIÚVA, DIVORCIADA**

Julho/93

*Programa de estréia de Solteira, Casada,  
Viúva, Divorciada*

## Capítulo XXXV

### *Solteira, Casada, Viúva, Divorciada*

Em 1992 eu já tinha adquirido um certo respeito dentro da televisão, mas não era uma personalidade como o Miguel, a Regina Casé, o Diogo Vilela, então me arrisquei num teatro pequeninho, o Cândido Mendes, porque eu pensei: *Bem ou mal, estar sozinha em cena vai ser um exercício e tanto para mim*. Muita gente estava falando sobre relacionamentos humanos e eu também queria falar. O monólogo do Diogo Vilela chamava *Solidão*, e ele fazia muito bem, ele era o espetáculo, mas eu achava que não falava exatamente de solidão.

161

Aí criei a história de *Solteira, Casada, Viúva, Divorciada*, para falar da solidão feminina nos quatro estados civis, e dentro desse quadro eu pude desenvolver as relações humanas dessa mulher e como é que ela vê a vida. E chegar à conclusão de que solidão existe mesmo, e não adianta. Resta conviver e acabou.

Quando decidi o tema e a maneira de desenvolvê-lo, resolvi convidar quatro autores para cada um escrever um texto sobre um estado civil. A primeira pessoa que eu procurei foi a Maria Adelaide Amaral. Eu não a conhecia direito, só conhecia o



*Lília em Solteira...: a Divorciada*

trabalho dela no teatro, mas sempre tive muito carinho por ela. Então eu pensei que era melhor enfrentar as pessoas que eu não conhecia, porque meus amigos aceitariam na hora. Então vamos ver. Eu liguei para ela e ela perguntou: *Posso escolher o que eu quero fazer? Eu quero a Viúva.* Falei assim: *Tá ótimo.* Ela topou na hora, nem titudeou, não criou problema, não disse que tinha 500 coisas pra fazer, como todos falam, né? Nada, ela foi extremamente receptiva, uma fofa.

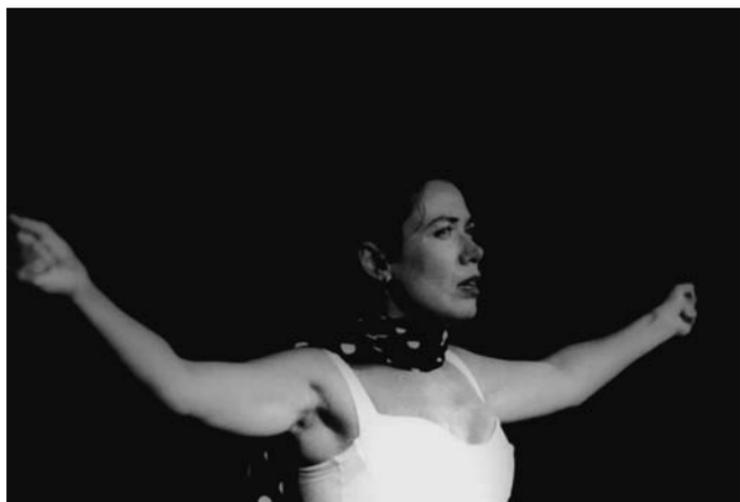
A segunda pessoa que eu convidei foi a Noemi Marinho, pra escrever a Solteira, que era um personagem lindo, ela escreveu divinamente bem. Depois eu convidei o Luiz Arthur Nunes para escrever a Casada, que era meio Nelson Rodrigues, e eu achava muito bom. O diretor, Marcelo Saback, fez um gestual comigo que era bem diferenciado, como se a casada fosse toda armada, armada para a vida. Sabe essa mulher que é casada, então ela tem todo aquele esquema estruturado? Ele aproveitou o gestual para situar essa mulher numa história muito louca, a platéia se divertia bastante. E para a Divorciada eu convidei a Regiana Antonini, que era amiga do Saback e tinha recém-escrito um texto que falava sobre divórcio. Cada um escreveu um texto de 20 minutos, e foi muito bom, foi muito forte na minha vida isso.

O que aconteceu é que eu nunca mais consegui me desvencilhar de textos que falem dos relacionamentos humanos.

O Saback foi uma bênção na minha vida, porque a gente se entendeu muito bem, ele tem um humor parecido comigo, o humor da situação, não só da piada feita, eu gosto da comédia assim. Ele me dirigiu muito bem e eu também evolui muito, porque tinha quatro personagens diferentes, em um eu brincava mais, no outro menos, mas eu tinha um trabalho forte ali, apesar de ser engraçado. O espetáculo impressionou muitas pessoas, eu viajei o Brasil todo, ganhei o Prêmio Shell em 1993. E, principalmente, vi o quanto dá pra ser feliz quando a direção está do seu lado.



*Aqui, a Viúva...*



*... acima, a Casada e abaixo, a Solteira.*



## Capítulo XXXVI

### *Futuro do Pretérito*

*Futuro do Pretérito* era muito divertido. Três casais falavam de um amor que começava na adolescência e acabava em separação. Sabe aqueles amores de infância em que as pessoas passam 25 anos juntos, a vida toda, e que depois você olha e são casais que mal se toleram? E não é porque não se amam, mas é que estão convivendo desde a infância, chega uma hora que é insuportável, não dá! A idéia também era minha, mas como eu não sou do ramo, foi a Regiana Antonini que escreveu, enquanto eu infernizava a vida dela. Porque ela escrevia uma cena muito boa e na segunda cena, ou na seguinte, a cena não era tão boa assim. Eu dizia: *Regiana, se você escreveu essa cena boa, a próxima tem de ser melhor, e a outra melhor ainda, e a outra melhor ainda*. Ela terminou se dando super bem com esse texto, ganhou o Prêmio Sharp de 1996. Depois nasceu minha filha, em 1997, e eu fiquei cinco anos sem fazer teatro, até pintar *Unha e Carne*, um texto do Chico Azevedo que me chamaram pra fazer em 2002. Falava sobre amizade e fiz questão de que a Denise Del Vecchio fizesse comigo, porque ela é muito minha amiga, uma amiga querida de muitos anos. Passamos tantos momentos bons

juntas que eu não poderia deixar de chamá-la para fazer esse texto que fala de amizade.

Quando comecei a procurar outros textos, não sabia sobre o que estava com vontade de falar e *Divã* caiu como uma luva. O processo de adaptação e ensaios começou em agosto de 2004, e estreamos no dia 6 de janeiro de 2005. A sensação que eu tenho é que esse trabalho vai dar uma finalizada em um ciclo que eu vivi e estou encerrando agora, em 2006. Gostei do aspecto de o espetáculo não ser baseado em uma historinha aqui, outra ali. Não é isso, a história é abrangente e a platéia sai embevecida com a coisa toda. Foi como me senti



*Lília em Divã, seu espetáculo seguinte*

quando assisti a *Intimidade Indecente*, de Leilah Assumpção, em que você vê o crescimento daquele casal, o passar dos anos, o envelhecimento. E como o Marcos Caruso e a Irene Ravache faziam bem! Era de humilhar qualquer ator.

O que eu sinto com a platéia do *Divã* é que ela não está esperando que uma sessão de análise possa provocar tanta empatia, tanta troca. Eu tenho, a cada dia que termina o espetáculo, a sensação de missão cumprida.

Em outras peças tinha experimentado uma sensação de alegria, de bem-estar, de realização. Essa, além da realização, me deixava com sabor de missão cumprida. Outro mérito do *Divã* é que os três atores em cena, eu, o Marcelo Valle e a Alexandra Richter, brilhávamos igual. O tempo todo ouvimos dizer que os três estavam ótimos, e assim que tem que ser. Se você consegue uma boa atuação, ou duas, e tem uma que não agrada, a cadeira fica sem um pé e abala a estrutura do espetáculo todo.

Tanto faz o tamanho do seu papel, ele tem de ser bem feito. Eu aprendi assim, que não existem papéis pequenos. Tanto que dentro da televisão, se pegava papéis que não tinham tanta importância, ia crescendo lá dentro sabendo tirar leite de pedra. A escola me ofereceu isso.



*Em cenas de Divã, com Alexandra Richter*



*e com Marcelo Valle*

TV ABBE

Com  
ALEXANDRA RICHTER  
MARCELO VALLE

em  
**Divã**  
Adaptação do livro de Martha Medeiros  
Direção ERNESTO PICCOLO

COMÉDIA  
NO TEATRO  
**Tivoli**

**ÚLTIMOS DIAS**

REALIZAÇÃO

Bilhetes à Venda: Teatro Tivoli 21 357 20 25, Fnac, Agências Abreu

TICKETLINE Informações Reservat | 707 234 234 [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)

M/12

[www.declimacolina.pt](http://www.declimacolina.pt)

*Ao lado, o cartaz de Divã, em Portugal*



*Em cena de Laços de Família*



*No camarim, Feliz Ano Velho*

## Capítulo XXXVII

### Carreira de viajante

Viajar com um espetáculo não é brincadeira, essa loucura de avião, de hotel, de mala para lá e para cá. Quando eu fui para o Rio fazer *Feliz Ano Velho*, o elenco não se hospedou em hotel, cada um tinha um apartamentinho. Eu fiquei em um apartamento na Lagoa, depois aluguei outro em São Conrado, bem na frente da Av. Niemeyer. Tinha um espaço para deixar minhas coisas, não era esse esquema de viajar de mala. Com *Divã* eu sofri um pouco. Quando você tem família, filho pequeno, dá saudade, conturba um pouco a vida. A semana é muito curta para ficar indo e voltando, você viaja na quinta, mas passa praticamente a segunda, terça e quarta em função da viagem.

175

Não estou reclamando, só dizendo que tem um lado bom e um lado ruim. Claro que o lado bom é muito maior que o ruim, o resto são conseqüências da minha profissão. Se eu tivesse optado por ser médica, ou jornalista, ou publicitária, qualquer profissão em que eu tivesse um cargo importante, eu teria de me ausentar por muitas vezes, e talvez não tivesse tanto prazer.

Antes de encerrar a carreira de um espetáculo, esgoto até não dar mais. Quando acaba, eu

olho pra trás e penso que realmente não era pra continuar mais. Não sinto o menor remorso, a menor falta, nem um pouco de saudade, nada, nada, nada.

Chega uma hora que esgota e aí é ponto pra frente. O desgaste acontece e não precisa necessariamente ser devido ao tempo, você pode ficar três meses com um espetáculo e não suportar, ou ficar desgastado em cinco anos, depende. O sintoma que acontece em cena é você pensar assim: *Não agüento mais falar isso*. Tem que chorar de novo, ai, já foi! É uma necessidade de outras coisas, de outros interesses.

## Capítulo XXXVIII

### Vaidade feminina

Eu nunca me considerei bonita e passei muito tempo sem levar a beleza, ou a falta dela, em consideração. Na minha família ninguém nunca incentivou a minha vaidade. Eu vejo como faço hoje com a minha filha, que já acordo diante do espelho dizendo assim: *Vamos ver se hoje você está mais bonita ainda!*, ela adora. Ela pode estar de mau humor, e só o fato de eu dizer isso já a deixa feliz. Eu nunca tive esse tratamento em casa, não me lembro disso. Eu era filha única, a mais nova de uma família muito velha, que já tinha passado por muita história, isso não interessava. Eles nem ligavam, e se não faziam festa comigo não era por maldade, mas porque não tinha mesmo espaço para esse tipo de coisa.

Eu não vivi isso na infância e mesmo na adolescência, quando eu era muito ligada ao esporte, minha vaidade se manifestava na quadra de basquete. Só quando entrei na Escola de Arte Dramática é que as pessoas começaram a me olhar de outra forma, de um jeito que até então ninguém me olhava, não só porque eu tinha olho verde ou era bonita, mas como uma pessoa

especial, que tem uma beleza a ser explorada, a ser aproveitada para os personagens.

Foi aí que meu lado vaidoso começou a surgir, até então isso nunca tinha sido uma preocupação. Até hoje não tenho muito esse foco. Mesmo gravando novela eu me visto no camarim em cinco minutos e vou para o set, muitas vezes o maquiador vem correndo atrás de mim para retocar meu batom ou tirar o brilho do meu rosto.

178 Porém, eu sempre tive muita espontaneidade, uma forma de brilhar fora do palco, que às vezes incomoda aos outros. Senti que certas pessoas tiveram aqui e ali uma certa inveja, um certo ciúme. Houve complôs contra mim, do tipo: *Ela já tem tanta coisa, vamos deixá-la sozinha*. Então, a minha vida foi muito mais particular do que gregária, mas de qualquer maneira as pessoas que eu conquistei na minha vida inteira, as que foram verdadeiras comigo, eu nunca perdia. Quem me conhece de verdade sabe que vai sempre encontrar a mesma pessoa.

Acho que prefiro assim do que, de repente, estar cercada por 500 pessoas que não fossem sinceras. Pelo menos eu sei que quem ficou comigo, ou que me olhou me achando bonita, ou talentosa, ou simpática, estava sendo verdadeiro. Foi assim a minha vida toda.

Em 1982 eu estava fazendo *Os Imigrantes* e o Taumaturgo Ferreira, com quem eu contratei, me deu de presente uma passagem para a Bahia e me disse: *Lá você vai conhecer o meu amigo Aldinho. Ele vai te esperar no aeroporto e te mostrar o que é que a Bahia tem.* O Aldinho virou meu irmão. Preciso dar mais explicações?



O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

## Capítulo XXXIX

### Uma atriz sempre pronta para entrar em cena

Eu nunca tive essa coisa de ter tempo para me concentrar, não sou atriz de ficar fazendo alongamento, de meditar, não tenho isso. Não tenho problema de chorar, se tem de chorar eu choro, não preciso me preparar. Assisiti a algumas palestras na EAD, até do Gianfrancesco Guarnieri, e cedo concluí que eu ia muito mais para o lado da intuição do que da razão. Acho que a intuição ajuda muito.

181

Quando estava em cartaz simultaneamente com dois espetáculos, *O Gato Malhado* e *Feliz Ano Velho*, era como se tivesse um interruptor que eu ligava e desligava. Quando estou no teatro, me maquiando, automaticamente estou me concentrando, mas não preciso ficar quieta, em silêncio absoluto. Antes de entrar em cena eu rezo e entro no jogo, a gente está lá pra jogar. Mais: para ganhar.

Quando fazia *Divã*, via o Marcelo (Valle) fazer uma hora e meia de yoga, a Xandra (Alexandra Richter) se esticar tanto que chegava a se machucar e eu não fazia nada, fazia só o meu joguinho,

esse é o meu jogo. Quando saio de cena, eu desligo e pronto. A melhor coisa para mim é chegar, botar a roupa e entrar, não esperar uma fração de segundo.

## Capítulo XL

### Do livro para o palco

Eu gosto muito de ver teatro, mas só vou ver o que é bom. Quando ouço dizer que é mais ou menos, já não tenho paciência, a não ser que seja o espetáculo de uma pessoa muito amiga. Também não gosto de ir ao teatro quando viajo. A *Broadway* é uma coisa muito longe de mim, tem muito ator canastrão, eu jamais saberia interpretar daquele jeito. É muito impactante todo aquele movimento da *Broadway*, é tanto dinheiro, é tanto bailarino, é tanta perna certa, é tanta beleza, a voz que vai não sei pra onde...

183

Mas a gente não tem nada a ver com aquilo. É a cultura deles, você pode assistir se quiser, mas não pode confundir. Já tentei várias vezes ver teatro na França e eu durmo, durmo, durmo, durmo. Não me venha dizer que não é chata a forma de contar um texto no mesmo tom o tempo inteiro, eles não têm noção do tempo, e eu durmo. A peça tem três horas e meia, eles não cortam nem um pedacinho, isso é egoísmo! Também não gosto de procurar textos lá fora, a não ser que de repente apareça alguma coisa sensacional, mas não vejo coerência em sair do Brasil para montar um espetáculo brasileiro.

Aqui no Brasil tem muita gente boa, você tem que incentivar os autores brasileiros, são poucos aqueles que vêm aqui pegar os nossos textos e montar lá fora, não é? Porque a realidade deles também não bate com a nossa. Eu nunca senti muita vontade de fazer esse tipo de coisa. Acho que quando a pessoa vai lá fora buscar um texto, ela está pensando em ganhar um prêmio, em encontrar um papel bom para ela interpretar, e não está necessariamente interessada em contar uma história, em dizer coisas e convidar o público pra ir ao teatro assistir uma peça. Ela está pensando em fazer um bom papel e não está interessada em pensar porquê o público viria ao teatro ouvir aquela história naquele momento.

184

Em 2004 eu queria produzir de novo e recebi um telefonema de um amigo, o Alex Lerner, indicando um livro que daria um monólogo maravilhoso. Eu não queria fazer um monólogo naquele momento e disse pra ele que já tinha feito, já tinha ganhado prêmio fazendo monólogo e estava procurando uma coisa diferente. Ele insistiu e eu decidi dar uma olhada no texto. Quando eu li, vi que não precisava ser um monólogo, os personagens do livro eram muito ricos, um bom adaptador daria corpo e alma para eles sem muita dificuldade. Segui lendo o livro e fui ficando cada vez mais interessada. A autora, Martha Medeiros, é

muito contemporânea e fala de um cotidiano muito fácil, simples. Você não gargalha com o livro, mas fica com ele na cabeça, com a maneira que ela encaminha a história, com inteligência e sentido. Eu lembro que por semanas não esquecia das frases, e pensava como elas poderiam ser desenvolvidas em cena.

Um dia, mostrei o livro pro Ulisses Cruz, ele leu e topou montar. A Cássia Kiss estava junto e falou que se eu quisesse os direitos teria de ligar imediatamente para a autora. Eu liguei e a Martha disse que tinha outras pessoas interessadas no texto.

Então eu decidi apresentar um projeto consistente para ela, para vender a minha idéia. Chamei o pessoal da CGCom (Central Globo de Produção) e contei o que queria. Eles leram o livro e me trouxeram um projeto impecável, que eu mandei para a Martha ver que minhas intenções eram boas. Ela me ligou dizendo: *O livro é teu*. Desliguei o telefone e pensei que agora teria de montar o espetáculo de qualquer maneira, sem pensar duas vezes.

Decidi me concentrar em contar essa história, que eu sentia que seria muito bem recebida. Meu interesse maior não era ganhar dinheiro e sim contar uma história sem pretensão, sem

arrogância, sem que ninguém seja o dono da verdade em nenhum momento, nem o próprio analista escapa. O resultado foi *Divã*, uma peça onde as pessoas saem de cena e o personagem principal mais perdeu do que ganhou, mas na verdade ganhou a liberdade, ganhou a vida dela para aproveitar, para viver como ela quiser.

Queria de algum modo despertar esse lado que a gente abafa, porque não sai mais de casa para não enfrentar a violência urbana, vive com medo de tudo, desconfia de todo mundo, tem vírus na internet, tudo te ameaça, então eu queria despertar uma coisa, dentro da simplicidade, que podia ser muito bom pra 2005.

186

Preferi não produzir e fiquei imensamente feliz de ser apenas a atriz, mas participei intensamente da adaptação junto com o Marcelo Saback. Em primeira instância, a Marta Góes ia fazer, mas depois se retirou, assim como o Ulisses Cruz, que foi substituído pelo meu amigo Ernesto Piccolo, o Neco. Já tinha vivenciado experiência parecida com o *Feliz Ano Velho*, em que nós nos reuníamos, sentávamos todos juntos e líamos pedaço por pedaço do livro do Marcelo Paiva, e aí levantávamos para fazer improvisações. Criávamos as cenas no palco, depois voltávamos para a mesa e o Alcides Nogueira escrevia sobre tudo o que tinha acontecido, a gente discutia

a cena e no dia seguinte cada um vinha com uma idéia, e fomos transformando o livro em uma peça. Ali era complicado, porque tinha muitas coisas acontecendo simultaneamente, e estávamos falando de duas épocas diferentes. Tinha os conflitos do pai do Marcelo, todo o contexto político do desaparecimento do Rubens Paiva, que haviam acontecido no passado, nos anos 60, tinha o Marcelo Paiva e o acidente que o deixou tetraplégico em 1980, e a Eunice Paiva, mãe do Marcelo, que emendava o passado e o presente e participava dos dois momentos. Nós levamos seis meses para finalizar.

O *Divã* não era teoricamente tão complicado de adaptar, mas mesmo assim foi um processo longo, que durou três meses. Foi tudo desenvolvido passo a passo, eu e o Saback, cada um lendo o texto, passando e-mails, trocando idéias, que pedaço encaixaria onde. Às vezes, uma simples frase que a Martha Medeiros colocou no livro rendia uma cena ótima, o Saback escrevia páginas e páginas sobre uma citação do texto dela e o duro depois era cortar.



## Capítulo XLI

### Um e-mail para o Neco

*Oi, Neco.*

*Estou te encaminhando esse e-mail pois, caso eu não ganhe o Prêmio Shell de melhor atriz pelo Divã, e não possa te agradecer publicamente no discurso, ao menos fica registrado para sempre tudo o que você foi de mais importante na minha vida.*

*Primeiro porque você pegou uma batata quente para assar, e, como você é meu amigo, aceitou fazer esse trabalho sem questionar, aceitando as condições e se dedicando por inteiro, só nos trazendo alegria. Aquilo que eu sempre imagino em um processo de trabalho teatral. Você era o primeiro a dizer vamos ser felizes e fomos muito e seremos sempre, desde que esse trabalho pelo qual eu particularmente lutei tanto seja sempre honesto e transparente, e nós dois estamos lutando por isso.*

*Depois da estréia em Portugal, eu estava no computador quando você veio e me disse com seu jeito filosófico de ser: Apenas um detalhe c..., só para não deixar passar, e me falou coisas que toda atriz que passa dos 40 gostaria de ouvir, pois é um estímulo para o resto da vida.*

*Se sou ou faço tudo o que eu faço em cena é porque, antes de mais nada, eu tive um diretor que só me incentivou, alimentou a minha criatividade, mostrando no seu olhar sempre muita confiança e generosidade.*

*Foi meu cúmplice, além de amigo. Soube ouvir e colocar suas idéias, cada vez mais criativas, sem impor ou destruir, nem humilhar, como tantos fazem para exercitar o seu poder.*

*Neco, essa peça só saiu do jeito que saiu por sua causa, tenha consciência disso.*

190 *Só para terminar, um detalhe c...*

*Você fez essa peça com filosofia de vida, com simplicidade.*

*Eu acho que você vai ganhar algum prêmio sim, porque você merece!*

*Obrigada, Neco, por tudo!*

*Lilia”*

P.S. – Não levei o prêmio de melhor atriz e o Neco não levou nenhum dos dois a que estava indicado, de melhor diretor e de melhor categoria especial, por um trabalho social fantástico

que ele faz com os garotos da favela. Nós que acompanhamos de perto a maneira como ele conduziu o nosso espetáculo, e que conhecemos os detalhes do projeto social dele, achamos uma injustiça ele não ter ganho nenhum dos dois!



*Lília em Vale Tudo*

## Capítulo XLII

### Um papel embrulhado pra presente

Quando terminou *Hipertensão* eu fiz *Mandala*, e logo depois fui chamada para fazer *Vale Tudo*, em 1988. Era outra novela de Gilberto Braga, como a minha primeira novela na Globo, *Corpo a Corpo*. O personagem era tão divertido, a Aldeíde, que parecia que alguém tinha me dado um presente, que tinha dito assim: *Toma esse personagem e faz o que você quiser com ele*, eu nunca me senti tão livre. Eu tinha tanta espontaneidade, não tinha medo, meu cenário era junto com a Regina Duarte e com o Pedro Paulo Rangel, de quem eu fiquei muito amiga, eu adoro ele até hoje, nós somos companheiros mesmo. Tinha também o Antonio Fagundes, o Reginaldo Faria. Me lembro de que eu não tinha medo algum, ia trabalhar e chegava na gravação completamente livre pra fazer o que quisesse, e tudo que eu propunha para a novela, para o personagem, dava certo. Isso acontece às vezes, e é incrível. Tudo que você propõe vira um sucesso, no dia seguinte o público já vem falar com você. *Vale Tudo* foi a primeira vez em que eu me deparei com um sucesso de televisão de verdade. Era um sucesso estrondoso, o Gilberto acertou em cheio escrevendo uma novela muito atual e

que falava exatamente do que a gente estava vivendo. Meu personagem não tinha conflito nenhum, então ela podia fazer tudo.

O sucesso na TV é muito diferente do sucesso no teatro, porque é imediato, todo mundo te liga, todo mundo quer fazer matéria, era convite pra fazer a *Playboy*, *A Playboy te quer*, de repente



*Aldeide em Vale Tudo*



*Em Vale Tudo, com Rosane Goffman*

eram essas coisas. Era muito assédio mesmo, então eu deixei tudo de lado e fui fazer uma peça bem alternativa, *Delicadas Torturas*, de Harry Kondollean, com o Paulo José, que era um ator que eu admirava muito, a Zezé Polessa, que eu já conhecia de teatro, direção de Ticiane Studart.

Então eu deixei o sucesso para lá e fui fazer uma outra coisa, porque eu acho que o sucesso mistura tudo. Particularmente, a *Playboy* nunca me interessou, mas eu, com 30 anos, tinha muita coisa pra aprender. Tem um caminho perigoso para entrar numa hora dessas, e muitas meninas sem experiência de vida acabam se deslumbrando

# Delicadas Torturas

DE HARRY KONDOLJON  
TRADIÇÃO WANDER DE CASTRO



Lilia Cabral em alguns momentos chega a arrepiar.  
Abram alas para ela passar.

**O Globo – Sheila Kaplan**

O mais extraordinário de tudo é como o elenco se  
adapta ao espírito do espetáculo.

**O Dia – Armino Blanco**

Bijouteria de Luxo para exportação.

**JB – Macksen Luiz**

Ninguém deveria perder Delicadas Torturas.

**Última Hora – Ida Flores Dias**

PAULO JOSE  
ZEZÉ POLESSA

DIREÇÃO  
TICIANA STUDART

LILIA CABRAL  
PAULO CORGULHO

FIGURINOS  
BIZA VIANNA

CENOGRAFIA  
GIL HAGUENAUER

ILUMINAÇÃO  
JÓRGINHO DE CARVALHO



PARTECIPANDO **Arena**

**TEATRO DE ARENA**



Delicadas Torturas



*Com José de Abreu e Fábio Junqueira na peça JK*

por esse glamour do sucesso. Acontece que no primeiro tombo a gente não levanta, porque a gente imagina que o sucesso é espaço conquistado e fica muito difícil quando vem um fracasso.

Depois de *Torturas* eu fiz uma peça que não deu certo, o *JK*, um fracasso retumbante. Você fica se perguntando porque está passando por isso, mas o negócio é não desistir. Eu não deixei de viver o sucesso, mas o meu caminho era outro. Hoje, quando olho pra trás, eu penso: *Ainda bem que fui por esse caminho.*



*No casamento com Johnny Jardim, acompanhada de Pedro Paulo Rangel e Caíque Ferreira*

## Capítulo XLIII

### Casamento

Não deixei de aproveitar o sucesso, não deixei de curtir e não deixei de aprender. Nesse ano eu até me casei, imagina. Foi muito bacana o encontro que eu tive com o Johnny Jardim.

A gente se conheceu por meio do Neco, amigo de ambos. Ele era editor, bem mais novo do que eu. Na época eu tinha 30 anos e ele 23, ia fazer 24. Eram sete anos de diferença, ele era bem novinho, mas a gente resolveu casar. Adotei a família do João para mim, é uma família inesquecível, são pessoas que até hoje eu adoro de paixão. O casamento durou sete anos. A separação foi boa para os dois, o João se transformou num cineasta, ele fez o filme *Janela da Alma*. Eu queria ter filhos, precisava expandir a minha carreira, estava em busca de outros horizontes. Já tinha conquistado algumas coisas e precisava de outras. Ele, por outro lado, tão mais novo do que eu, também precisava de outras coisas.

Se eu continuasse com ele, sendo uma mulher mais velha e mais madura, eu o estaria anulando e ele estaria me anulando também, porque eu teria sempre de regredir para acompanhá-lo,

ou ele teria que abrir mão de certas coisas e não poderia aproveitar certas oportunidades.

Ele é uma pessoa brilhante, está agora fazendo um outro filme, sobre educação. Foi um tempo muito bom que a gente teve juntos, foi bom enquanto durou, mas a separação também veio na hora certa.

## Capítulo XLIV

### *A Playboy te quer*

Me lembro do telefonema que recebi do rapaz da *Playboy*, dizendo: *A Playboy te quer*. Foi a primeira coisa que ele falou quando a gente conversou por telefone. Não entendi a forma dele me abordar e ele insistiu: *Mas você não quer nem conversar, a gente pode sair pra almoçar e eu vou te dizer quais são as propostas*. Eu disse que não ia almoçar, que eu poderia até ficar seduzida com o convite, mas já sabia bem o que eu queria. Ele me tentou, dizendo que eu poderia comprar um apartamento imediatamente, ou então trabalhar para comprar um apartamento dali a seis anos. Eu disse: *Que seja, vou esperar seis anos*. Foi exatamente o que aconteceu, passados seis anos eu comprei meu apartamento, do jeito que eu queria, com o meu dinheiro, com meu trabalho, e não me arrependo. Sei que a *Playboy* exercita um lado da vaidade feminina muito forte, que a mulher tem uma necessidade de mostrar que é bonita, olha só como eu sou. Isso é uma coisa que eu não tenho, vivo a minha intimidade na minha casa, com minha família. Ninguém sabe da minha vida particular. Mesmo se estou em cartaz, eu nunca chego ao teatro e começo a falar da minha vida: *Minha tia fez isso, meu tio*

*fez aquilo, minha mãe falou não sei o quê, minha empregada chegou atrasada, não tem essa, eu não abro a boca. Acho que ficar falando muito desestabiliza, não tenho esse comportamento. Minha intimidade é minha e não é pra mais ninguém. Se eu tiver que ficar nua em cena, como fiquei nas *Divinas Palavras*, ou se tiver que fazer algum filme, não tem problema, é o meu trabalho que está ali. Mas daí a sair desse trabalho para me expor é diferente, dificilmente alguém vai me convencer de que tem um trabalho artístico ali. O que eu acho é que as pessoas vão ver e dizer: *Nossa, como essa mulher é gostosa!*, e a pessoa que se predispôs a se mostrar como gostosa vai gostar de saber que as pessoas estão falando que ela é gostosa. Eu não condeno, cada um tem o seu perfil, cada um pensa como quiser.*

## Capítulo XLV

### Dona Amorzinho

Depois do sucesso em *Vale Tudo* veio outro sucesso, *Tieta*. Ali eu encontrei o caminho pela estrada mais longa, mas foi outra novela que eu adorei fazer. Tenho um carinho pelos (autores) Aguinaldo Silva e Ricardinho Linhares, porque eles queriam que eu fizesse outro personagem, mas o (diretor) Paulo Ubiratan me deu aquele, a Dona Amorzinho. O Paulo foi responsável por boas personagens que fiz na TV. Às vezes eu não entendia o porquê daquele personagem e ele dizia: *Preciso de você aqui*. Depois eu fazia sucesso e ele falava: *Agora agradece, sua chata!* Ele me respeitava e me ouvia também! Quando ele morreu eu logo pensei: *Perdi o meu protetor!* Agora ele me protege do céu.

205

A Dona Amorzinho era uma beata que não usava *calçola*, vestia uma roupa até o pé, com meia, sapato fechado, que eu copiei da minha mãe, e só se vestia de marrom. Meu figurino eram três roupas só, duas marrons e uma cinza, caso eu suasse muito na gravação, mas eram três roupas que eu tinha para vestir a novela inteira. Eu fui comendo pelas tabelas, porque eu sempre vou comendo pelas tabelas, fui pegando a bordinha e quando se viu, aconteceu o personagem.

Vou fazendo o meu trabalho quieta, e de migalha em migalha, a Dona Amorzinho foi crescendo e virou um personagem que era uma delícia. Ali também, como em *Vale Tudo*, tudo o que eu sugeria para o personagem dava certo, até com mais força, tanto que hoje as pessoas se lembram muito mais da Dona Amorzinho do que de *Vale Tudo*.

Bem, o fato de eu não usar *calçola*, mais uma vez despertou o interesse da *Playboy*. Imagina



*D. Amorzinho, em Tieta*

o prato cheio que seria mostrar a *calçola* e tudo o que vem por baixo da *calçola*! Teve o mesmo telefonema, eles sempre foram muito gentis e respeitosos, mas eu realmente nunca me senti atraída por isso. Se eu já tivesse filho na época, aí é que não fazia mesmo. Por mais entendimento que os filhos tenham da mãe e do pai que fazem televisão, principalmente da mãe, você sabe que a sua mãe vai estar em todas as bancas de jornal, nas mãos de todos os seus colegas, eu acho que seria um pouco desrespeitoso com o meu filho.

Não sei, pode não acontecer nada com a cabeceira da criança, mas pode acontecer. Ela pode crescer e passar a vida toda incomodada com isso, tomar uma atitude de vida que reflita alguma coisa do passado, que eu posso ter provocado num momento de vaidade feminina. Eu não gostaria de contribuir pra esse tipo de coisa e eu não preciso também, então nunca pensei nisso seriamente.



*Cenas de Tieta com Cássio Gabus Mendes, Danton Mello, Rosane Goffman e Joana Fomm;*



*Com Rosane Goffman e Joana Fomm*



*Com José Mayer, em História de Amor*

## Capítulo XLVI

### Quer Pagar Quanto?

Toda vez que vou negociar um salário ou um contrato, que vamos estabelecer valores para o meu trabalho, a mim não interessa saber qual é o patamar das pessoas, me interessa chegar a um valor que eu acho que me basta. Eu não preciso ganhar mais que os outros, mas tem de ter justiça: eu só faço o melhor. Quem está comigo em cena tem de saber que eu não vou *moitar*, eu vou ralar mesmo e vou fazer o melhor, não tem jeito, eu não entro em jogo nenhum pra perder. E também não vou querer disputar com esse ou aquele, se estiver na mesma medida, todo mundo ganha, não é assim? Não vou sacanear, de jeito nenhum. A parte de negociar contrato sempre é mais difícil, para mim e para todo mundo.

211

Depois da novela *Anjo Mau*, ou melhor, depois da novela *História de Amor*, do Manoel Carlos, as coisas começaram a melhorar pra mim em termos financeiros.

Até então, eu ia conversar sobre salário e não ficava satisfeita, mas eu falava: *É isso aí? Tudo bem, eu faço.*



*Com Yara Cortez, em História de Amor*

## Capítulo XLVII

### Diretores e diretores

Fui bem tratada na Globo logo de cara, mas nunca fui de puxar o saco de diretor. Quando eu gosto da pessoa, eu gosto mesmo, os diretores de quem eu gosto de verdade sabem muito bem disso. Aqueles de que eu gosto, mas não tenho tanta afinidade, também sabem. Com os autores é a mesma coisa, vou ser sempre grata à Maria Adelaide Amaral, que colaborou comigo no *Solteira, Casada, Viúva, Divorciada*.

O Aguinaldo Silva, o Ricardinho Linhares, sempre me felicitam quando me vêem. O Gilberto Braga foi muito importante na minha vida, fiz três novelas dele e foram sempre bons papéis, o Walcyr Carrasco, sempre muito criativo, e o Manoel Carlos, a minha grande paixão.

No teatro as experiências são mais intensas com os diretores; ou você gosta, ou você diz: *...Com esse eu não trabalho nunca mais!!*

Tive uma experiência, que agora quando eu me lembro, acho divertida. E aprendi algumas lições. Trabalhei com uma diretora que todos diziam ser muito talentosa, criativa e sensível. Minha mãe

morreu durante os ensaios, e eu estava muito abalada, muito abalada mesmo. E nos delírios de criatividade da diretora, ela inventou de jogar terra e água na nossa cabeça. Estava incomodada com aquilo, a minha mãe tinha morrido, tinha ido para debaixo da terra, e com aquela terra toda na minha cabeça fui ficando cada vez mais incomodada, porque ela não percebia o quanto eu estava abalada. Ela tinha que me poupar um pouco da terra, de todo o esforço que ela queria que eu fizesse no espetáculo e que eu não estava conseguindo, porque havia outro movimento dentro de mim.

214

Eu reclamava muito, e ela sempre me chamava de pequenininha: *Ô pequenininha, ô pequenininha*; um dia me enchi o saco e falei assim: *Pequenininha é você, eu tenho 1,75 m, não quero que você me chame de pequenininha, eu não sou pequena.*

Quando o espetáculo estreou, numa dessas reuniões eu, bocuda como sempre, falei tudo o que eu pensava, e ela me mandou embora. Mas também tenho de me perguntar: para que fui me meter a fazer Dostoievski, que era uma coisa completamente diferente da minha experiência? Por que? Porque você fica pensando: *Preciso mostrar que eu também sei fazer um clássico.* Só que não era naquele momento. Fazer uma

peça sofrida daquela forma, pra quê? Lá no Sesc Tijuca, pra ninguém te ver.

Eu me lembro que tinha um Fiat Uno vermelho, e dava carona pro Fernando Eiras, e dizia pra ele: *Nossa vida vai mudar, você vai ver como nós seremos muito felizes depois dessa peça.* E fomos mesmo!



## Capítulo XLVIII

### Uma história de amor e morte

Depois que minha mãe morreu, meu pai ficou diabético. Começou a beber mais, se alimentar de forma desregrada, e, com o stress emocional, se tornou diabético. Quando ele sofreu um ferimento no pé e não se cuidou direito, teve de amputar o dedo. Eu estava gravando a novela *História de Amor*, do Manoel Carlos, e ficava indo e vindo de São Paulo para tentar resolver a situação do meu pai. Ele morava num sítio e eu fazia o possível para oferecer o máximo de conforto para ele. Mas ele continuava o mesmo: teimoso, não queria crescer para a vida e não obedecia nem aos médicos e muito menos a mim. Ele saiu do hospital e logo quis voltar para o sítio, ele tinha as namoradas dele, um bando de menininhas para quem ele devia dizer que era muito rico, que quando ele morresse ia deixar tudo para elas. Só que elas não cuidaram dele e logo ele voltou para o hospital, com a perna já começando a gangrenar. Ele teve de amputar a perna.

217

No meio disso tudo, eu gravando a novela, meu pai sofrendo, sua saúde cada vez mais comprometida, ele não queria obedecer ninguém, de jeito nenhum, ele me liga aos prantos: *Agora,*

*filha, eu não tenho mais caçada e nem pescaria.* Eu também caí no choro e fiquei pensando no que poderia fazer por ele.

Precisou ele ter 73 anos e estar nessa situação para eu entender que o valor dele era a caçada e a pescaria, era isso o que importava para ele. Não era dar amor para a filha, dar amor para a mulher, importante para ele era caçar e pescar. Se eu tivesse entendido antes a receita da felicidade dele, talvez tivesse sido mais feliz com ele.

218

Ele saiu da mesa de operação, teve uma infecção generalizada e faleceu. Foi uma bênção, porque eu pensava assim: *o que vai ser desse homem teimoso, morando num sítio, o que vai ser da vida dele?* Quando ele morreu, eu estava no auge da gravação da novela, sem capítulos de frente, e disse para o (diretor) Ricardo Waddington, que sabia de todo esse processo que eu estava passando, que naquele dia não tinha condição de gravar. Ele me falou para ficar um dia em casa e voltar no dia seguinte, porque ele precisava mesmo de mim. Um outro diretor teria dito que eu não podia faltar, que teria de ir gravar de qualquer maneira. Eu tirei esse dia para chorar meu pai. Chorei o dia inteiro, da hora que eu acordei até a hora que fui dormir. No dia seguinte, quando fui gravar de manhã, vi que o Ricardo tinha feito todas as cenas com todo

mundo, usando um dublê. Quando eu cheguei só tinha eu, gravei todo o meu lado, ele inseriu as minhas cenas e o capítulo foi ao ar naquela mesma noite. Eu fiquei agradecida a ele para o resto da vida. E chorei um dia inteiro, lavei a alma e depois nunca mais chorei por causa do meu pai. Era uma página virada. Acabou esse livro e agora estava na hora de começar outro.



## Capítulo XLIX

### Paulo Betti

Eu trabalhei com pessoas muito legais, que me ajudaram muito. O próprio Paulo Betti, apesar da exigência dele, me fez crescer demais. Com ele aprendi a fazer comédia de todas as formas. Ele sempre invocava comigo durante toda a temporada do *Feliz Ano Velho*. Quando a platéia ria demais, eu estava exagerando. Então ele queria que eu fizesse minha parte, que era basicamente cômica, sem fazer a platéia rir tanto. *Hoje você não faz assim, hoje você tenta isso, hoje você tenta aquilo*, para ver se a platéia ria menos. E eu respeito o diretor, ouço bem o que ele fala, mesmo que não concorde, faço exatamente o que ele me pede. Um dia, estávamos em cartaz no Teatro Ipanema, e ele falou assim: *Hoje eu não quero que você faça graça, quero que você faça seco, você não vai dar nem um tom acima*. Eu ficava meio mixuruca, porque queria ouvir a gargalhada do público, mas fiz tudo seco, como ele pediu. Nesse dia fui aplaudida seis vezes em cena, ele nunca se esqueceu disso, nem eu.

Fiz tudo jogando o texto fora, não exaltava nada. No dia seguinte ele me escreveu uma carta linda, dizendo que, de fato, se eu tendo feito como ele

pediu e tendo sido aplaudida seis vezes, quem tinha de calar a boca dessa vez era ele, que nunca mais ele ia falar pra eu fazer nada. Aí eu falei: *Bom, podia ter sido aplaudida doze vezes, né?*

O Paulo foi uma escola, porque eu era instigada todas as noites, é diferente entrar em cena sabendo que o diretor está lá, de olho em você. Tinha uma época em que ele operava a luz do espetáculo, então ele acompanhava cada movimento. Eu fui aprendendo a ser séria, foi uma bela escola pra mim. Quando eu saí do *Feliz Ano Velho* e fui fazer *Miss Banana*, era uma outra escola, a escola da perversão. O Wolf Maya, coitado, tinha de dirigir umas 500 pessoas, uma confusão danada, era uma produção caótica, e eu tinha que me virar. Se eu não tivesse passado pelo *Feliz Ano Velho*, não teria me virado naquele espetáculo.

## Capítulo L

### Cinema

Ai, que vontade de fazer cinema! Quando penso em cinema, me vêm à cabeça dois diretores: Fellini, é lógico, e Carlos Manga. Como eu, que adoro comédia, posso não lembrar de *Amarcord* e *O Homem do Sputnik*? Não tive o prazer de fazer um filme com o Manga, muito menos com o Fellini, mas fiz uma novela em que o Manga era diretor de núcleo e posso dizer com categoria que ele é um *puta diretor*.

Fiz muito pouca coisa no cinema. Um filme chamado *Stelinha*, do Miguelzinho Faria Jr., com a Esther Góes, mas era um personagem simples, não tive o sabor de fazer cinema naquele filme. Depois teve alguns curtas, umas participações pequenas e uma um pouco maior em *Dias Melhores Virão*, do Cacá Diegues, com a Marília Pêra.

Fiz a *A Partilha*, texto de sucesso de Miguel Falabella, adaptado para o cinema. Em *A Partilha* já me senti *fazendo cinema*, tendo um personagem inteiro, com começo, meio e fim. Agora toda hora o filme passa no Canal Brasil, e cada vez que assisto *A Partilha* tenho uma leitura diferente e sempre vejo coisas que eu mudaria na minha atuação: muitas coisas eu acho que acertei e não

faria diferente, mas muita coisa eu mudaria, se tivesse que fazer agora. Minha atuação seria mais normal, mais jogada fora, quando vejo o filme tenho a sensação de que eu estava muito armada, sinto um pouco assim. Mas de qualquer forma fez um sucesso enorme, todo mundo foi elogiado. O elenco era Glória Pires, Andrea Beltão, Paloma Duarte e eu. A direção era do Daniel Filho.

*O Divã* a gente está pretendendo filmar; o (diretor) José Alvarenga foi assistir a peça e ficou bem entusiasmado, a gente já se acertou. A Mercedes poderia ser um personagem para ficar pra sempre no cinema. É um capítulo pequeno esse, não? É porque a minha experiência no cinema é pouca mesmo!



*Com Paloma Duarte, Andréa Beltrão e Glória Pires em A Partilha*



## Capítulo LI

### Iwan Figueiredo

Me separei do João Jardim em agosto de 1994 e em março de 1995 eu conheci o Iwan. Eu não queria nada, estava namorando bastante, um aqui e outro ali, estava como o diabo gosta. Queria aproveitar a vida, só queria me divertir. Mas aí apareceu o Iwan, que já estava separado há cinco anos, e ele foi conseguindo me conquistar. Me apresentou para uma relação confortável, sem ser estressante, e foi fazendo com que a cada dia que passava eu gostasse mais dele. Ele é economista, não tinha nada a ver com as pessoas do meu meio, tem um escritório, faz consultoria imobiliária para clientes com quem ele trabalhou a vida inteira, em princípio não tinha nada a ver comigo.

227

Fomos apresentados em um restaurante, por um primo dele que era muito amigo da Mila Moreira, que é muito minha amiga. Chegamos juntas ao restaurante e eles nos convidaram para sentar com eles.

A Mila ainda falou assim: *Ih, esse moço é bom pra você!*, e eu nem aí. Depois de três ou quatro meses, a gente estava muito juntos. Ele tinha acabado de comprar um apartamento lindo no

Jardim Botânico, e eu também tinha acabado de comprar o meu apartamento lindo na Marquês de São Vicente, e ele foi entrando devagar na minha vida. Eu dei uma portinha desse tamanho para ele pendurar umas camisas no meu armário, a pior porta possível, mas ele topou e a gente foi ficando cada vez mais juntos.

Era uma coisa tranqüila, sem cobrança, a gente se sentia bem juntos e era só prazer. Eu estava fazendo a novela *História de Amor*, do Manoel Carlos, e trabalhando muito, porque as novelas dele são complicadas. Eu ficava quieta, mas todo



mundo estava de butuca para ver se eu ia ficar sozinha, até que o (diretor) Roberto Naar, que eu adoro, falou assim: *Gente, não adianta, ela está namorando um cara bonito pra caralho, perto dele vocês são todos chulé!* Achei aquilo muito engraçado e dei muita risada. O Iwan tem um estilão assim, né? E olha a visão do Naar, um cara todo machão falar uma coisa dessas!

A gente estava muito próximo quando sem querer eu engravidei, o que acabou nos aproximando mais, até que eu perdi o bebê. Então fiz vários exames e um deles indicou que meu sangue não era compatível com o sangue do Iwan, que eu teria de tomar uma vacina para resolver. Meu ginecologista duvidou um pouco daquele resultado, até que um mês depois eu comecei a passar muito mal, tanto que concluí que estava com câncer no fígado.

229

Eu pensava que minha mãe tinha tido um câncer no pâncreas e agora era eu que estava com câncer no fígado. Fui sozinha até a Clínica São Vicente e pedi para alguém fazer uma ultrassonografia, que eu estava com câncer no fígado.



## Capítulo LII

### Nova família

Claro que eu estava grávida. *Como assim, câncer no fígado?*, a mulher da clínica perguntava. Eu disse para ela que o meu médico estava viajando, participando de um congresso, mas que assim que ele chegasse, ele mandaria o pedido do exame, mas que ela por favor fizesse o que tinha de fazer porque eu estava passando mal e tinha certeza de que estava com câncer no fígado. Eu precisava urgentemente daquela ultrassonografia. Ela foi fazendo, fazendo, e quando chegou na parte inferior do abdômen viu que eu estava grávida de sete semanas. Eu estava deitada e não conseguia nem levantar de tão mal que eu passava.

231

Foi incrível, eu fiquei grávida na primeira vez que pude transar, depois da quarentena do aborto espontâneo. O Iwan, que já tinha três filhas, a mais velha, Isabela, agora está com 32 anos, a Mariana tem 29, e a Cecília, 27, queria construir uma família novamente.

Eu, como não tinha filho, também tinha essa vontade. A primeira gravidez serviu para a gente ter certeza de que estava disposto a encarar essa situação. Só que quando veio aquela história de que eu teria de tomar vacina, de que nosso

sangue não era compatível, foi um balde de água fria, pensei que teria de fazer mil tratamentos, que a gravidez não ia ser natural, mas não foi nada disso. Eu acho que o primeiro bebê que eu perdi foi somente pra não ter dúvida nenhuma de que o caminho era esse.

No começo eu tive muito enjôo. Reclamava para todos os médicos, pro clínico, pro gastro, pro ginecologista: *Escuta, será que é isso mesmo? Porque eu estou passando tão mal, é um enjôo tão tamanho, eu não tenho condição, não consigo levantar, é uma depressão profunda, não tenho vontade de fazer nada!*

232

Quando minha mãe morreu, eu tive um princípio de síndrome do pânico e achei que estava tendo aquilo de novo. Eu não tinha ânimo para nada, era um cansaço profundo, era tudo junto.

Minha taróloga é que tinha razão, foi muito engraçado. Ela me disse que eu ia perder um bebê, mas que não me preocupasse, que ia engravidar logo em seguida. Eu tenho taróloga, psiquiatra, dermatologista, toda ajuda possível. Não tenho mãe, não tenho pai, não tenho irmão, não tenho tio, né?

Nessa altura eu e o Iwan já estávamos morando juntos, no meu apartamento, ele se virando



*Lília grávida de Giulia, com Neco e Letícia Sabatella*

com aquela portinha do armário que eu reservei para ele. Aí a gente resolveu comprar uma casa. Ele vendeu o apartamento dele, que tinha o dobro do tamanho do meu, eu aluguei o meu e o Iwan comprou uma casa no Jardim Botânico. A situação da divisão do espaço no armário não mudou muito...

Maquiagem para a gestante

ANO 9 - NÚMERO 32  
PREÇO R\$ 4,30

# mãe

*Você e seu filho*

**Ele está perfeito?  
Métodos modernos  
tiram a dúvida**

**Você acertou  
na escolha  
do pediatra?**

**Lilia  
Cabral**  
*"a gravidez  
no momento  
certo"*

**e mais...  
as atrizes  
falam sobre  
planejar ou  
não a vinda  
do bebê**

**BRINQUEDOS**  
*Sugestões para  
o primeiro  
Dia da Criança*



**MOISÉS &  
MALINHA**  
*o conjunto  
ideal para  
o seu estilo*



**PODE COMER  
MACARRÃO, SIM!!**  
*4 receitas que  
não engordam*





*Lília com Giulia, aos 8 meses, com Denise Sarraceni*

## Capítulo LIII

### Giulia a caminho

Depois do enjôo terrível dos primeiros tempos, minha gravidez foi tranqüila. Trabalhei bastante no desenvolvimento e na montagem do *Futuro do Pretérito*, usando toda a experiência que tinha adquirido desde a escola, desde *Feliz Ano Velho*, de montar um texto na improvisação, de escrever enquanto você ensaia. É uma coisa que eu gosto de fazer, porque já passei por muito trabalho de grupo, muito entendimento de texto, o que deve, o que não deve fazer, o que fica, o que é importante e o que não é. Você vai acompanhando o crescimento e é engraçado porque o ator tem ouvido, né? A gente trabalha no texto em volta da mesa, daí vai para a cena, volta pra mesa, é como compor uma música. Quando tem uma nota musical que destoa você percebe que não está na harmonia certa e tem de tirar. O que não combina com o ritmo do texto o seu ouvido aponta. No *Futuro do Pretérito* foi bem assim. É um trabalho de labuta mesmo, passo a passo.

237

A Giulia nasceu no dia 21 de janeiro de 1997.



*Giulia e as irmãs, filhas de Iwan*

## Capítulo LIV

### Julia Roberts

Todo mundo chama a Giulia de *Julia Roberts*, ela tem aquela carinha, aquele sorriso. Nunca fiquei exacerbando a vaidade dela, querendo que ela faça o que não quer fazer. Quer brincar, brinca. Outro dia ela foi à festa da filha da (atriz) Mônica Torres e eu botei uma saia compridinha, mas ela falava: *Quero brincar!* Aí ela escolheu uma saia que tinha um short grudado e gostou, *assim eu posso sentar, cruzar a minha perna, ficar à vontade.*

Eu não tiro isso dela, porque acho que é importante ela ter essa espontaneidade. Ao mesmo tempo eu não deixo ela sair com uma bermuda toda esculachada, aí não dá. Não é uma questão de você estar à vontade, parece até falta de higiene. Não pode, ainda mais uma menina. Fica à vontade, mas bem arrumadinha. Nada de cabelo despenteado, desgrenhado, com qualquer roupa, de qualquer cor, tem que pensar.

Quando minha enteada casou, a filha mais nova do Iwan, fiquei procurando um vestido para a Giulia e não conseguia achar. Comprei paninho, levei para a costureira. Ela nunca tinha colocado um vestidinho de festa de casamento, ela parecia



uma boneca e eu não cansava de dizer que ela estava linda, linda, linda. Outro dia ela me pediu: *Mãe, você me dá um tomara-que-caia?*. Então peguei um negócio bem justo que eu tinha, ela botou e ficou cinco minutos. *Isso aqui que é tomara-que-caia?*, e tirou na mesma hora. A amiga dela estava usando, mas ela não agüentou. Ela odeia essas coisas, isso é culpa minha, que nunca a vesti com casinha de abelha, lastex e babadinho, nunca, era só roupa reta pra brincar. Agora eu ponho um lacinho ou qualquer coisinha e ela reclama: *Incomoda!* Culpa minha.

Mas ela está começando a descobrir a vaidade. A gente está de saída para a (pizzaria) Capricciosa e ela demora porque está se arrumando. Sai do quarto com tanto perfume que não dá nem para ficar perto de tanto enjôo. Ou então passa muita sombra azul, porque ela queria ter olhos azuis, passa um monte de batom e diz: *Podemos ir*. Outro dia fomos ao (restaurante) Antiquarius, ela falou que queria comer bolinho de bacalhau, então a levei ao Antiquarius. Ela botou um vestidinho, botou um blazerzinho, estava uma graça. Aí chegou lá, tudo perfeito, ela estava compenetrada e me perguntou: *Estou me comportando bem?* Na hora da sobremesa, o maitre trouxe a bandeja de doces para ela escolher. Ela apontou para um deles. *Ovos moles*, ele disse. *Ovo?!?!?!?*

*Mole?!?!? Blergh!*. Lá se foi a finesse... Então ele ofereceu: *Tem sorvete de chocolate, de creme... Tem de uva?*, ela perguntou. *Não, uva não tem. Morango? Não, não tem. Limão? Também não.* Então ela se virou para mim e comentou: *Nossa, mas está fraco isso aqui hoje!*, que era uma fala minha no *Divã*. Ela é muito criança, a vaidade dela ainda está muito longe de acontecer.

## Capítulo LV

### Com açúcar e com afeto

Meu encontro com o Iwan foi o meu primeiro amor de verdade. Eu passei muito tempo procurando namorados parecidos com o meu pai, repetindo aquele padrão onde o namorado judia da namorada, tem uma coisa cruel na relação. Parece que eu era insegura e não tinha me livrado ainda daquele estigma, então ficava testando para ver se de fato essa pessoa me amava mesmo. Sofri mais do que aproveitei todos os namorados que eu tive. Mesmo quando me casei com o João, que foi um casamento bacana, a gente se deu super bem durante algum tempo, quando nos separamos fomos fazer uma terapia de casal e ele não parava de me procurar. Ele não queria ficar comigo, queria ter a vida dele, mas ao mesmo tempo não queria ficar sem mim e não parava de me procurar. A terapeuta estabeleceu um tempo para a gente esquecer um do outro. Eu pedi seis meses. E foi logo depois de seis meses que conheci o Iwan, um homem vivido, amadurecido, que não tinha necessidade nenhuma de ser cruel comigo, que já tinha filhos, que estava muito a fim de construir uma família, muito a fim de ser feliz. Era o que eu também queria, então acho que demorou, mas achei.

Também não quero dizer que *Ai*, esse é o amor da minha vida, eu detesto isso, atriz tem mania de encontrar o amor da sua vida em cada homem que aparece. No meu caso o que eu posso dizer é que o Iwan é um grande amor que apareceu na minha vida e que me deu uma filha e que a gente é muito feliz juntos, e companheiros, isso que é o mais importante.

Eu vivo uma situação familiar ótima com as filhas do Iwan, que já são casadas, belas profissionais. Fazem parte da minha família, uma família com harmonia, com risada, com respeito, com açúcar e com afeto.



*Com Giulia e Iwan na Expo Lisboa*



## Capítulo LVI

### Como vestir um personagem

No teatro você escolhe o personagem, comigo é assim: *Eu quero fazer, eu quero fazer*, apostado naquilo e muita gente me ajuda. Já tenho discernimento do que é legal e do que não é. Na televisão é o diretor quem diz: *Este é o seu personagem*. Para vestir o personagem, você usa todas as observações cotidianas, isso é uma coisa muito importante, você tem de ficar atento.

Às vezes alguma pessoa fala um desaforo do seu lado e você nem liga, mas quando você está fazendo um personagem que é uma mulher desaforada, você percebe todos os desaforos que alguém disser perto de você. Outro dia, no trânsito do Rio, eu fiz uma curva sem calcular muito bem e parei o carro um pouquinho afastado da faixa. O carro que vinha muito depressa atrás do meu quase me bateu. Deixei ele passar por mim e disse assim para a mulher que estava no volante: *Pôxa, desculpa, foi mal*. Então ela gritou: *Você é uma retardada!* Minha filha estava comigo, no banco de trás, e me perguntou: *Mamãe, o que é retardada?* Eu insisti com a mulher: *Pérai, eu estou te pedindo desculpa, eu calculei mal...* E ela de novo: *Você é uma retardada!*, e continuou

xingando. Então eu não me contive, emparelhei com ela e disse: *Olha, eu sou retardada sim, mas em compensação eu sou muito mais bonita que você, porque você é **muito feia!*** A postura dessa mulher é a postura do meu personagem, que não releva as coisas, faz questão de emparelhar no trânsito para xingar uma pessoa que está tentando pedir desculpas.

248

Como estava pensando muito no gestual da Marta, cada hora pensava numa coisa. O diretor ajuda muito, quando é bom, né? (risos) O Jayme (Monjardim) sempre vem no pé do ouvido e com muita delicadeza pede o que ele quer. E eu faço, porque confio nele. Me entendi muito bem com o meu personagem, como de resto todo elenco da novela. Fui gravar uma seqüência com o Marcos Caruso e depois da primeira cena o diretor, o super talentoso Fabrício Mamberti, sonho de consumo das atrizes, cortou: *É menos, gente*. Nós tínhamos feito, vamos dizer, com 200 decibéis. Aí fomos diminuindo o volume, fizemos com 100, depois com menos ainda e a cena ficou boa com 10. Ou seja, estávamos bem acima do tom. Então fizemos a mesma cena, com a mesma intensidade, com a mesma sensação, com 10 decibéis. Quando a gente acertou o tom, fizemos de primeira, e o Fabrício gritou: *Maravilhoso!*

O diretor te ajuda a entender, a desenvolver o personagem, a saborear a cena. Lógico que no começo de cada novela você vai jogando, erra aqui, conserta, erra ali, conserta. Tem atores que começam as primeiras cenas muito exagerados, descompensados, às vezes o diretor também ainda está sentindo a que veio o personagem. Depois tudo vai se ajustando. Por isso é cruel fazer uma análise de uma novela nas duas primeiras semanas, porque é uma jogação de braço e perna sem fim, é muito difícil, começar qualquer coisa é muito difícil.



## Capítulo LVII

### Freud explica

Faço terapia há anos. Procurei um terapeuta quando minha mãe morreu porque, apesar de toda a distância que havia entre mãe e filha, ficou aquele buraco em mim. Eu tive de lidar com esse amor profundo que eu sentia por ela, com esse grande amor que eu tinha por ela e nem sabia direito. Tive uma terapeuta que me ajudou, eu fiquei três anos com ela. De repente comecei a achar que precisava de alguém que falasse mais, porque eu falava muito. Então procurei o Alberto Goldin, argentino, hoje em dia ele escreve no jornal *O Globo*. Uma amiga me indicou e eu gostei muito dele. Quer dizer, na primeira vez a gente bateu logo de frente, porque ele veio falando comigo cheio de autoridade e eu reclamei. Disse que ele não me conhecia o suficiente para me tratar assim. Quando o enfrentei, ele mudou, e foi muito bom, nós nos relacionamos até hoje. Ele é meu analista, mas é meu amigo, uma pessoa próxima, muito querida, que me acompanha há 11 anos.

Às vezes tem semanas que eu penso: *Não tenho nada para fazer lá, que assunto eu vou ter com ele?* O pior é que você fala assim e na semana seguinte acontece uma cagada e muda tudo: *Graças a Deus está chegando o dia da análise!*



## Capítulo LVIII

### Miss Simpatia

Em 2000 fiz a novela *Laços de Família*, de Manoel Carlos, dirigida por Ricardo Waddington. Meu personagem era a Ingrid, casada com o Fernando Torres, logicamente muito mais velho do que eu, um doente em fase terminal. Meu papel era duro, doído, sofrido, e o dele era um cara muito severo, que tinha mandado a filha para fora de casa e rompido relações com ela. Mais do que um companheiro de trabalho, o Fernando virou um pai, me agregou, me protegia. Como profundo conhecedor da vida, cada vez que ele abria a boca era uma lição. Depois que gravamos a cena da morte do Fernando na novela, a Fernanda Montenegro me mandou uma carta linda, foi muito emocionante. Até hoje, toda vez que eu vejo a Fernanda eu brinco: *Como vai o nosso marido?*

253

A novela era gravada em uma fazenda centenária no Rio Grande do Sul, que era o cenário do meu drama familiar.

Estávamos com muitas dívidas e de repente teríamos que vender a fazenda para sobreviver. A gravação da novela virou atração, a gauchada toda se reunia para acompanhar. Eu tinha sido eleita a mais bonita, a mais talentosa, a mais



Laços de Família

simpática, a mais inteligente, a mais tudo por todos os gaúchos lá da fazenda. Onde eu ia tinha alguém para me ajudar, toda tarde tinha um lanche enorme na fazenda, com *cookies*, bolinho de chuva, pães, queijos, café com leite tirado na hora. Como eu era a dona da fazenda, eu que fazia as honras da casa e convidava todo mundo para lanche. Às vezes eles faziam feijoada, churrasco, tudo para mim. Tinha a Vera (Fischer), a Deborah Secco, um monte de atrizes no elenco, mas eu é que era a especial. Era muito engraçado, eu me sentia uma rainha.

Até que uma noite eu tinha uma cena grande para gravar na varanda da casa, junto com a Deborah Secco. Era verão na trama e inverno no Sul, fazia muito frio e eu estava com um vestidinho vaporoso e um casaquinho leve por cima. A Deborah estava de short e jaqueta jeans. Nós começamos a gravar às 10 da noite e às 2 da manhã a temperatura tinha caído para 6° C. Aquele horizonte aberto, batia um vento doído e as duas conversando em um balanço, com o cabelo todo desgrehado pelo vento, sentindo um frio desgraçado. E o Ricardo: *De novo*. Refazíamos a cena e o Ricardo: *De novo, gente*, pela décima vez. *De novo, de novo, olha o cabelo, Lilia*. Quando chegou na vigésima vez e o Ricardo falou: *De novo*, eu gritei: *De novo é o caralho! Eu não vou fazer*

*essa cena de novo! Vem aqui sentar no banquinho do balanço pra ver o que eu estou passando! Quem é que tá errando aí? E o Ricardo: Ô Lília, só mais uma vez! Eu me recusei: Mais uma vez porra nenhuma! Chega! Eu vou morrer!*

E a gauchada toda me assistindo, todos que tinham me eleito a mais fina, a mais educada, a mais maravilhosa, testemunhando o meu ataque. Em cinco segundos eu destruí a minha reputação. No dia seguinte começava a gravar ao meio-dia e decidi chegar à fazenda almoçada, porque pensei que não ia ter o lanche.

256

Não vai ter mais *cookie*, não vai ter mais bolinho de chuva, acabou a regalia. Quando eu cheguei apareceu o primeiro gaúcho, que vinha sempre pegar a minha bolsa, e falou: *Ontem a senhora estava nervosa!* Eu expliquei que estava passando muito frio com aquela roupinha e ele disse: *É claro, a gente entende.* Então eu testei: *E o lanche, vai ter hoje?* Quando ele me disse que claro que sim, que eles já estavam providenciando tudo, me deu o maior alívio do mundo. Eu tinha ido dormir pensando que tinha acabado com o sonho de tantos gaúchos, que achavam que eu era uma coisa e depois viram que eu era outra. Ao contrário. Eles continuaram me bajulando, cuidando de mim, com todos os desaforos que eu falei naquele dia.

Acho essa história engraçada porque ela me caracteriza muito, eu sei que sou assim. Minha transparência, esse despudor, essa inconseqüência, essa falta de constrangimento, é o meu maior termômetro. Eu sou capaz de ser a pessoa mais careta e mais certinha do mundo e ao mesmo tempo a mais italiana, a mais desafortada, a mais escancarada. Eu tenho essa voltagem. Às vezes atrapalha, mas sinceramente acho que é bem melhor assim. Quem me conhece e gosta de mim não vai deixar de gostar por causa de um ataque, e os gaúchos foram a prova disso. Eles podiam ter pensado: *Essa mulher é muito grossa, tomara que ela nunca mais venha gravar aqui!* E não foi nada disso que aconteceu. Eu continuei reinando na fazenda até o final da gravação da novela, e acho essa história uma boa pista para quem está descobrindo Lilia Cabral.



*Com Marcos Caruso, em Páginas da Vida*

## Capítulo LIX

### *Páginas da Vida*

Já tive vários personagens bacanas na televisão, mas ainda faltava um personagem inteiro, amadurecido. Não estou falando de protagonista, é muito chato ser protagonista de novela, porque, se não dá certo, é a sua cara estampada lá toda noite. E se dá, também não é por você, é por tudo que tem em volta menos por você. Eu quero mais, apesar de que lá dentro da Globo as pessoas me olham como se eu estivesse com a vida ganha: *Você não tem de mostrar nada pra ninguém, não tem de provar nada pra ninguém*, mas eu preciso provar sim, quero provar cada vez mais. Aí veio a Marta, a vilã que fiz em *Páginas da Vida*, do Manoel Carlos.

259

Quando peguei os primeiros seis capítulos da novela nas mãos, vi que meu personagem era uma mulher que provavelmente não teve afeto algum da família, quer dizer, eu poderia ter me tornado o que essa mulher é. Ela casou com um cara que também não é afetuoso, procurou a pessoa completamente errada para a vida dela. Eles vivem às turras. Ela é uma mulher invejosa, seca interiormente, que incentiva que os filhos se aproximem das pessoas que têm dinheiro, para

encontrar oportunidades que ela não teve. Ela se chateia profundamente com a vidinha medíocre que ela vive, com aquele marido medíocre que ela tem. Ela tem uma irmã que é o oposto dela, metida, só compra importado, é uma chata. Uma não tem nada e alimenta o desejo, a ambição, a ganância. A outra tem tudo e menospreza quem não tem nada. Esse personagem não tem afeto, não tem gratidão e nem generosidade. Como eu ia fazer?

260

O Maneco que me deu o personagem, dizendo: *Olha, Lília, esse é para você.* Então alguma coisa ele viu que combinava comigo, não fui eu que escolhi. Lógico que aceitei, era um personagem muito bom. Em geral, o primeiro contato que você tem com a novela é a sinopse. O Manoel Carlos não escreve sinopse, mas você sabe que o texto dele vai dar prazer de falar. Tinha uma coisa muito boa que eu falava para o meu filho logo nas primeiras cenas de *Páginas da Vida: Meu Deus, não é possível, você sempre se dá melhor com os filhos dos empregados do que com os filhos dos patrões! É o filho do jardineiro, é o filho do porteiro, é a filha da empregada... Que vocação pra pobreza!* Não é uma delícia falar um texto desse? Eu acho. Eu acho ótimo, acho ótimo.

## Capítulo LX

### A megera adorada

Quando nós começamos a conversa que resultou neste livro – Ana e eu – eu estava gravando os primeiros capítulos da novela *Páginas da Vida*. Estava feliz, porque sabia que era um bom papel, mas jamais poderia imaginar todo o sucesso, tampouco a popularidade, de um personagem amargurado, infeliz, cruel, digno de levar tomates pela rua.

Mas o que eu vivenciei de mais importante foi a compreensão total dessa mulher. Ponto para o público, que é inteligente; vários pontos para o Maneco, que escreveu um personagem pobre na vida, mas rico na dramaturgia; e um pontinho pra mim, que soube aproveitar todas as oportunidades.

261

No começo da novela, eu lembro que as cenas eram tão pesadas que, quando iam ao ar, eu pensava: *Hoje não saio de casa nem para colocar o lixo na rua!* Depois fui percebendo que era uma delícia sair de casa, pois eu sempre voltava com o meu ego alimentado. Com o sucesso e o reconhecimento do público, é muito difícil ficar deprimido!!!

Tive cenas lindas, e tive companheiros de quem jamais vou esquecer. Foi um enorme privilégio trabalhar com o Caruso. Com ele aprendi o que demorei 30 anos para aprender: *A arte de ser generoso em cena*. Esse trabalho foi feito por uma equipe maravilhosa, à qual só tenho que agradecer.

Fui premiada com o APCA, e o Prêmio Extra de Televisão, o Prêmio Contigo de Televisão, o Troféu Imprensa e o Troféu Internet e ainda fui semifinalista do Prêmio Emmy internacional e vários jornais me elegeram melhor atriz de 2006! Sabe o que tudo isso mudou dentro de mim? Nada. Continuo a mesma pessoa, sabendo que tudo na vida é sempre um começo, um aprendizado.

262

Este ano fiz 50 anos, feliz da vida, orgulhosa de tudo que conquistei, da minha família, do meu trabalho, dos meus amigos, que não são poucos!

Também fizeram parte da minha vida tristezas, frustrações, decepções com trabalhos, com família e com amigos.

Tenho os meus defeitos, sou implicante (quando eu implico, ninguém agüenta), intolerante, temperamental. Tenho as minhas qualidades, sou honesta, simples, verdadeira. Podem me roubar

tudo, mas jamais conseguiram roubar as minhas idéias, a minha alegria, a minha determinação, a minha coragem.

Obrigada, Ana, por me acompanhar nesta viagem, e que Deus nos dê saúde para novas conquistas e para que, juntas, possamos contar novas histórias.

Beijos,

**Lilia**

Janeiro de 2007



## Cronologia

**Lília Cabral**

13 de Julho de 1957 / São Paulo, Brasil

### Teatro

**2005**

- *Divã*

**2003**

- *Unha e Carne*

**1996**

- *Futuro do Pretérito*

265

**1993**

- *Solteira, Casada, Viúva, Divorciada*

**1992**

- *Baile de Máscaras*

**1991**

- *La Ronde*

**1989**

- *Machado em Cena*

**1988**

- *Delicadas Torturas*

**1983**

- *Feliz Ano Velho*

**1979**

- *Divinas Palavras*

**1978**

- *Marat Sade*



*Com Fábio Junqueira, em La ronde*



*Com Analu e Denis*



*Com Marinho, Analu e Teté*



Lilica querida  
 Terminou? Cê tá triste?  
 Normal! Mas, pense agora  
 na grande vitória que foi  
 esse trabalho e como abriu  
 caminho p/ outros ainda  
 melhores. Você merece!  
 Um beijo, meu cari.  
 inho e admiração sempre  
 de.  
 Tem comida no prato!

Lilica.  
 Vou estar nos jun-  
 tos no palco da pro-  
 xima estreia.  
 Até lá, minha!  
 Fusom e Caíque.

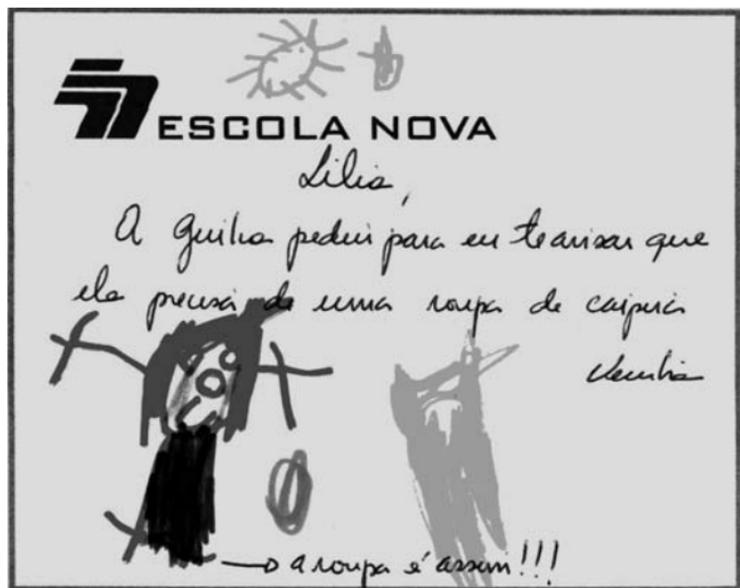
De todas as situações  
Hoje é um novo ano que começa  
Um ano muito diferente de  
Todos os outros, cheio de expectativas,  
de mudanças, de sonhos e realizações.  
Daquele da posição de  
quem te observa e te ama, vejo  
você crescendo, a cada dia se  
tornando um ser humano  
melhor, uma mulher mais  
bela, uma grande atriz,  
a melhor amiga, companheira  
e agora mãe... Que orgulho  
ver você cantar, dançar,  
brincar... e dizer de boca aberta!

na canção e minhas vontades.

Foi bom entrar na  
dança com você

Feliz aniversário!  
Todo meu carinho  
Sempre!

Lilias  
Julho 96





Página da revista Contigo!

## Televisão

### 2006

- *Páginas da Vida* – Marta  
De Manoel Carlos, direção Jayme Monjardim,  
Fabrício Mamberti
- *A Grande Família* - Margot Pereba (episódio  
*A Malvada*)

### 2004 / 2005

- *Começar de Novo* – Aída  
De Antonio Calmon e Elizabeth Jhin, direção  
Marcos Paulo
- *A História de Rosa* – especial
- *A Diarista - Pinky* (episódio *Mulheres que Enchem o Saco Demais*)

### 2003 / 2004

- *Chocolate com Pimenta* – Bárbara  
De Walcyr Carrasco, direção Jorge Fernando

### 2002

- *Sabor da Paixão* - Edite Rosa  
De Ana Maria Moretzsohn, Daisy Chaves, Fernan-  
do Rebello, Glória Barreto e Izabel de Oliveira,  
direção Fabrício Mamberti, Maria Medicis, Ulysses  
Cruz e Vinícius Coimbra



Sabor da Paixão

- *A Grande Família* - Margot Pereba (episódios *Noiva em Fúria / Vai para o Trono ou Não Vai / Explode Coração*)

## 2001

- *Estrela-Guia* - Daphne Pimenta  
De Ana Maria Moretzsohn, Daisy Chaves, Izabel de Oliveira, Fernando Rebello e Patrícia Moretzsohn, direção Denise Saraceni, Carlos Araújo e Ulysses Cruz
- *Sai de Baixo* (episódio *Família de Aluguel*)
- *Os Normais* - Amanda (episódio *Surpresas São Normais*)
- *Brava Gente* - Isadora (episódio *Proezas do Finado Zacarias*)

273

## 2000

- *Laços de Família* - Ingrid de Lacerda  
De Manoel Carlos, Maria Carolina, Flávia Lins e Silva, Vinícius Vianna e Fausto Galvão, direção Rogério Gomes, Moacyr Góes, Márcio Schechtman, Leandro Néri e César Rodrigues

## 1999

- *Malhação* - Cláudia Almeida
- *Você Decide* (episódio *Robin Hood Aposentado*)



Estrela-Guia



*Com Marcos Pasquim, em cena de Estrela-Guia*



*Em Você Decide*



*Em Meu Bem Querer*

## 1998

- *Meu Bem Querer* - Verena Alves Serrão  
De Ricardo Linhares, Leonor Bassères, Nelson Nadotti e Maria Elisa Berredo, direção Marcos Paulo, Roberto Naar, Luís Henrique Rios e Alexandre Avancini
- *Sai de Baixo* (episódio *O Casamento do Meu Melhor Amigo*)
- *Você Decide* (episódio *Ligeiramente Grávida*)
- *Dona Flor e Seus Dois Maridos* - Violeta  
Adaptação de Dias Gomes da obra homônima de Jorge Amado, direção Mauro Mendonça Filho

278

## 1997

- *Anjo Mau* - Goretí Garcia  
De Maria Adelaide Amaral, Bosco Brasil, Vincent Villari e Dejair Cardoso, direção Denise Saraceni, José Luiz Villamarim e Emilio di Biasi

## 1996

- *Você Decide* (episódio *Pai de Aluguel*)

## 1995

- *História de Amor* - Sheila Bueno  
De Manoel Carlos, direção de Ricardo Waddington, Roberto Naar e Alexandre Avancini

- *Engraçadinha... Seus Amores e Seus Pecados*  
– Eduarda

## 1994

- *Pátria Minha* - Simone Pelegrini  
De Gilberto Braga, Leonor Bassères, Sérgio Marques, Alcides Nogueira e Ângela Carneiro, direção Dennis Carvalho, Roberto Naar, Ary Coslov e Alexandre Avancini
- *Você Decide* (episódio *A Copa do Mundo é Nossa*)



*Em Anjo Mau*



*Em Anjo Mau*



*Em Pátria Minha*

**1993**

- *Sex Appeal*

**1992**

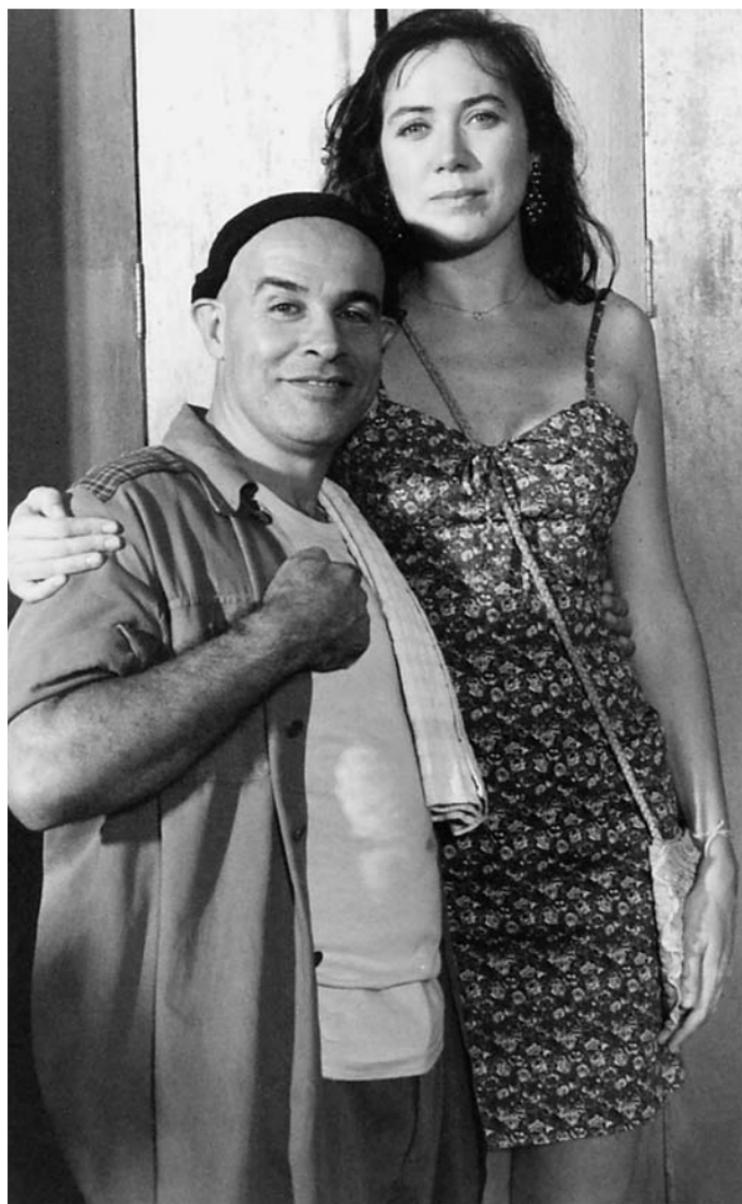
- *Pedra Sobre Pedra* – Dalva

De Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, direção Paulo Ubiratan, Gonzaga Blota e Luiz Fernando Carvalho

- *Você Decide* (episódio *Cigarra ou Formiga*)



Com Osmar Prado, em *Pedra Sobre Pedra*





*Em Pedra Sobre Pedra*

## 1991

- *Salomé* – Ernestina

- *O Portador* - Luciana

De José Antonio de Souza, direção Herval Rossano

## 1989

- *Tieta* – Amorzinho

Adaptação de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares do romance *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, direção Paulo Ubiratan, Reynaldo Boury e Luiz Fernando Carvalho

## 1988

- *Vale Tudo* - Aldeíde Candeias

De Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Basères, direção Dennis Carvalho, Ricardo Waddington e Paulo Ubiratan

285

## 1987

- *Mandala* – Lena

De Dias Gomes, Marcílio Moraes e Lauro César Muniz, direção Ricardo Waddington, José Carlos Pieri e Fábio Sabag

## 1986

- *Hipertensão* – Antonieta

De Ivani Ribeiro, direção Wolf Maya, Carlos Magalhães, Atilio Riccó e Marcelo de Barreto



*Em Salomé*

## **1985**

- *De Quina pra Lua* – Marieta

## **1984**

- *Corpo a Corpo* - Margarida Meireles Fraga Dantas

De Gilberto Braga, direção Dennis Carvalho e Jayme Monjardim

## **1982**

- *Os Imigrantes* - Terceira Geração – Angelina

## **1981**

- *Os Imigrantes*

- *Os Adolescentes*

287

## **Cinema**

### **2001**

- *A Partilha*

Roteiro Miguel Falabella, Daniel Filho, João Emanuel Carneiro e Mark Haskell Smith, direção Daniel Filho

### **1998**

- *Como Ser Solteiro*

Roteiro e direção Rosane Svartman

## **1990**

- *Stelinha*

Roteiro Rubem Fonseca, direção Miguel Faria Jr.

## **1989**

- *Dias Melhores Virão*

Roteiro Antônio Calmon, Vicente Pereira, Vinícius Vianna e Cacá Diegues, direção Cacá Diegues

## **Prêmios - Teatro e Televisão**

- Mambembe 1982
- Mambembe 1983
- Mambembe 1988
- Governador do Estado 1990
- Shell 1993
- Qualidade Brasil 1992 / 1998 / 2005
- Sated 1988
- APCA - Melhor Atriz de Televisão 2006
- Prêmio Extra Televisão - Melhor Atriz 2006
- Prêmio Contigo de TV 2006
- Troféu Imprensa 2006
- Troféu Internet 2006
- Semifinalista do Prêmio Emmy Internacional

## Índice

Apresentação - Hubert Alquéres	5
De olhos bem vermelhos - Analu Ribeiro	13
De olhinhos bem arregalados - Lilia Cabral	19
O reencontro	23
Primo rico, primo pobre	27
Portuguesa com certeza	33
Casinha de boneca	37
O broche e o anel	41
O pecado mora ao lado	45
Cura pela arte	47
Educação experimental	51
Querido diário	55
Uma menina cheia de idéias na cabeça	59
É melhor ser alegre que ser triste	61
Atriz disfarçada	63
A menina indomável	67
A cara e a coragem	69
A saída da Margarida	73
Os cinco sobreviventes	77
Clandestina na EAD	79
Maconheira de araque	83
Educação sexual	87

100% EAD	91
O outro lado da moeda	95
Hugo Della Santa	99
Amostra grátis	103
A briga por um papel	105
De fracassos, sucessos e intrigas	109
O dia em que eu contei para o meu pai	115
Lá e cá	117
Para não deixar a peteca cair	121
O Rio de Janeiro e a televisão	129
O desastre e a felicidade	139
60% empatia, 40% transpiração	143
Cláudio Corrêa e Castro	147
A doença de minha mãe	153
A Semente do Monólogo	157
<i>Solteira, Casada, Viúva, Divorciada</i>	161
<i>Futuro do Pretérito</i>	167
Carreira de viajante	175
Vaidade feminina	177
Uma atriz sempre pronta para entrar em cena	181
Do livro para o palco	183
Um e-mail para o Neco	189
Um papel embrulhado pra presente	193

Casamento	201
<i>A Playboy te quer</i>	203
Dona Amorzinho	205
Quer Pagar Quanto?	211
Diretores e diretores	213
Uma História de Amor e morte	217
Paulo Betti	221
Cinema	223
Iwan Figueiredo	227
Nova família	231
Giulia a caminho	237
Julia Roberts	239
Com açúcar e com afeto	243
Como vestir um personagem	247
Freud explica	251
Miss Simpatia	253
<i>Páginas da Vida</i>	259
A megera adorada	261
Cronologia	265

## **Créditos das fotografias**

Cedoc / TV Globo 57, 119, 127, 134, 135, 136, 149, 173, 192, 194, 195, 206, 208, 209, 212, 254, 258, 272, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 286

Basílio Calazans (Cedoc / TV Globo) 210

Nana Moraes 264

Cristiana Isidoro (Cedoc / TV Globo) 274

Arley Alves (Cedoc / TV Globo) 276

Nelson Di Rago (Cedoc / TV Globo) 277

Demais fotografias acervo pessoal Lília Cabral

## **Coleção Aplauso**

### **Série Cinema Brasil**

#### ***Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma***

Alain Fresnot

#### ***Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro***

Luiz Carlos Merten

#### ***Ary Fernandes – Sua Fascinante História***

Antônio Leão da Silva Neto

#### ***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

#### ***Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida***

Sérgio Rodrigo Reis

#### ***Cabra-Cega***

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

#### ***O Caçador de Diamantes***

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

#### ***Carlos Coimbra – Um Homem Raro***

Luiz Carlos Merten

#### ***Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver***

Marcelo Lyra

#### ***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

#### ***Casa de Meninas***

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

#### ***O Caso dos Irmãos Naves***

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

#### ***Como Fazer um Filme de Amor***

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

***Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade***

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:***

***Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –***

***Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

***Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser***

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Desmundo***

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

***Djalma Limongi Batista – Livre Pensador***

Marcel Nadale

***Dogma Feijoadada: O Cinema Negro Brasileiro***

Jeferson De

***Dois Córregos***

Roteiro de Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***Fernando Meirelles – Biografia Prematura***

Maria do Rosário Caetano

***Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil***

Luiz Zanin Oricchio

***Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo***

Luiz Zanin Oricchio

***Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas***

Pablo Villaça

***O Homem que Virou Suco***

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

***João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias***

Maria do Rosário Caetano

***Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera***

Carlos Alberto Mattos

***José Carlos Burle – Drama na Chanchada***

Máximo Barro

***Maurice Capovilla – A Imagem Crítica***

Carlos Alberto Mattos

***Narradores de Javé***

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

***Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela***

Rogério Menezes

***Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente***

Neusa Barbosa

***Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

***Viva-Voz***

Roteiro de Márcio Alemão

***Zuzu Angel***

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

**Série Crônicas**

***Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças***

Maria Lúcia Dahl

## **Série Cinema**

***Bastidores – Um Outro Lado do Cinema***

Elaine Guerini

## **Série Ciência & Tecnologia**

***Cinema Digital – Um Novo Começo?***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

## **Série Teatro Brasil**

***Alcides Nogueira – Alma de Cetim***

Tuna Dwek

***Antenor Pimenta – Circo e Poesia***

Danielle Pimenta

***Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral***

Alberto Guzik

***Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício***

Org. Carmelinda Guimarães

***Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão***

Org. José Simões de Almeida Júnior

***Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab***

Adélia Nicolete

***Maurice Vaneau – Artista Múltiplo***

Leila Corrêa

***Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem***

Rita Ribeiro Guimarães

***Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC***

Nydia Licia

***Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar***

Neyde Veneziano

*O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera  
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo  
Picasso – Pólvora e Poesia*

Alcides Nogueira

*O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um  
teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora –  
Os Cantos de Maldoror – De Profundis –  
A Herança do Teatro*

Ivam Cabral

*O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O  
Fingidor – A Terra Prometida*

Samir Yazbek

### **Série Perfil**

*Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo*

Tania Carvalho

*Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros*

Rogério Menezes

*Bete Mendes – O Cão e a Rosa*

Rogério Menezes

*Betty Faria – Rebelde por Natureza*

Tania Carvalho

*Carla Camurati – Luz Natural*

Carlos Alberto Mattos

*Cleyde Yaconis – Dama Discreta*

Vilmar Ledesma

*David Cardoso – Persistência e Paixão*

Alfredo Sternheim

*Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida*

Maria Leticia

*Etty Fraser – Virada Pra Lua*

Vilmar Ledesma

***Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar***  
Sérgio Roveri

***Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema***  
Maria Angela de Jesus

***Ilka Soares – A Bela da Tela***  
Wagner de Assis

***Irene Ravache – Caçadora de Emoções***  
Tania Carvalho

***Irene Stefania – Arte e Psicoterapia***  
Germano Pereira

***John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida***  
Neusa Barbosa

***José Dumont – Do Cordel às Telas***  
Klecius Henrique

***Leonardo Villar – Garra e Paixão***  
Nydia Licia

***Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária***  
Tuna Dwek

***Marisa Prado – A Estrela, O Mistério***  
Luiz Carlos Lisboa

***Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão***  
Vilmar Ledesma

***Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família***  
Elaine Guerrini

***Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras***  
Sara Lopes

***Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador***  
Teté Ribeiro

***Paulo José – Memórias Substantivas***  
Tania Carvalho

***Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado***

Tania Carvalho

***Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto***

Wagner de Assis

***Renata Fronzi – Chorar de Rir***

Wagner de Assis

***Renato Consorte – Contestador por Índole***

Eliana Pace

***Rolando Boldrin – Palco Brasil***

Ieda de Abreu

***Rosamaria Murtinho – Simples Magia***

Tania Carvalho

***Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro***

Nydia Licia

***Ruth de Souza – Estrela Negra***

Maria Ângela de Jesus

***Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema***

Máximo Barro

***Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes***

Nilu Lebert

***Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte***

Vilmar Ledesma

***Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?***

Maria Thereza Vargas

***Suely Franco – A Alegria de Representar***

Alfredo Sternheim

***Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza***

Tania Carvalho

***Vera Holtz – O Gosto da Vera***

Analu Ribeiro

*Walderez de Barros – Voz e Silêncios*

Rogério Menezes

*Zezé Motta – Muito Prazer*

Rodrigo Murat

## **Especial**

*Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso*

Wagner de Assis

*Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos*

Tania Carvalho

*Cinema da Boca – Dicionário de Diretores*

Alfredo Sternheim

*Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira*

Antonio Gilberto

*Eva Wilma – Arte e Vida*

Edla van Steen

*Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira*

Álvaro Moya

*Lembranças de Hollywood*

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

*Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida*

Warde Marx

*Ney Latorraca – Uma Celebração*

Tania Carvalho

*Raul Cortez – Sem Medo de se Expor*

Nydia Licia

*Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte*

Nydia Licia

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m<sup>2</sup>

Papel capa: Triplex 250 g/m<sup>2</sup>

Número de páginas: 304

Tiragem: 1.500

Editoração, CTP, impressão e acabamento:  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

---

Ribeiro, Analu

Líliá Cabral: descobrindo Líliá Cabral /Analu Ribeiro.  
- São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo,  
2007.

304p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / coordenador  
geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-398-2

1. Atores e atrizes de teatro – Brasil – Crítica e interpretação 2. Cabral, Líliá 3. Teatro brasileiro 4. Teatro brasileiro – Crítica e interpretação I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 792.092 81

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia e obra :

Crítica e interpretação : Representação públicas : Artes  
791.092 81

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional  
(Lei nº 10.994, de 14/12/2004)

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Rua da Mooca, 1921 Mooca  
03103-902 São Paulo SP  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)  
[livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)  
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109  
Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)

editoração, ctp, impressão e acabamento

**imprensaoficial**

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP  
Fones: 6099-9800 - 0800 0123401  
[www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)

O sucesso e os prêmios recebidos pela personagem Marta, na novela de Manoel Carlos, *Páginas da Vida*, é apenas mais um capítulo na bem-sucedida carreira de **Lília Cabral**, certamente uma das melhores atrizes brasileiras de sua geração. Sem medo de interpretar personagens antipáticos, até mesmo vilões, Lília construiu uma carreira sólida no cinema (quem se esquece de *A Partilha*, de Fallabella e Daniel Filho, onde fazia Lúcia, a irmã que retorna da França); no teatro (desde o marcante *Feliz Ano Velho*, dirigida por Paulo Betti, até o êxito de *Divã*) e, naturalmente, na televisão (*Chocolate com Pimenta*, *Sabor da Paixão*, *Laços de Família*, *Anjo Mau*, *Tieta*).



Quem conta a história desta paulistana de origem italiana é a jornalista **Ana Lúcia Ribeiro** (também autora da biografia de Vera Holtz para a *Coleção Aplauso*). É um relato entusiasmado, emocionante, cheio de revelações e surpresas.



Mais um grande lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, em seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-398-2



9 788570 603982